

**JOHANN GERHARD.**

# **MEDITAÇÕES SAGRADAS.**

**Traduzido do inglês por Murylo D. Chaussê.**

Email: [academylutheran@gmail.com](mailto:academylutheran@gmail.com).

Esta obra foi traduzida para o português a partir da versão em inglês de 1896, feita pelo Rev. C. W. Heisler, A. M., pela Lutheran Publication Society.

# INTRODUÇÃO.

Uma nova tradução do admirável manual devocional de Johann Gerhard não necessita de justificativas. As *Meditationes Sacrae* foram publicadas pela primeira vez em latim no ano de 1606, quando o autor tinha apenas vinte e dois anos. A obra tem a singular distinção de ser o único trabalho escrito por um jovem que conquistou e manteve um profundo e duradouro vínculo com a Igreja, expressando uma devoção elevada e uma percepção espiritual tão justa, que todos, até mesmo aqueles de fé mais madura, poderiam ser guiados e elevados pelas meditações de um discípulo tão jovem de Cristo. O livro foi frequentemente reimpresso em latim; foi rapidamente traduzido para o alemão e, mais tarde, para a maioria das línguas europeias, incluindo o grego. Também foi agraciado com uma versão em árabe. A tradução inglesa feita por R. Winterton (1631) teve pelo menos dezenove edições. No seu espírito devocional, equipara-se à *Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis, ao *Das Wahres Christenthum*, de Arndt, e ao *Holy Living and Dying*, de Taylor. Não é um livro volumoso, mas é uma obra preciosa.

Johann Gerhard nasceu em uma boa família em Quedlinburg, no dia 17 de outubro de 1582. Aos quinze anos, durante uma enfermidade perigosa que durou cerca de um ano, ficou sob a influência pessoal de Johann Arndt e decidiu estudar para o ministério. Em 1599, ingressou na Universidade de Wittenberg. Durante seus estudos, abandonou temporariamente

seu objetivo e dedicou-se por dois anos ao estudo da medicina. Contudo, em 1603, retomou seus estudos teológicos em Jena. Ao concluir o curso, começou a lecionar em Jena em 1605. Em 1606, o mesmo ano em que as *Meditationes Sacrae* foram publicadas, aceitou o convite do duque de Coburg para uma posição de professor no Ginásio de Coburg e para a superintendência de Heldburg.

Em 1616, tornou-se professor na Universidade de Jena, onde permaneceu até sua morte. Embora ainda relativamente jovem, Gerhard já era considerado o maior teólogo vivo da Alemanha protestante; nas inúmeras disputas que caracterizavam o período, ele era sempre o protagonista, e em todas as questões públicas e domésticas relativas à religião ou à moral, seu conselho era ansiosamente solicitado por todas as classes. Quase todas as universidades da Alemanha o convidaram, bem como a Universidade de Upsala na Suécia, mas sem sucesso. Seus escritos revelam um trabalho gigantesco, sendo ao mesmo tempo volumosos e variados, abrangendo teologia exegética, polêmica, dogmática e prática. Todos demonstram estudo paciente, grande capacidade intelectual, amplo conhecimento e experiência religiosa. Luthardt diz que, como teólogo, *“ele combinava raro aprendizado, grande agudeza, extraordinária dedicação, julgamento sólido e habilidade prática, com ardente piedade.”*

Sua grande obra, *Loci Theologici*, iniciada em 1610 e concluída em 1621, na qual expõe a teologia da Igreja Luterana, é considerada sua obra-prima teológica, caracterizada por ampla

erudição, força lógica, clareza, minuciosa elaboração de cada questão e um uso prático e espiritual do dogma. *“Bossuet é apontado como o autor da célebre observação de que Gerhard é o terceiro (Lutero, Chemnitz, Gerhard) em uma série de teólogos luteranos, na qual não há um quarto.”*

Gerhard faleceu no dia 20 de agosto de 1637. Diz-se que, pessoalmente, ele combinava todas as excelências do caráter cristão, sendo sua única falha, se é que se pode chamar assim, um amor excessivo pela paz. As Meditações confirmam amplamente sua fervorosa piedade e profundo discernimento espiritual, que só poderiam ser adquiridos por uma comunhão viva com o Senhor.

A tradução deste volume foi confiada ao Rev. Charles W. Heisler, A.M., que realizou sua tarefa com amor e fidelidade, considerando-a um trabalho agradável e afim.

A era em que vivemos é prática e enérgica, mais voltada ao trabalho do que à meditação. Necessita da correção que livros como este proporcionam, ensinando que existe uma grandeza espiritual que só pode ser alcançada pela meditação e pela oração.

É bom trabalhar, mas o trabalho mais elevado só pode vir das almas mais grandiosas, que são nutridas pela comunhão com Deus. Por isso, este volume é publicado na esperança de

que suas páginas proporcionem a muitos um auxílio para uma comunhão mais elevada e profunda com o Mestre, para seu conforto inefável e maior eficácia como colaboradores d'Ele em Seu reino.

— Chas. S. Albert.

# MEDITAÇÃO I. VERDADEIRA CONFISSÃO DO PECADO.

*Reconhecer uma Falta é Curá-la.*

Ó Deus Santo (Lv 11:45), justo Juiz (Sl 7:12), meus pecados estão sempre diante dos Teus olhos e presentes em Teu pensamento. A cada hora penso na morte, pois a cada hora ela me ameaça. A cada dia reflito sobre o julgamento (2Co 5:10), pois em cada dia devo prestar contas no Dia do Juízo. Examino minha vida e vejo que ela é completamente vã e ímpia. Vãs e sem proveito são muitas de minhas ações; mais vãs ainda são muitas de minhas palavras, e a maioria de meus pensamentos está cheia de vaidade. E minha vida não é apenas vã, mas também ímpia e maligna; nada de bom encontro nela. Mesmo que eu pudesse encontrar algo aparentemente bom, ele não seria realmente bom e perfeito, pois está manchado pelo pecado original e pela natureza corrompida. O piedoso Jó disse (Jó 9:28): *“Tenho medo de todas as minhas obras”*. Se um santo tão piedoso se queixa assim, o que eu, miserável pecador, devo dizer de mim? *“Todas as nossas justiças são como trapos imundos”* (Is 64:6). Se tal é nossa justiça, o que então será nossa injustiça? *“Quando tiverdes feito tudo o que vos foi mandado, dizei: Servos inúteis somos”* (Lc 17:10), disse o Salvador. Se somos inúteis ao obedecer, certamente somos abomináveis ao transgredir Suas ordens. Se devo a Ti, ó Deus Santo, tudo o que sou e posso fazer mesmo sem cometer pecado, o que poderia oferecer-Te

quando peço? Nossa justiça, por mais excelente que nos pareça, comparada com a Tua, nada é senão injustiça. Uma lâmpada que brilha na escuridão é ofuscada à luz do sol. Muitas vezes, um pedaço de madeira parece reto até que, comparado a uma régua, revela-se torto. Frequentemente, a impressão de um selo parece perfeita ao observador comum, mas o olhar do artesão descobre muitos defeitos. Assim, uma ação que resplandece aos olhos de quem a realiza pode parecer insignificante ao pensamento do Juiz; pois os julgamentos dos homens são uma coisa, e os julgamentos de Deus, outra. A lembrança de meus muitos pecados me aterroriza; mas, oh, quantos mais escapam à minha memória! *“Quem pode compreender os próprios erros? Purifica-me Tu dos pecados ocultos”* (Sl 19:12), ó Senhor. Não ousou levantar meus olhos para o céu (Lc 18:13), pois ofendi Aquele que habita nos céus. Nem encontro refúgio na terra. Como ousarei esperar qualquer favor da criatura, uma vez que ofendi o Senhor de todas as criaturas? Meu adversário, o diabo, acusa-me (Ap 12:10). *“Tu, justo Juiz,”* diz ele a Deus, *“adjudica-o a mim por causa de seu pecado, pois não quis ser Teu mediante a oferta de Tua graça; Teu ele é por natureza, meu pelo deleite voluntário no pecado; Teu ele é pela Tua paixão, meu pela minha persuasão; desobediente a Ti, ele foi obediente a mim; de Ti recebeu o manto da imortalidade e inocência, de mim recebeu essas vestes rasgadas da injustiça; perdeu o Teu manto, e diante de Ti ele vem com o meu. Adjudica-o, então, a mim, e condena-o a compartilhar da minha eterna danação.”*

Todos os elementos se levantam em julgamento contra mim. Os céus clamam: *“Eu te confortei com luz.”* O ar exclama: *“Eu te ofereci cada variedade de pássaros para o teu prazer.”* A água



declara: *“Eu te concedi todos os tipos de peixes para o teu sustento.”* A terra proclama: *“Eu te forneci pão e vinho para tua nutrição. Ainda assim, abusaste de todas essas coisas e trouxeste desprezo sobre nosso Criador comum. Que todas as nossas bênçãos, portanto, se transformem em instrumentos de tortura para ti!”* O fogo clama: *“Que ele seja queimado em mim!”* A água exclama: *“Que ele se afogue em mim!”* O ar grita: *“Que ele seja açoitado e atormentado pelas minhas tempestades!”* A terra brada: *“Que ele seja engolido por mim!”* E o fogo novamente diz: *“Que as minhas chamas o devorem!”*

Os santos anjos, que Deus me deu como espíritos ministradores e companheiros na vida futura, também me acusam. Infelizmente, por meus pecados, privei-me de seu ministério sagrado nesta vida e da esperança bendita de sua companhia na vida por vir. A própria voz de Deus, a lei divina, também é minha acusadora: essa lei devo ou cumprir, ou perecer; mas, para mim, cumprir essa lei é claramente impossível, e o pensamento de perecer é absolutamente intolerável. Deus, o Juiz inflexível, o executor onipotente de Sua própria lei eterna, acusa-me. A Ele não posso enganar, pois Ele é a própria sabedoria; d’Ele não posso fugir, pois Seu poder reina em todo lugar. Para onde, então, fugirei (Sl 139:7)? Para Ti, ó bendito Cristo, meu único Redentor e Salvador, eu corro em busca de refúgio. Grandes, de fato, são os meus pecados, mas maior ainda é a satisfação que fizeste por eles; grande é minha injustiça, mas maior ainda é a Tua justiça. Admito meu pecado; oh, Tu, graciosamente perdoa a pena. Eu o revelo; Tu, misericordiosamente, esconde-o. Eu o descubro em arrependimento; Tu, graciosamente, oculta-o. Em mim não há

nada senão pecado, que merece Tua condenação; em Ti não há nada senão graça, que me oferece uma bendita esperança de salvação. Cometi muitos pecados pelos quais poderia ser justamente condenado, mas Tu não omitiste nada, para que pudesses salvar-me graciosamente. Ouço uma voz em Cânticos (2:14) que me ordena esconder-me nas fendas da rocha. Tu és a rocha inamovível (1Co 10:4), e Tuas feridas são essas fendas; nelas me esconderei contra as acusações de todo o mundo. Meus pecados clamam ao céu por vingança; mas mais poderosamente clama o Teu sangue derramado pelos meus pecados (Hb 12:24). Meus pecados poderosamente me acusam diante de Deus; mas Tua paixão é mais poderosa para minha defesa. Minha vida terrivelmente ímpia clama por minha condenação; mas Tua vida santa e justa intercede mais poderosamente ainda por minha salvação. Apelo do trono de Tua justiça ao trono de Tua misericórdia; nem desejo comparecer perante o Teu tribunal de juízo, a menos que o Teu santíssimo mérito interceda entre mim e o Teu julgamento.

# **MEDITAÇÃO II. UM EXERCÍCIO DE ARREPENDIMENTO NA PAIXÃO DE NOSSO SENHOR.**

*Contempla o Cristo Sofredor!*

Contempla, ó alma fiel, a dor do teu Senhor na cruz, Suas chagas abertas enquanto Ele ali pende, e a terrível agonia de Sua morte. Aquela cabeça, diante da qual os espíritos angélicos se prostram em temor reverente, está perfurada por uma coroa de espinhos. Aquele rosto, mais belo que todos os filhos dos homens, está manchado pelo cuspe dos ímpios. Aqueles olhos, mais luminosos que o sol, escurecem na morte. Aqueles ouvidos, habituados aos louvores das hostes angélicas, são recebidos com insultos e zombarias dos pecadores. Aquela boca, que falou como nunca homem algum falou e instruiu os anjos, é forçada a beber vinagre e fel. Aqueles pés, ao estrado dos quais se presta a mais profunda adoração (Is 66:1), estão perfurados com cravos. Aquelas mãos, que estenderam os céus (Is 45:12), estão pregadas à cruz. Aquele corpo, a morada mais sagrada e a habitação puríssima da divindade, é açoitado e transpassado por uma lança. E, em tudo isso, nada restou sem ferida, exceto Sua língua, para que Ele pudesse orar por aqueles que O crucificaram (Lc 23:34). Aquele que governa no céu com o Pai é desonrado de modo infame na cruz pelos pecadores. Deus sofre; Deus derrama Seu sangue (At 20:28). Pelo preço imenso pago, compreende a

imensidão de teu perigo; e pelo custo do remédio, julga a gravidade de tua doença. Grandes, de fato, foram tuas feridas de pecado, que só poderiam ser curadas pelas chagas da carne viva e vivificante do Filho de Deus; desesperadora foi tua doença, que só poderia ser curada pela morte do próprio Médico.

Considera, ó alma fiel, a ardente ira de Deus. Após a queda de nosso primeiro pai, o Filho unigênito, eterno e bem-amado de Deus tornou-Se nosso intercessor; e ainda assim a ira de Deus não se afastou de nós. Aquele por quem Deus fez os mundos (Hb 1:2) intercedia por nós; e, por nossa causa, míseros pecadores, Ele, o Altíssimo, tornou-Se o Advogado de nossa salvação (1Jo 2:1). Mesmo assim, a ira divina permanecia sobre nós. O Salvador reveste-Se de nossa carne, para que a glória divina, comunicada à nossa humanidade, fizesse expiação pela carne pecadora; e para que o poder curativo da perfeita justiça purgasse o veneno do pecado inerente a nós. Contudo, a ira de Deus ainda não se afastou. Ele assume nossos pecados e os justos merecimentos deles: Seu corpo precioso é amarrado, açoitado, ferido, transpassado e crucificado; Seu sangue jorra abundantemente, como orvalho, de todas as partes de Seu corpo sofredor; Sua alma santíssima é entristecida até a morte (Mt 26:38). Ele experimenta as próprias dores do inferno, e o Filho eterno de Deus clama em horror, sentindo-Se abandonado pelo Pai (Mt 27:46). Ele sua gotas de sangue e sofre tamanha angústia que precisa do consolo de um anjo (Lc 22:43), Aquele mesmo que conforta todos os anjos. Ele morre, Aquele que dá a vida a todos. Se isso se faz ao madeiro verde, o que será feito ao seco (Lc 23:31)? Se isso acontece ao Justo e Santo, o que será feito aos pecadores? Se Deus assim pune nossos pecados na

peessoa de Seu Santo Filho, como os punirá em nós? Como poderá Deus tolerar no servo aquilo que Ele castigou tão severamente em Seu próprio Filho? O que sofrerão aqueles a quem Ele condena, se Seu Filho único, a quem Ele tanto ama, sofreu tanto? Se Cristo, que veio ao mundo sem pecado, não pôde sair dele sem amargo sofrimento, quanto mais severo castigo merecerão aqueles que nascem, vivem e morrem em pecado? O servo regozija-se, enquanto, por seu pecado, o Filho amado é severamente afligido. O servo acumula sobre si a ira do Senhor, enquanto o Filho labora intensamente para suavizar e aplacar a indignação divina. Ó, a infinita ira de Deus! Ó, Sua indignação inefável! Ó, o inconcebível rigor da justiça divina! Se Deus derrama Sua santa ira sobre Seu unigênito e bem-amado Filho, participante de Sua própria natureza divina, não por algum pecado d'Ele, mas porque Ele assumiu o lugar do miserável servo, o que será feito ao servo que persiste em seus pecados com tamanha confiança? Que o servo tema e trema, e se entristeça profundamente ao contemplar o que merece, pois o Filho bendito é tão castigado sem culpa alguma. Que o servo tema, ele que não cessa de pecar, enquanto o Filho agoniza tanto por causa do pecado. Que a criatura tema, ela que crucificou seu Criador. Que o servo tema, ele que matou seu Senhor. Que o ímpio e o pecador temam, eles que tanto afligiram o Santo e Justo. Ouçamos nosso Salvador, ó meus amados, clamando em alta voz a nós; ouçamos atentamente enquanto Ele derrama amargas lágrimas por nossa causa. Da cruz Ele clama: *“Vê, ó homem pecador, o que sofro por ti; a ti clamo, pois por ti estou morrendo. Vê o castigo infligido a Mim! Vê os cravos que Me transpassam. Não há dor como a Minha dor, e, embora Meus sofrimentos exteriores sejam grandes, muito maior é a agonia de*

*Meu coração, porque te encontro tão ingrato.”* Tem piedade de nós, tem piedade de nós, ó único Deus de misericórdia, e converte nossos corações de pedra a Ti!

# **MEDITAÇÃO III. OS BENEFÍCIOS DO VERDADEIRO ARREPENDIMENTO.**

*“Arrependei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo”,  
diz Cristo (Mt 3:2).*

O fundamento e princípio de uma vida santa é a tristeza piedosa pelo pecado. Pois onde há verdadeiro arrependimento, há perdão dos pecados; onde há perdão dos pecados, há a graça de Deus; onde há a graça de Deus, há Cristo; onde Cristo está, há o mérito de Cristo; onde há o mérito de Cristo, há satisfação pelos pecados; onde há satisfação, há justificação; onde há justificação, há uma consciência alegre e tranquila; onde há paz de consciência, há o Espírito Santo; onde o Espírito Santo está presente, há a sempre bem-aventurada Trindade; e onde a Trindade habita, há vida eterna. Portanto, onde há verdadeiro arrependimento, há vida eterna. Consequentemente, onde não há verdadeiro arrependimento, não há perdão dos pecados, nem a graça de Deus, nem Cristo, nem Seu mérito, nem satisfação pelos pecados, nem justificação, nem paz de consciência, nem o Espírito Santo, nem a bem-aventurada Trindade, nem vida eterna. Por que, então, adiamos o arrependimento? Por que o deixamos para o amanhã? Nem o amanhã, nem o verdadeiro arrependimento estão sob nosso controle. Pois, no julgamento final, teremos que prestar contas não apenas pelo amanhã, mas

também pelo hoje. Não é certo que o amanhã virá, mas é certo que a destruição eterna alcançará os impenitentes. Deus prometeu graça à alma arrependida, mas não prometeu o amanhã.

A satisfação de Cristo não tem efeito senão no coração verdadeiramente contrito. *“As vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus,”* escreve o profeta Isaías (Is 59:2); mas, através do arrependimento, somos novamente restaurados ao Seu favor. Confessa e lamenta a culpa de teu pecado; assim perceberás que Deus está reconciliado contigo em Cristo. *“Apaguei as tuas transgressões como a névoa”* (Is 44:22), diz o Senhor. Nossos pecados foram, portanto, registrados no tribunal celestial. *“Esconde o Teu rosto dos meus pecados”* (Sl 51:9), ora o profeta. O Senhor pôs nossas iniquidades diante Dele (Sl 90:8). *“Volta para nós, ó Senhor”* (Sl 90:13), foi a oração de Moisés. Assim, nossos pecados nos separam de Deus. *“Nossos pecados testemunham contra nós”* (Is 59:12), queixa-se o profeta Isaías. Portanto, eles nos acusam perante o tribunal da justiça divina. *“Purifica-me do meu pecado”* (Sl 51:2), suplica Davi; e assim o pecado é revelado como uma imundície repugnante aos olhos de Deus. *“Cura a minha alma, pois pequei contra Ti”* (Sl 41:4), ele ora novamente. E assim, o pecado é uma doença da alma. *“Aquele que pecar contra mim, a este riscarei do meu livro”* (Êx 32:33), diz o Senhor. Portanto, por causa de nossos pecados, seremos riscados do livro da vida. *“Não me lances fora da Tua presença”* (Sl 51:11), foi a fervorosa oração do Salmista. Assim, por nossos pecados, Deus nos rejeita. *“Não retires de mim o Teu Espírito Santo”* (Sl 51:11). Portanto, pelo pecado expulsamos o Espírito Santo de Deus do templo de nossos corações, assim



como as abelhas são expulsas pela fumaça e as pombas pelo mau cheiro. *“Restaura em mim a alegria da Tua salvação”* (Sl 51:12). Portanto, o pecado traz angústia à alma e consome as próprias forças de nossos corações. *“A terra está contaminada por seus habitantes, porque transgrediram as leis,”* exclama o profeta Isaías (Is 24:5). Portanto, o pecado é uma espécie de veneno infeccioso. *“Das profundezas clamo a Ti, ó Senhor”* (Sl 130,1), diz o salmista. Assim, por nossos pecados, somos lançados até mesmo ao inferno. Outrora, *“éramos mortos em delitos e pecados”* (Ef 2,1), conforme o apóstolo. Portanto, o pecado é a morte espiritual para a alma. Através do pecado mortal, o homem perde Deus. Deus é o Bem infinito e incompreensível; perder Deus é, portanto, uma calamidade infinita e inconcebível. Como Deus é o maior Bem, assim o pecado é o maior mal. As punições e aflições não são males reais, porque muito bem pode surgir delas. Pelo contrário, devemos considerá-las boas, pois vêm de Deus, o Bem supremo, de quem nada além do bem pode vir. O próprio Cristo, o Bem supremo, sofreu tais aflições, e Ele não poderia participar de algo que fosse realmente mau. Elas também nos conduzem ao maior Bem, que é a vida eterna. Através do sofrimento, Cristo entrou em Sua glória (Lc 24,26); e através de muita tribulação devemos nós, cristãos, entrar na vida eterna (At 14,22). O pecado é o maior mal, porque nos afasta do Bem supremo; quanto mais nos aproximamos de Deus, mais nos afastamos do pecado; quanto mais nos aproximamos do pecado, mais nos afastamos de Deus. Quão salutar é, então, o verdadeiro arrependimento, que nos liberta do pecado e nos conduz de volta a Deus. O pecado é tão excessivamente pecaminoso por causa da grandeza de Deus, a quem ofendemos com nosso pecado; e tão grande é Ele, que os

céus e a terra não podem contê-Lo. E, por outro lado, nosso arrependimento é tão grande devido à grandeza Daquele a quem retornamos através de nosso arrependimento. A consciência do pecador, que ele manchou com o pecado, o Criador a quem ofendeu, a própria culpa que ele cometeu, as bênçãos que abusou e o diabo, a cuja influência foi cometido, todos se unem em acusações contra ele. Quão bem-aventurado é o arrependimento que o liberta de tal acusação!

Apressemos-nos, pois, apressemos-nos em usar esse remédio soberano para nossa doença pecaminosa. Se tu te arrependesses até mesmo na hora da morte, não abandonarias tanto teus pecados, mas teus pecados te abandonariam. Dificilmente encontrarás alguém que tenha se arrependido verdadeiramente na hora da morte, exceto o ladrão na cruz. *“Catorze anos te servi”* (Gn 31:41), disse Jacó a Labão; *“já é tempo de que eu cuide da minha própria casa,”* e tu — se foste tão cuidadoso com tua vida neste mundo por tantos anos — não é razoável e apropriado que comeces agora a cuidar de tua alma imortal? Dia após dia nossa natureza carnal nos leva a novos pecados; que o Espírito Santo então os lave pela nossa tristeza e arrependimento diários. Cristo morreu para que o pecado morresse em nós; e podemos deixá-lo viver e reinar em nossos corações, já que o próprio Filho de Deus entregou Sua vida para destruir seu poder em nós?

Cristo não entra no coração de um homem a menos que um João Batista prepare primeiro o caminho para Ele através do arrependimento. Deus não derrama o óleo de Sua misericórdia

senão no vaso de um coração verdadeiramente contrito. Deus primeiro coloca a alma como que à morte, através da contrição, para que depois a vivifique através da consolação do Espírito Santo (1Sm 2:6). Ele a lança ao inferno em piedosa tristeza pelo pecado, para que a levante novamente pelo bendito poder de Sua graça. Elias primeiro ouviu o vento forte e poderoso que fendia os montes e quebrava as rochas, depois o vento, um terremoto, depois o terremoto, um fogo; e finalmente uma voz suave e tranquila (1Rs 19:12); assim, o terror da lei precede a doçura do amor divino, e a tristeza pelo pecado precede a consolação do Espírito. Deus não enfaixa tuas feridas até que reconheças e deplores teu pecado. Deus não cobre tuas iniquidades até que primeiro as descubras em penitência humilde; Ele não as perdoa até que as tenhas confessado; Ele não te justifica até que primeiro te tenhas condenado; e Ele não te oferece Suas ricas consolações até que primeiro tenhas desesperado de ajuda em ti mesmo. Que Deus opere verdadeiro arrependimento em nós através do Seu Espírito Santo!

# MEDITAÇÃO IV. O NOME DE JESUS.

*Quão doce pode ser o nome de Jesus!*

Ó bendito Jesus, sê verdadeiramente um Jesus para mim; por amor do teu santo nome, tem compaixão de mim! Minha vida me condena, mas o nome de Jesus me salvará. Por amor do teu nome, trata-me conforme o teu nome; e, já que tu és um Salvador verdadeiro e grande, certamente olharás com misericórdia para aqueles que são verdadeiros e grandes pecadores. Tem misericórdia de mim, ó bendito Jesus, no dia da misericórdia, para que não me condenes no dia do julgamento. Se tu me receberes no seio da tua compaixão, não serás mais apertado por causa de mim; se me concederes algumas migalhas da tua bondade, não serás, por isso, mais pobre. Para mim tu nasceste (Is 9:6), para mim tu foste circuncidado, para mim também tu és Jesus. Quão doce e agradável é o nome de Jesus! Pois, o que é Jesus, senão Salvador? E que mal real pode acontecer aos salvos? O que além da salvação podemos buscar ou esperar? Recebe-me, ó Senhor Jesus, no número de teus filhos, para que com eles eu louve teu santo e salvador nome. Se, pelo meu pecado, perdi minha inocência original, privarei a ti de tua misericórdia? Se destruí e condenei miseravelmente a mim mesmo, não podes tu, com compaixão, me salvar?

Não olhes, ó Senhor, para os meus pecados de modo a esquecer tua própria misericórdia. Não pesarás nem medirás minhas ofensas de forma que elas possam superar o teu mérito. Não considerarás o meu mal de modo a negligenciar teu próprio bem. Não te lembres da ira contra o culpado, mas lembra-te da tua misericórdia para com o miserável pecador. Não cumprirás, ó Cristo, aquele que me deste o desejo de te buscar, o meu ardente anseio? Não ocultarás, tu que me mostraste minha indignidade e justa condenação, o teu mérito e a promessa da vida eterna? Diante de um tribunal celestial, minha causa deverá ser julgada, mas consolo-me que, nesse tribunal, o nome de Salvador te foi dado; pois esse bendito nome foi trazido do céu pelo anjo (Lc 2:21). Ó Jesus, o mais misericordioso, a quem serás Jesus, senão aos miseráveis pecadores que buscam graça e salvação?

Aqueles que confiam em sua própria justiça e santidade buscam a salvação em si mesmos, mas eu, que não encontro em mim nada digno da vida eterna, fujo para ti como meu Salvador. Salva-me, pois estou condenado; tem misericórdia de mim, pois sou pecador; justifica-me, pois sou injusto; absolve-me, pois estou sob acusação de pecado. Tu, ó Senhor, és a Verdade (Jo 14:6); teu nome é santo e verdadeiro. Portanto, que teu nome seja verdadeiro a meu respeito: sê tu meu Jesus e meu Salvador! Sê tu meu Jesus na vida presente; sê tu meu Jesus na morte; sê tu meu Jesus no último julgamento; sê tu meu Jesus na vida eterna. E certamente o serás, ó bendito Jesus; porque, assim como és imutável em essência, serás também em misericórdia. Teu nome não será mudado, ó Senhor Jesus, por causa de um miserável pecador como eu. Não, mas tu serás Salvador até

mesmo para mim, pois não lançarás fora ninguém que venha a ti. Tu me deste o desejo de vir a ti, e certamente me receberás quando eu vier, pois tuas palavras são verdade e vida (Jo 6:63).

E se a propagação do pecado original em mim me condena, ainda assim tu és meu Jesus. E se minha concepção em pecado me condena, ainda assim tu és meu Jesus. E se minha criação em pecado e sob a maldição me condena, ainda assim tu és meu Salvador. E se meu nascimento corrompido me condena, ainda assim tu és minha Salvação. E se os pecados da minha juventude me condenam, ainda assim tu és meu Jesus. E se o curso de toda a minha vida, manchada pelo pecado mais grave, me condena, ainda assim tu permaneces meu Jesus! E se a pena de morte que deve ser infligida sobre mim por meus pecados e várias transgressões me condena, ainda assim tu és meu Salvador! E se a terrível sentença do último julgamento se levantar contra mim, ainda assim confiarei em ti e fugirei para ti como meu Jesus, meu Salvador!

Sou pecador, réprobo, condenado; mas em teu santo nome há justiça, eleição e salvação. Em teu nome fui batizado; em teu nome creio; em teu nome morrerei; em teu nome ressuscitarei, e em teu bendito nome comparecerei no julgamento. Em teu nome todo o bem concebível está reservado para minha alma e guardado em depósito como um tesouro sagrado. Ai de mim! Quão grande parte deste bem perdi por minha própria desconfiança.

Ó bendito Jesus, imploro-te fervorosamente: remove graciosamente esta desconfiança de mim, para que eu, a quem desejas tão misericordiosamente salvar pelo teu precioso mérito e pelo nome vivificante, não me condene por minha própria culpa e incredulidade.

# MEDITAÇÃO V. UM EXERCÍCIO DE FÉ NO AMOR DE CRISTO NA AGONIA DA MORTE.

*A mim, a graça de Jesus é de valor infinito.*

Eis, ó Senhor Jesus, como de forma vil tratei Tua paixão; meu coração está profundamente dolorido, e minha alma, grandemente entristecida, pois não tenho obras nem méritos próprios para oferecer pela minha salvação. No entanto, já que Tua paixão, ó Jesus, pode ser a minha obra, que Tuas obras também sejam o meu mérito. Certamente, não trato corretamente Tua paixão, pois, sendo ela amplamente suficiente para minha salvação, busco suplementá-la com minhas próprias boas obras. E, se descobrisse alguma justiça em mim, Tua justiça não teria valor para mim ou, certamente, não a desejaria com tanto ardor. Se busco justificar-me pelas obras da lei, serei condenado pela lei. Mas sei que não estou mais sob a lei, mas sob a graça (Rm 6:14). Vergonhosamente vivi: “Ó Pai Santo, pequei contra o céu, e não sou mais digno de ser chamado Teu filho” (Lc 15:21); mas não recuses me chamar Teu servo. Não negues, eu Te suplico, os abençoados benefícios de Tua paixão. Não permitas que Teu precioso sangue se torne ineficaz para libertar minha alma do pecado. O pecado sempre habitou em mim; eu Te suplico que agora ele morra comigo. Até aqui, a carne teve domínio sobre mim; agora, que o Espírito triunfe em mim. Que o homem exterior



pereça, para que o homem interior ressuscite para nova glória. Até aqui, sempre segui as tentações do diabo; agora, eu Te peço que ele seja pisado sob meus pés (Rm 16:20). Satanás está à mão para me acusar, mas ele não tem nada em mim. A própria ideia da morte me aterroriza; e ainda assim, a morte marcará o fim dos meus pecados e o começo de uma vida perfeitamente santa. Então, finalmente, poderei agradar-Te perfeitamente, ó meu Deus; então, finalmente, estarei estabelecido na bondade e na virtude. Satanás ergue meus pecados diante de mim para me aterrorizar; mas que ele acuse Aquele que tomou sobre Si as minhas enfermidades, e a quem o Senhor feriu por meus pecados (Is 53:4). Minha dívida é imensa, nem posso pagar nem uma pequena parte dela; mas confio nas riquezas e na bondade do meu Fiador; que Ele me liberte, Aquele que se fez fiador por mim; que Ele pague, Aquele que tomou minha dívida sobre Si. Eu pequei, ó Senhor, e meus pecados são muitos e grandes além da medida; e, ainda assim, que eu nunca cometa voluntariamente o pecado mais hediondo de Te acusar de mentiroso, quando declaras por palavras, obras e juramento que perfeita satisfação foi prestada pelas minhas iniquidades. Não temo meus pecados, pois Tu és a minha justiça; não temo minha ignorância, pois Tu és a minha sabedoria (1Co 1:30); não temo a morte, pois Tu és a minha vida (Jo 14:6); não temo meus erros, pois Tu és a minha verdade; não temo a minha corrupção, pois Tu és a minha ressurreição (Jo 11:25); não temo as dores da morte, pois Tu és a minha alegria; não temo nem mesmo os terrores do juízo, pois Tu és a minha justiça.

Que o orvalho de Tua divina graça e de Tua consolação vivificante seja infundido na minha alma enfraquecida. Meu

espírito está secando dentro de mim, mas logo exultará em Ti; minha carne definha e murcha, mas logo ressurgirá em nova vida; a natureza do meu corpo é tal que devo passar pela corrupção, mas da corrupção Tu me livrarás, como me livraste de todo outro mal. Tu, ó Deus, me criaste; e como pode a obra das Tuas mãos perecer? Tu me livraste de todos os meus inimigos; como, então, poderia a morte prevalecer contra mim? Teu corpo, Teu sangue e tudo o que Tinhas, até Teu próprio ser, Tu deste para minha salvação, e então a morte irá me privar do que foi adquirido com tão caro resgate? Tu és a minha justiça, ó Senhor Jesus; meus pecados não prevalecerão contra Ti. Tu és a Ressurreição e a Vida, a morte não prevalecerá contra Ti; Tu és Deus, Satanás não prevalecerá contra Ti. Tu me deste o penhor do Teu Espírito (2Co 1:22); nisso eu me glorio, nisso eu triunfo; e firmemente creio, sem duvidar, que logo serei admitido ao banquete nupcial do Cordeiro (Ap 19:7). Tu, ó meu mais querido esposo, és o meu traje de noiva, que vesti no meu batismo (Gl 3:27); Tu cobrirás toda a minha nudez; nem tentarei costurar sobre este vestido tão precioso e belo os vilipendiados trapos da minha própria justiça; pois o que é nossa justiça diante de Ti, senão trapos imundos (Is 64:6)? Como eu ousaria então remendar a túnica da Tua gloriosa justiça com meus próprios trapos abomináveis? Neste vestido me apresentarei diante do Teu tribunal, quando julgares o mundo com justiça e equidade (At 17:31). Neste traje me apresentarei diante de Ti no Teu reino celestial; este manto cobrirá tão completamente a minha confusão e vergonha, que elas nunca mais serão lembradas. Então, eu me apresentarei diante de Tua face, glorioso e santo, e esta carne minha, este corpo meu, será vestido com a Tua resplandecente glória, uma glória que continuará para sempre.

Vem, Senhor Jesus, vem; e diga aquele que Te ama: vem (Ap 22:20)!

# **MEDITAÇÃO VI. CONSOLAÇÃO PARA A ALMA PENITENTE NA PAIXÃO DE CRISTO.**

*A Cruz de Cristo é nossa Coroa.*

(Escrita durante uma grave enfermidade, em 1º de janeiro de 1604.)

Toda a glória dos piedosos está na vergonha da paixão de nosso Senhor. Todo o descanso deles está nas feridas de nosso Salvador crucificado. Sua morte é nossa vida; Sua exaltação é nossa glória. Quão grande é a Tua misericórdia, ó Pai celestial, ó Deus Todo-Poderoso! Pelo meu próprio poder, ofendi-Te; mas pelo meu próprio poder, tem sido impossível agradar-Te! Tu, portanto, em Cristo, estás me reconciliando Contigo. Contempla, ó Deus santo, o sagrado mistério de Tua carne e remite a culpa da minha carne. Olha com benevolência o que Teu Filho abençoado sofreu pacientemente e ignora o que Teu servo pecador fez. Minha carne provocou-Te à ira; que a carne de Teu Filho, eu Te rogo, incline-Te à misericórdia. Meus pecados merecem o mais severo castigo de Tuas mãos, mas muito mais tem a devoção do meu Redentor merecido Tua misericórdia. Grande é a minha injustiça, mas muito maior é a justiça do meu Redentor. Assim como o poderoso Deus está acima do homem insignificante, assim minha maldade está abaixo de Sua bondade, tanto em qualidade quanto em quantidade. Tudo o que sou é Teu, porque me criaste; concede, Senhor, que eu possa ser

totalmente Teu também por escolha livre e feliz. Tu me levas a pedir (Mt 7:7), concede que eu possa também receber! Tu me dás disposição para buscar, concede que eu possa encontrar. Tu me ensinas a bater; abre para mim, eu Te rogo, quando eu bater. De Ti vem o desejo, que também venha de Ti o poder de obter. De Ti tenho o poder de querer; concede-me também o poder de fazer (Fp 2:13).

Deus santo, justo Juiz, se meus pecados estão ocultos (Sl 32:3), são incuráveis; se vistos, são detestáveis. Eles me angustiam dolorosamente; mas, mais do que tudo, me oprimem com um temor horrível. Não retires, eu Te rogo, ó Deus, Tua compaixão real e terna, onde vês miséria tão real e assustadora! Onde o pecado abunda, que a graça superabunde. Pai santo, eu Te imploro, não derrames sobre mim Tua ira, pois, por meus pecados, feriste Teu Filho abençoado! Santo Jesus, livra-me, eu Te rogo, da ira divina, pois a suportaste na cruz por minha causa! Espírito Santo, protege-me, eu Te imploro, com Tua consolação abençoada contra a ira de Deus, que no evangelho anunciou misericórdia à alma penitente e contrita. Ó Deus santo, ó justo Juiz, não há para onde posso fugir da face de Tua ira. *“Se subo ao céu, lá estás; se desço ao inferno, eis que lá estás; se tomo as asas da manhã e habito nas extremidades do mar, ali Tua mão me guiará, e Tua destra me sustentará”* (Sl 139:7-10). A Cristo, portanto, eu fugirei, e em Suas feridas me esconderei. Ó Deus misericordioso, contempla o corpo de Teu Filho tão dolorosamente ferido em cada parte, e não consideres as feridas dos meus pecados. Que o sangue de Teu Filho me purifique de toda mancha pecaminosa (1Jo 1:7). Ouve Sua mais fervorosa oração, oferecida pela salvação de Seus escolhidos (Jo 17:9).

Ó Deus santo, justo Juiz, minha vida me aterroriza; pois um exame diligente dela revela apenas pecado e esterilidade, e o pouco fruto que aparece nela é ou tão falso, ou imperfeito, ou de algum modo tão corrompido, que ou não pode Te agradar, ou é absolutamente desagradável aos Teus olhos. Na verdade, minha vida inteira é, por um lado, pecaminosa e digna de Tua condenação, e por outro, estéril e miserável. Mas por que faço distinção entre estéril e digno de condenação? Pois certamente, se é estéril, deve ser condenada; porque toda árvore que não dá bons frutos será lançada ao fogo (Mt 3:10). E não apenas será queimada a árvore que dá frutos maus, mas também aquela que não dá fruto. Quando penso naqueles à Tua esquerda no julgamento, temo muito, pois eles estão lá não porque fizeram algo mau, mas porque não fizeram nada de bom (Mt 25:32). Aos famintos não deram comida; aos sedentos, nada deram para beber.

Ó árvore infrutífera, és seca e inútil, e adequada apenas para as chamas eternas. Que resposta darás naquele dia temível, quando, num piscar de olhos, toda a tua vida estará exposta diante de ti, e o justo Juiz exigirá severamente como a tens passado? Nenhum cabelo de tua cabeça perecerá sem ser notado, nem um momento de tua vida passará sem ser julgado! Oh, que aperto será este! De um lado estarão teus pecados acusando-te, do outro, a justiça de Deus aterrorizando tua alma! Sob ti, o abismo horrível do inferno se abrirá com boca escancarada, e acima de ti estará o Juiz justamente irado! Dentro de ti, uma consciência ardente; fora de ti, um mundo ardente! Os

justos mal serão salvos; para onde, então, se voltará um pecador culpado (1Pe 4:18)? Esconder-se será impossível, e ainda assim aparecer diante de Deus será intolerável. Como, então, posso possivelmente ser salvo? Com quem devo buscar conselho? Quem é Ele que é chamado Maravilhoso, Conselheiro (Is 9:6)? É o próprio Jesus, o mesmo que é meu Juiz, e em cujas mãos tremo de medo. Toma coragem, então, ó minha alma, e não desespere. Espera nAquele a quem temes; refugia-te nAquele de quem fugiste com medo. Ó Jesus Cristo, por causa do Teu nome, trata-me segundo o Teu nome. Olha misericordiosamente para mim, um pecador miserável, enquanto invoco o Teu nome. Se me admitires no amplo seio de Tua compaixão, ele não se estreitará por minha causa. Verdade é, ó Senhor, que minha participação no pecado merece condenação, e minha penitência jamais poderá satisfazer-Te; mas certo é também que Tua misericórdia excede todas as minhas ofensas. Em Ti, ó Senhor, ponho minha confiança; que eu não seja confundido para sempre.

# MEDITAÇÃO VII. O FRUTO DA PAIXÃO DE NOSSO SENHOR.

*A Paixão de Cristo é minha esperança.*

Sempre que medito sobre o sofrimento do meu Senhor, não posso deixar de refletir profundamente sobre o amor de Deus e Sua paciência para com os meus pecados. Ele inclina a cabeça para me beijar; estende os braços para me abraçar; abre as mãos para me conceder dons; abre Seu lado para que eu possa contemplar Seu coração, ardente de amor por mim; é levantado da terra para atrair todos a Si (Jo 12:32); Suas feridas estão roxas de dor, mas brilham com amor; e nessas feridas abertas devemos buscar o segredo de Seu coração. Verdadeiramente, com Ele há abundante redenção (Sl 130:7); pois não apenas uma gota, mas correntes de sangue fluíram de cinco partes do Seu corpo. Como um cacho de uvas, lançado ao lagar, é esmagado pelo peso sobre ele e de todos os lados verte seu suco, assim a carne de Cristo, esmagada pelo peso da ira divina e pela severidade de nossos pecados, derrama de todos os lados Seu precioso sangue. Quando Abraão mostrou sua disposição de oferecer seu filho em sacrifício, o Senhor lhe disse: “*Agora, verdadeiramente, sei que tu me amas*” (Gn 22:12). Reconheça também o maravilhoso amor do Pai Eterno, pois Ele Se dispôs a entregar à morte Seu Filho unigênito por nós (Jo 3:16)! Ele nos amou enquanto éramos ainda inimigos (Rm 5:10), esquecer-Se-á de nós agora que estamos reconciliados pela morte de Seu



Filho? Pode Ele Se esquecer do precioso sangue de Seu próprio Filho, quando até mesmo conta as lágrimas e os passos de Seus filhos piedosos (Sl 56:8)? Pode Cristo, em Sua vida, esquecer aqueles por quem Ele Se dispôs a sofrer a morte? Pode Ele, entronizado em glória, esquecer aqueles por quem suportou tão terrível angústia na terra?

Considera, ó alma fiel, o fruto abundante da paixão de teu Senhor! Cristo suportou por nós o suor de sangue, para que o suor gélido da agonia da morte não nos perturbasse. Ele voluntariamente lutou com a morte, para que não falhássemos na última hora de provação, e suportou a mais severa angústia e tristeza, para que pudéssemos participar das alegrias eternas do céu. Ele Se permitiu ser traído com um beijo, símbolo de amizade e boa vontade, para destruir para sempre o pecado, pelo qual Satanás traiu nossos primeiros pais sob o disfarce de uma terna amizade. Ele Se deixou ser preso e amarrado pelos judeus, a fim de nos libertar, que estávamos presos nos grilhões do pecado e sob condenação eterna. Ele quis que Sua paixão começasse no Jardim, fazendo expiação pelo pecado, porque no jardim do Paraíso o pecado teve seu início. Submeteu-Se a ser fortalecido por um anjo, para nos fazer companheiros dos santos anjos no céu. Foi abandonado por Seus próprios discípulos, para que pudesse nos unir a Si mais intimamente, a nós que, por nossa vil deserção, fomos rejeitados por Deus. Ele foi acusado por falsas testemunhas diante do Conselho, para que não sejamos acusados por Satanás no último dia, por causa da Lei de Deus quebrada. Ele foi condenado na terra, para que pudéssemos ser absolvidos no céu. Aquele que não cometeu pecado, guardou silêncio diante dos pecadores, para que não fôssemos

emudecidos por nossos pecados, quando estivermos diante do tribunal de Deus. Ele Se deixou ferir no rosto, para nos libertar dos aguilhões da consciência e das investidas de Satanás; e foi zombado e insultado, para que pudéssemos desprezar os escárnios de Satanás. Seu rosto foi coberto, para que pudesse remover de nossos rostos o véu do pecado, que oculta Deus de nossos olhos e nos conduz à ignorância culpável. Ele voluntariamente Se deixou despir de Suas vestes, para que pudesse nos devolver o manto da inocência, perdido por nossas transgressões. Ele foi coroado de espinhos, para curar nossos corações feridos pelo pecado. Ele carregou o fardo da cruz, para remover de nós o terrível fardo da condenação eterna. Ele exclamou que fora abandonado por Deus, para nos preparar uma habitação eterna com Deus. Ele teve sede na cruz, para merecer para nós as chuvas da graça divina e impedir que morrêssemos de uma sede eterna da alma. Ele quis ser abrasado pelas chamas da ira divina, para nos libertar das chamas do inferno. Ele foi julgado, para nos livrar do julgamento de Deus; condenado como um criminoso, para que nós, os verdadeiros criminosos, fôssemos absolvidos; foi ferido por mãos ímpias, para nos livrar dos golpes do diabo; clamou de dor amarga, para nos salvar dos lamentos eternos; Ele derramou lágrimas sobre a terra, para que pudesse enxugar todas as lágrimas dos nossos olhos no céu; Ele morreu, para que pudéssemos viver; sofreu as dores do inferno, para que nunca as experimentássemos; foi humilhado diante dos homens, para curar nosso orgulho pecaminoso; usou a coroa de espinhos, para ganhar para nós uma coroa celestial. Ele sofreu por todos, para oferecer salvação a todos. Seus olhos foram obscurecidos na morte, para que vivêssemos para sempre na luz da glória celestial; ouviu os escárnios mais amargos dos homens

ímpios, para que pudéssemos ouvir os gritos jubilosos dos anjos no céu.

Não desanimes, então, ó alma fiel! Ofendeste o Bem Infinito com teus pecados, mas um preço infinito foi pago por tua salvação. Tu serás julgado por teus pecados; mas o Filho de Deus já foi julgado pelos pecados do mundo inteiro, que Ele tomou sobre Si. Teus pecados devem ser punidos, mas Deus já os puniu na pessoa de Seu próprio Filho. Grandes são as feridas dos teus pecados, mas precioso é o bálsamo do sangue de Cristo. Moisés, na Lei, pronuncia uma maldição sobre ti (Dt 27:26), porque não observaste todas as coisas escritas no livro da Lei para cumpri-las; mas Cristo Se fez maldição por ti quando foi pendurado no madeiro (Gl 3:13). A escritura estava contra ti no tribunal celestial; mas ela foi apagada pelo sangue de Cristo (Cl 2:14).

Tua paixão, então, ó santo e gracioso Cristo, é meu último e único refúgio!

# MEDITAÇÃO VIII. A CERTEZA DA NOSSA SALVAÇÃO.

*Uma boa esperança não pode ser confundida.*

Por que estás abatida, ó minha alma, e por que ainda duvidas da misericórdia de Deus? Lembra-te de teu Criador. Quem te criou sem qualquer contribuição de tua vontade? Quem formou teu corpo em segredo, quando tua substância foi cuidadosamente trabalhada nas partes mais baixas da terra (Sl 139:15)? Não cuidará Aquele que cuidou de ti antes que tivesses existência, agora que te formou à sua própria imagem? Eu sou uma criatura de Deus; a Ele, então, me dirijo. E se minha natureza foi corrompida pelo diabo e ferida por meus pecados, como por ladrões homicidas (Lc 10:30), meu Criador ainda vive. Aquele que pôde criar-me no princípio pode agora restaurar-me. Aquele que me criou sem pecado pode agora remover todo o pecado que entrou em mim e permeou meu ser, seja pela tentação do diabo, pelo erro de Adão ou pela minha própria transgressão. Meu Criador pode restaurar minha alma, se Ele apenas estiver disposto; e certamente Ele está, pois quem pode odiar a obra de suas próprias mãos? Não estamos diante Dele como barro nas mãos do oleiro (Jr 18:6)? Mas se Ele me odiasse, certamente não teria me criado do nada. Ele é o Salvador de todos os homens, especialmente daqueles que creem (1Tm 4:10).

É maravilhoso que Ele me tenha criado, e ainda mais maravilhoso que me tenha redimido. Nunca nosso Senhor deu prova mais clara de Seu grande amor por nós do que em Sua amarga paixão e feridas sangrentas no Calvário. Verdadeiramente somos amados, pois para nós e para nossa salvação o Filho unigênito foi enviado do seio do Pai. E se Tu não deseavas salvar-me, ó Senhor Jesus, por que desceste do céu? Mas desceste à terra e tornaste-Te obediente até à morte, e morte de cruz (Fp 2:8). Para redimir um servo, Deus não poupou Seu próprio Filho (Rm 8:32). Verdadeiramente Deus amou o mundo com um amor inexprimível, pois para sua redenção entregou Seu próprio Filho para ser ferido, crucificado e morto.

Inexpressivelmente grande foi o preço da nossa redenção (1Pe 1:18); grande e maravilhosa, então, é a misericórdia de Deus em nossa redenção. Pareceria quase que Deus ama Seus filhos eleitos tanto quanto ama Seu Filho unigênito, pois o que obtemos por compra certamente estimamos mais do que aquilo que damos em troca. E para que tivesse filhos adotivos, Deus não poupou Seu próprio Filho consubstancial. Que maravilha, então, que Ele tenha preparado moradas (Jo 14:2) em Sua habitação celestial para nós, já que nos deu Seu próprio Filho, em quem habita toda a plenitude da Divindade (Cl 2:9). Certamente, onde está a plenitude da Divindade, também está a plenitude da vida eterna e da glória. E se em Cristo Ele nos deu a plenitude da vida eterna, como nos negará uma pequena parcela dela? Verdadeiramente Deus nos amou grandemente, Seus filhos adotivos, pois para nós deu Seu Filho unigênito. Verdadeiramente o Filho nos amou grandemente, pois para nós deu a Si mesmo. Para nos tornar ricos, Ele tomou sobre Si a mais profunda

pobreza, pois não tinha onde reclinar a cabeça (Mt 8:20). Para que nos tornássemos filhos de Deus, Ele se fez homem; e, tendo concluído a obra da redenção, não nos abandona. Sentado à direita da Majestade Divina, intercede por nós (Rm 8:34). O que, necessário para minha salvação, Ele não fará por mim, já que Se dedicou à obra de minha redenção eterna? O que o Pai negará ao Filho, que Se tornou obediente até a morte, e morte de cruz (Fp 2:8)? O que o Pai negará ao Filho, uma vez que já aceitou o resgate oferecido pelo próprio Filho?

E se meus pecados me acusam, neste Intercessor confio; maior é Aquele que é por mim do que meus pecados que estão contra mim. E se minha fraqueza me apavora, em Sua força me glorio. E se Satanás me acusa, basta que este Mediador me perdoe. E se os céus e a terra me acusam, e minhas iniquidades declaram minha culpa, ainda assim, basta-me que o Criador dos céus e da terra, e Aquele que é a própria justiça, pleiteie minha causa por mim. Suficiente é para mim reconhecer o Seu mérito, pois o meu não bastará; e é suficiente para mim que Ele seja propício a mim, contra quem somente pequei. Tudo o que Ele não me imputar será como se nunca tivesse existido. Tampouco o fato de que meus pecados sejam tão graves, tão variados e tão frequentes abala esta confiança. Pois, se eu não estivesse sobrecarregado de pecado, não desejaria tão ardentemente a Sua justiça; se eu não estivesse doente, não clamaria pela ajuda do Médico. Ele próprio é meu Médico (Mt 9:12), Ele próprio é meu Salvador (Mt 1:21), Ele próprio é minha Justiça (1Co 1:30); Ele não pode negar a Si mesmo (2Tm 2:13). Estou espiritualmente doente, estou condenado, sou pecador; não posso negar a mim mesmo.

Tem piedade de mim, ó Tu, meu bendito Médico, meu Salvador, minha Justiça. Amém!

# MEDITAÇÃO IX. AMANDO A DEUS SOMENTE.

*Que o amor te una firmemente ao Senhor.*

Desperta, ó alma fiel, e ama Aquele que é o Sumo Bem, em quem reside todo o bem, e sem o qual nada é verdadeiramente bom. Nenhuma coisa criada pode satisfazer plenamente os desejos da nossa alma, pois nenhuma criatura possui em si toda a bondade perfeita, mas apenas participa dela. Um regato de bondade pode fluir da fonte divina, mas a própria fonte sempre permanece em Deus. Por que, então, desejaríamos abandonar a fonte para seguir o regato? Toda manifestação de bondade na criatura é apenas uma imagem da bondade perfeita que há em Deus, ou melhor, que é o próprio Deus. Por que, então, trocar a realidade pela imagem? A pomba enviada da arca de Noé não encontrou, em meio às águas revoltas, um lugar de descanso para seus pés (Gn 8:8). Assim também nossas almas, em meio à imensidão dos confortos terrenos, não encontram nada que satisfaça completamente seus desejos imortais, pois estas coisas são frágeis e passageiras. Não se prejudica o homem que ama algo inferior à dignidade de sua natureza? Nossas almas são muito mais nobres que qualquer coisa criada, pois foram redimidas pela paixão e morte de Deus. Por que, então, nos rebaixarmos a amar a criatura? Não seria isso inconsistente com a dignidade à qual Deus exaltou a alma humana? Tudo o que amamos, amamos por seu poder, sua sabedoria ou sua beleza.



Mas o que é mais poderoso, mais sábio ou mais belo que Deus? Todo o poder dos monarcas terrenos vem Dele e a Ele está sujeito; toda a sabedoria humana, comparada à divina, é insensatez; toda a beleza das criaturas, em comparação com a de Deus, é pura deformidade.

Se um soberano terrestre muito poderoso enviasse seus mensageiros para procurar em casamento uma donzela de origem humilde e fortuna modesta, essa donzela não seria insensata ao rejeitar a mão do rei e preferir seus simples mensageiros e servos? Assim também Deus, por meio da beleza das obras de Suas mãos, deseja chamar-me a Si e incitar-me a amá-Lo exclusivamente. Por que, então, minha alma, que o celestial Esposo deseja unir a Si, deveria apegar-se a uma mera criatura, como o mensageiro dessa união espiritual que Ele busca estabelecer comigo? As próprias criaturas parecem clamar: *“Por que te apegas tanto a nós? Por que buscas em nós o teu maior bem? Não podemos satisfazer os teus anseios. Corre ao nosso Criador comum.”* Não podemos esperar que as coisas terrenas retribuam nosso amor, nem que nos amem primeiro. Mas Deus, que é amor (1Jo 4:16), não pode deixar de amar aqueles que O amam; mais ainda, Ele antecipa todos os nossos desejos e todo o nosso amor com o Seu próprio amor. Ah, quanto deveríamos amá-Lo, que nos amou primeiro e tão ternamente! Ele nos amou antes mesmo que existíssemos, pois foi por Seu divino amor que fomos trazidos à existência. Ele nos amou quando ainda éramos inimigos (Rm 5:10), pois foi por Seu amor e compaixão que enviou Seu Filho para nos redimir. Ele nos amou quando caímos em pecado, pois é por Seu amor que não nos entregou imediatamente à morte, mas pacientemente aguardou nossa

conversão. É por Seu amor divino que, além do que merecemos — sim, até mesmo contra o que merecemos —, Ele nos conduz às Suas moradas celestiais. Sem o amor de Deus, nunca poderíamos alcançar um conhecimento salvífico de Deus; sem esse amor, todo conhecimento seria inútil, ou pior, prejudicial. Por que o amor supera o conhecimento de todos os mistérios (1Co 13:2)? Porque o conhecimento pode existir até no diabo, mas o amor é próprio apenas dos piedosos. Por que o diabo é o ser mais infeliz? Porque ele não pode amar o Sumo Bem. Por outro lado, por que Deus é o mais feliz e abençoado de todos os seres? Porque Ele ama todas as coisas e Se deleita em todas as obras de Suas mãos. Por que o amor de Deus não é perfeito em nós nesta vida? Porque amamos apenas na medida em que conhecemos; e nesta vida conhecemos apenas em parte, como por um espelho (1Co 13:12). No céu, seremos perfeitamente felizes porque amaremos a Deus perfeitamente, e O amaremos perfeitamente porque O conheceremos perfeitamente. Mas ninguém deve esperar amar a Deus perfeitamente na vida futura se não começar a amá-Lo nesta vida. O Reino de Deus deve começar no coração do homem nesta vida, ou jamais será consumado na vida por vir. Sem o amor de Deus, não temos desejo pela vida eterna. E como podemos compartilhar desse Sumo Bem, se não O amamos, se não O desejamos, se não O buscamos?

Aquilo que amas, isso tu és; pois teu amor te transforma em si mesmo. O amor é o mais forte dos laços, pois o amante e o objeto amado tornam-se um. O que uniu um Deus justo e pecadores perdidos, tão infinitamente afastados entre si? O amor infinito. E, para que a justiça de Deus não fosse anulada, Cristo

interveio com Seu resgate infinito. O que, ademais, une aqueles tão distantes um do outro, como Deus, o Criador Todo-Poderoso, e uma alma crente, obra de Suas mãos? O amor. No céu, estaremos unidos a Deus no mais alto grau. Por quê? Porque O amaremos no mais alto grau. O amor une e transforma; se amas coisas carnis, serás carnal; se amas coisas terrenas, tornar-te-ás terreno. Mas carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus (1Co 15:50). Se amas a Deus e as coisas divinas, tornar-te-ás divino. O amor de Deus é a carruagem de Elias subindo ao céu. O amor de Deus é a alegria da mente, o paraíso da alma; destrói o poder do mundo, vence o diabo, fecha a boca do inferno e abre amplamente o portão do céu. O amor de Deus é o selo de Deus sobre Seus eleitos e filhos crentes (Ap 7:3). Deus não reconhecerá como Seus, no julgamento final, aqueles que não estão selados com este selo. Pois a própria fé, que é o único meio de nossa justificação e salvação, não é genuína a menos que se manifeste por meio do amor (Gl 5:6); não é fé verdadeira a menos que seja também uma confiança inabalável, e tal confiança é impossível sem o amor de Deus. Um benefício não é reconhecido se não lhe damos graças; não somos verdadeiramente gratos a quem não amamos. Se tua fé é genuína, reconhecerá os grandes benefícios conferidos por Cristo, teu Redentor; sim, reconhecerá e dará graças; dará graças e O amará.

O amor de Deus é vida e descanso para nossas almas. Quando a alma parte pela morte, o corpo morre; mas, quando Deus parte da alma pelo pecado, a alma morre. Por outro lado, *“Deus habita em nossos corações pela fé”* (Ef 3:17); Ele habita em nossas almas pelo amor, porque o amor de Deus é

derramado no coração dos eleitos pelo Espírito Santo (Rm 5:5). Não há paz de espírito sem o amor de Deus.

O mundo e o diabo são suas maiores fontes de inquietação, mas Deus é seu verdadeiro e supremo descanso. Não há paz de consciência exceto para aqueles que são justificados pela fé; não há verdadeiro amor a Deus exceto naqueles que confiam em Deus como filhos. Portanto, que o amor a nós mesmos, o amor ao mundo, o amor à criatura morram em nós, para que o amor de Deus habite em nós; e que Deus inicie esse amor em nós nesta vida, para que Ele o aperfeiçoe na vida eterna.

# MEDITAÇÃO X. NOSSA RECONCILIAÇÃO COM DEUS.

*Cristo Pagou Minha Dívida de Pecado.*

Verdadeiramente, Cristo carregou nossas dores e levou nossas tristezas (Is 53:4). Ó Senhor Jesus, o castigo eterno que merecemos por nossos pecados, Tu o transferiste para Ti mesmo; o peso da iniquidade que nos afundaria no inferno, Tu o tomaste sobre Ti. Foste ferido por nossas transgressões; foste moído por nossas iniquidades; por Tuas chagas fomos curados; e o Senhor fez cair sobre Ti as iniquidades de todos nós (Is 53:5-6). Maravilhosa, de fato, é a troca que fazes: nossos pecados Tu levavas sobre Ti, e Tua justiça nos é imputada; a morte que merecíamos por nossas transgressões Tu mesmo sofres e, em troca, nos concedes a vida eterna. Portanto, não posso mais duvidar da Tua graça ou desesperar por causa dos meus pecados. O pior que havia em nós, Tu tomaste sobre Ti; como, então, desprezarias nosso corpo e alma, o melhor que há em nós e obra de Tuas próprias mãos? *“Não deixarás minha alma no inferno, nem permitirás que o Teu santo veja a corrupção”* (Sl 16:10). Santo, de fato, deve ser aquele cujos pecados foram apagados e removidos. *“Bem-aventurado o homem cuja transgressão é perdoada; bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa iniquidade”* (Sl 32:1-2).

Como o Senhor pode imputar nossas iniquidades a nós depois de tê-las imputado a outro? Pelos pecados do povo, Ele feriu Seu amado Filho; portanto, por Seu conhecimento, justificará a muitos e levará suas iniquidades (Is 53:12). Como justificará Seu povo? Ouve, ó minha alma, e escuta! Ele os justificará por Seu conhecimento, isto é, por um reconhecimento salvífico da misericórdia e graça divina em Cristo, e uma firme apreensão delas pela fé. *“E a vida eterna é esta: que conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”* (Jo 17:3). E ainda: *“Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo”* (Rm 10:9). A fé, ademais, se apega à satisfação de Cristo; pois Ele carregou as iniquidades deles, levou o pecado de muitos e intercedeu pelos transgressores (Is 53:11-12). Poucas almas justas Ele teria, se não tivesse recebido os pecadores com tanta misericórdia. Poucas almas justas terias agora, ó Jesus, se não perdoasses graciosamente os pecados dos injustos. Como, então, Cristo, no terrível dia do juízo, passará sentença sobre os penitentes por seus pecados, se já os tomou sobre Si? Como condenará o pecador culpado, se Ele mesmo foi feito pecado por ele (2Co 5:21)? Julgará Ele aqueles que chama de Seus amigos? Julgará Ele aqueles por quem intercedeu? Julgará Ele aqueles por quem morreu?

Anima-te, ó minha alma, e esquece teus pecados, pois teu Senhor os esqueceu (Is 43:25). A quem temes como vingador dos teus pecados senão o Senhor? E ainda assim, Ele próprio fez a satisfação por teus pecados. Se qualquer outro tivesse oferecido um resgate por meus pecados, eu poderia duvidar se meu justo Juiz aceitaria tal satisfação. Se um simples homem ou

um anjo tivesse feito expiação por mim, ainda haveria dúvida sobre a suficiência do resgate oferecido para minha redenção. Mas agora, não há espaço para dúvida. Como Ele poderia recusar o resgate que Ele mesmo ofereceu? Como a satisfação poderia ser insuficiente, se foi feita pelo próprio Deus?

Por que ainda estás perturbada, ó minha alma? *“Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade”* (Sl 25:10). *“Justo és Tu, ó Senhor, e retos são os Teus juízos”* (Sl 119:137). Por que, então, estás perturbada, ó minha alma? Que a misericórdia do Senhor te alegre; que a justiça divina te encoraje. Pois, e daí que Deus seja justo? Certamente Ele não exigirá dupla satisfação pelos pecados de uma única pessoa. Ele já feriu Seu Filho por nossos pecados; como então poderá ferir-nos, Seus servos, pelos mesmos pecados? Como poderia Ele infligir sobre nós o castigo que já infligiu sobre Seu Filho por nossos pecados? A verdade do Senhor permanece para sempre (Sl 117:2). *“Não tenho prazer na morte do ímpio, mas que ele se converta do seu caminho e viva”* (Ez 33:11), diz nosso Deus. *“Vinde a mim, todos vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”* (Mt 11:28), é a graciosa palavra do nosso Salvador. Acusaremos o Senhor de mentira, ou tentaremos tornar Sua misericórdia ineficaz pelo peso de nossos pecados? Acusar Deus de mentira e negar Sua misericórdia é um dos maiores pecados que podemos cometer; daí, parece que Judas cometeu um pecado maior ao desesperar da misericórdia de Deus do que os judeus ao crucificarem Cristo.

Sim, antes, onde abundou o pecado, superabundou a graça (Rm 5:20). E Sua graça supera infinitamente meus pecados; pois o pecado é obra do homem, a graça é obra de Deus; o pecado é temporal, mas a graça de nosso Deus é de eternidade a eternidade. Pelos meus pecados foi prestada completa satisfação; pela morte de Cristo, a graça de Deus me foi restaurada e estabelecida eternamente; e a ela eu recorro em busca de refúgio, com súplica devota e fervorosa.



# MEDITAÇÃO XI. A SATISFAÇÃO PELOS NOSSOS PECADOS.

*A Morte de Cristo é a Vida dos Piedosos.*

*“Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei”* (Mt 11:28), são as palavras preciosas do nosso Salvador. Verdadeiramente, meu amado Senhor Jesus, estou sobrecarregado além da medida e gemo sob o peso terrível dos meus pecados; mas apresso-me a Ti, a fonte de águas vivas. Vem a mim, ó Senhor Jesus, para que eu possa vir a Ti. Venho a Ti porque Tu vieste primeiro a mim. Venho a Ti, meu querido Senhor Jesus, e Te desejo ardentemente, pois não encontro bem algum em mim. E se eu encontrasse algo bom em mim, não ansiaria tão intensamente por Ti. Verdadeiramente, ó Senhor Jesus, *“trabalho e estou sobrecarregado”*. Não ousa me comparar a nenhum de Teus santos, nem mesmo a qualquer pecador arrependido, a não ser talvez ao ladrão arrependido na cruz. Tem misericórdia de mim, ó Senhor, Tu que Te mostraste tão misericordioso com aquele malfeitor penitente! Miseravelmente, miseravelmente tenho vivido; minha vida foi de pecado; mas, ó, desejo morrer a morte dos piedosos e dos justos. Mas a piedade e a justiça estão longe do meu coração; assim, refugio-me na Tua piedade e na Tua justiça. Tu deste Tua vida, ó Senhor Jesus, como resgate por muitos (Mt 20:28); que isso venha em meu socorro na minha angústia.

Teu santíssimo corpo, Tu o entregaste para ser açoitado, para ser cuspidos, para ser esbofeteados, para ser lacerados com espinhos e para ser crucificados, e tudo isso por mim; ó, que isso venha em meu auxílio na minha angústia. Que Teu preciosíssimo sangue, que derramaste tão livremente em Teus amargos sofrimentos e cruel morte na cruz, e que nos purifica de todo pecado (1Jo 1:7), seja o meu auxílio. Que Tua sacratíssima divindade, que sustentou Tua natureza humana em Tua paixão, que se absteve de exercer Seu poder glorioso enquanto se realizava o adorável mistério da minha redenção, e que conferiu valor e mérito infinitos ao Teu sofrimento pelo pecado, para que Deus pudesse resgatar-me — a mim, um miserável pecador — com Seu próprio sangue (At 20:28), venha em meu auxílio na minha angústia. Em Tuas chagas sangrentas está meu único remédio; que elas me socorram. Que Tua santíssima paixão seja minha defesa. Que Teu mérito, meu último refúgio e o único remédio para os meus pecados, seja meu consolo e meu sustento. O que Tu sofrestes, ó Cristo, Tu sofrestes por mim. O que Teus sofrimentos mereceram, eles mereceram por mim, e são colocados contra a minha indignidade. Deus, portanto, *“recomenda Seu amor para conosco,”* e pelo testemunho de todos os homens, sim, por exceder até mesmo a compreensão dos anjos, o confirma, *“pois Cristo morreu por nós enquanto éramos ainda pecadores e inimigos”* (Rm 5:8). Quem não se maravilha com isso? Quem não é tomado de profundo espanto, que, sem ser solicitado por ninguém, até mesmo odiado pelos homens, o misericordiosíssimo Filho de Deus intercede pelos pecadores e por Seus inimigos? E não só isso, mas oferece uma satisfação perfeita à justiça divina por seus pecados, por Sua

pobre e humilde natividade, por Sua vida santa, por Seus amargos sofrimentos e cruel morte.

Ó bendito Senhor Jesus, Tu que intercedeste por mim, que sofrestes por mim, que morreste por mim, antes mesmo que eu mostrasse qualquer desejo pelo Teu mérito e paixão, e antes mesmo que Te rogasse para pagares o resgate por minha redenção, como poderias agora afastar-me de Tua face? Como me negarás os benditos frutos de Tua santa paixão, quando clamo a Ti das profundezas do meu pecado (Sl 130:1), e com lágrimas e gemidos Te suplico misericórdia? Eu era Teu inimigo por natureza; mas, desde que morreste por mim, tornei-me Teu amigo, Teu irmão, Teu filho, pela graça. Tu olhastes para mim enquanto ainda era inimigo e antes mesmo que eu pronunciasse uma oração a Ti; como então me desconsiderarás quando, com lágrimas e orações, venho a Ti como Teu amigo? Se venho a Ti, Tu não me rejeitarás (Jo 6:37), porque Tua palavra é a própria verdade. Tu nos falaste em espírito e verdade, e recebemos de Ti as palavras da vida eterna (Jo 6:68).

Escuta, ó minha alma, e tem coragem. Antes éramos pecadores por natureza; mas agora somos justificados pela graça. Antes éramos Seus inimigos, agora somos Seus amigos e parentes. Antes, nossa ajuda estava na morte de Cristo, agora está em Sua vida; outrora estávamos mortos em nossos pecados, agora somos vivificados com Cristo (Ef 2:5). Ó o amor imensurável de Deus! Ó as riquezas incomparáveis de Sua graça, pela qual Ele nos faz sentar nos lugares celestiais em

Cristo Jesus! *“Ó a terna misericórdia de nosso Deus, pela qual o Sol nascente das alturas nos visitou”* (Lc 1:78)!

Agora, se a morte de Cristo trouxe justificação e vida para nós, o que Sua vida assegurará para nós? Se o Salvador, com Sua morte, pagou um resgate tão precioso por nós, o que Ele realizará por nós com Sua vida e intercessão ativa? Pois Cristo vive e habita em nossos corações pela fé (Ef 3:17); se apenas preservarmos em nós uma lembrança viva de Seu santíssimo mérito.

Atrai-me, ó Senhor Jesus, para que eu possa possuir em ato e verdade aquilo que aguardo com uma esperança inabalável. Que eu esteja contigo, como Teu servo, eu Te imploro, e que eu contemple Tua glória, que o Pai Te deu (Jo 17:24). Que eu, em breve, habite naquela morada que Tu foste preparar para mim na casa de Teu Pai (Jo 14:2). Bem-aventurados os que habitam em Tua casa, ó Senhor; eles Te louvarão para sempre e eternamente (Sl 84:4).

# MEDITAÇÃO XII. A VERDADEIRA FÉ — SUA NATUREZA E PROPRIEDADES.

*A Verdadeira Fé é Viva e Vitoriosa.*

Considera, ó minha alma amada, a excelência da Fé, e dá graças a Deus, de quem unicamente provém. Somente a Fé nos une ao nosso Salvador, de modo que obtemos Dele nossa vida espiritual, nossa justificação e nossa salvação, assim como os ramos retiram todo o seu sustento da videira (Jo 15:4). Adão caiu da graça de Deus e, por sua incredulidade, perdeu a imagem divina; mas, pela fé, somos recebidos em um estado de graça e formados novamente à imagem de Deus. Por meio da fé, Cristo torna-se nosso e habita em nós (Ef 3:17); onde está Cristo, lá está a graça de Deus; e onde está a graça de Deus, há a herança da vida eterna. *“Pela fé, Abel ofereceu a Deus um sacrifício mais excelente que o de Caim”* (Hb 11:4); assim, pela fé oferecemos sacrifícios espirituais a Deus, isto é, o fruto dos nossos lábios (Hb 13:15). Pela fé, Enoque foi trasladado (Hb 11:5); de modo que a fé, ainda enquanto estamos nesta vida, nos eleva acima da mera companhia dos homens para uma comunhão abençoada com Deus. Pois, mesmo agora, Cristo habita em nós; já temos a vida eterna, embora oculta (Cl 3:3). *“Pela fé, Noé preparou uma arca”* (Hb 11:7); assim, pela fé, entramos na Igreja de Cristo e nossas almas são salvas,

enquanto os que permanecem no vasto oceano do mundo perecem miseravelmente.

Pela fé, Abraão deixou seu próprio país idólatra (Hb 11:8); assim, pela fé, saímos do mundo, abandonando pais, irmãos, parentes, e apegando-nos à palavra de Cristo, que nos chama para Si. Pela fé, ele peregrinou em uma terra estranha, aguardando a terra da promessa; assim, pela fé, olhamos para a Jerusalém que está acima (Ap 21:2), que Deus preparou para nós nos céus. Somos estrangeiros e peregrinos sobre a terra (Sl 39:12), e pela fé desejamos e esperamos alcançar, em breve, nossa herança celestial. Pela fé, Sara, em sua velhice, recebeu força para dar à luz Isaac, seu filho (Hb 11:11); assim, pela fé, embora espiritualmente mortos, recebemos força para dar à luz Cristo em nossas vidas. Pois, assim como Cristo foi uma vez concebido no ventre da Virgem Maria, assim também Ele nasce diariamente na alma fiel que se mantém pura e livre das contaminações do mundo.

Mas a fé não é mera opinião ou profissão vazia; é uma apreensão viva e eficaz de Cristo, como Ele é apresentado no evangelho. É uma convicção profunda da graça de Deus para conosco, uma tranquilidade confiante do coração e uma paz inabalável da consciência, repousando sobre o mérito de Cristo. Tal fé brota da semente da palavra divina; pois fé e Espírito são um, mas a palavra é o meio pelo qual o Espírito Santo é comunicado às nossas almas. O fruto é da mesma natureza que a semente. A fé é um fruto divino; portanto, a semente divina, isto é, a palavra de Deus, deve sempre estar presente. Assim como

na criação, a luz apareceu pela palavra de Deus, pois Deus disse: *“Haja luz”*, e houve luz (Gn 1:3); assim, a luz da fé surge da luz da palavra divina. *“Em Tua luz veremos a luz”*, diz o Salmista (Sl 36:9).

Já que a fé nos une tão intimamente a Cristo, ela é realmente a mãe de todas as virtudes em nós. Onde há fé, lá está Cristo; onde está Cristo, lá está uma vida santa, a saber: verdadeira humildade, verdadeira mansidão, verdadeiro amor. Cristo e o Espírito Santo nunca são separados; e onde o Espírito Santo está presente em uma alma, há verdadeira santidade. Portanto, onde a vida não é santa, o Espírito santificador deve estar ausente; e se o Espírito Santo estiver ausente, Cristo não pode estar lá; e se Cristo não está lá, então também a verdadeira fé não está lá.

A fé é nossa luz espiritual; ilumina nossos corações; derrama sua influência radiante em nossas boas obras; e onde faltam boas obras, esses brilhantes raios da vida espiritual, lá a luz da verdadeira fé ainda não surgiu.

# MEDITAÇÃO XIII. O CASAMENTO ESPIRITUAL DA ALMA COM CRISTO.

*Cristo é o Esposo da Alma.*

*“Eu te desposarei comigo para sempre”* (Os 2:19), diz Cristo à alma fiel. Cristo desejou estar presente nas bodas em Caná da Galileia (Jo 2:2), para mostrar-nos que Ele veio à terra para celebrar Suas núpcias espirituais com as almas crentes. Alegra-te muito no Senhor e regozija-te no teu Deus, ó alma fiel, pois Ele te vestiu com vestes de salvação, cobriu-te com o manto da justiça, como uma noiva se adorna com jóias (Is 61:10). Alegra-te pela distinta honra do teu Esposo; alegra-te pela beleza incomparável do teu Esposo; alegra-te pelo Seu maravilhoso amor para contigo. Sua honra é a maior, pois Ele é o verdadeiro Deus, bendito para sempre (Rm 9:5). Quão grande, então, é a dignidade e o valor da alma, uma vez que o próprio Criador deseja desposá-la! Sua beleza é suprema; pois Sua forma é mais bela que a dos filhos dos homens (Sl 45:2); *“contemplaram Sua glória, como a glória do Unigênito do Pai”* (Jo 1:14); *“Seu rosto resplandeceu como o sol”* (Mt 17:2); *“e Suas vestes eram brancas como a neve”* (Mc 9:3); *“graça derramou-se em Seus lábios”* (Sl 45:3); *“Ele é coroado de glória e honra”* (Sl 8:6). Quão maravilhosa é, então, Sua misericórdia, que, sendo Ele a perfeição da beleza, não Se desdenha de escolher como esposa



espiritual a alma pecadora, mesmo manchada e suja pelo pecado. Aqui está a altura da majestade no Esposo e a profundidade da humildade na esposa; uma beleza incomparável no Esposo, uma deformidade repulsiva na esposa; e, no entanto, maior é o amor do Esposo por Sua esposa do que o dela pelo Seu majestoso e belíssimo Esposo.

Considera, ó alma fiel, Seu imenso amor por ti! Um amor que O trouxe do céu à terra; um amor que O amarrou ao poste para ser açoitado; um amor que O pregou à cruz; um amor que O encerrou no sepulcro; um amor que O levou ao inferno! O que O fez sofrer tudo isso, senão um amor terno por Sua esposa? E nossos corações devem ser mais duros que pedra e chumbo se tal amor poderoso não os elevar a Deus, de quem esse amor primeiro desceu até os homens. A esposa estava nua e despojada (Ez 16:22); não podia, assim, aparecer no palácio real do Rei celestial; mas Ele a vestiu com as vestes de salvação, e a cobriu com o manto da justiça (Is 61:10). Quando ela jazia envolta nos trapos imundos de seus pecados e nas vergonhosas vestes de sua iniquidade, Ele lhe deu um linho fino, puro e branco, no qual poderia se vestir; pois o linho fino é a justiça dos santos (Ap 19:8). Esse manto é a justiça de Seu Esposo, obtida por Sua morte e paixão.

Jacó serviu catorze anos para conquistar Raquel como sua esposa; mas Cristo, por quase trinta anos, suportou fome, sede, frio, pobreza, ignomínia, reprovações, cadeias, o flagelo, o vinagre e a fel, e a terrível morte da cruz, para que pudesse preparar para Si e conquistar como Sua esposa a alma crente.

Sansão desceu e procurou uma esposa entre os filisteus, um povo destinado à destruição (Jz 14:3), mas o Filho de Deus desceu do céu para escolher Sua esposa entre os homens condenados e destinados à morte eterna. Toda a raça à qual a esposa pertencia era hostil ao Pai celestial, mas Ele a reconciliou com Seu Pai por meio de Sua amarga paixão. A esposa estava poluída em seu próprio sangue (Ez 16:22) e foi lançada sobre a face da terra; mas Ele a lavou na água do batismo, e a purificou no mais santo lavacro da regeneração (Ef 5:26); suas manchas sanguinolentas Ele purificou com Seu próprio sangue, pois o sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus, nos purifica de todo pecado (1Jo 1:7). Suja e negada estava Sua esposa, mas Ele a ungiu com o óleo de Sua misericórdia e graça (Ez 16:9). Ela não estava vestida de forma honrosa como Sua esposa, mas Ele a adornou com joias (Ez 16:11), e a adornou com as diversas virtudes e dons do Espírito Santo. Ela estava miseravelmente pobre, de modo que não podia trazer-lhe dote, então Ele, misericordiosamente, lhe deu o penhor de Seu Espírito (Ef 1:14), e aceitou dela o penhor de sua carne, levando-o consigo para o céu. Ele encontrou Sua esposa morrendo de fome, e lhe deu de comer trigo fino, mel e azeite (Ez 16:19), e com Seu próprio corpo e sangue Ele continua a alimentá-la para a vida eterna. Ela é frequentemente desobediente e infiel ao seu voto matrimonial com Cristo, Seu Esposo celestial, em sua aliança impura com o mundo e o diabo, mas Ele, por Seu abundante amor, a recebe novamente sempre que ela retorna a Ele em verdadeira penitência.

Reconhece, ó alma fiel, essas muitas maravilhas do amor de Cristo por ti; guarda tu o amor d'Aquele que, por amor de ti,

entrou no ventre da Virgem. Devemos amá-Lo tanto mais do que amamos a nós mesmos, quanto Aquele que se deu por nós é maior do que nós. Devemos entregar toda a nossa vida a Ele, que por amor de nós se entregou totalmente a nós. Quem não ama o Cristo que primeiro o amou, deve ser justamente considerado como vilmente ingrato. Ó quanto devemos amar Aquele que, por puro amor de nós, deixou de lado, por assim dizer, Sua majestade divina! Ó feliz alma, que está unida a Cristo pelos laços deste matrimônio espiritual! Podes, com segurança e confiança, apropriar-te de todos os benefícios da redenção de Cristo, assim como uma esposa brilha resplandecentemente na glória que pertence ao seu marido.

É pela fé somente que somos feitos participantes desta abençoada união espiritual, como está escrito: *“Eu te desposarei comigo em fidelidade”* (Os 2:19). Pela fé somos enxertados como ramos em Cristo, a videira espiritual (Jo 15:2), de modo que derivamos toda a nossa vida e força d'Ele; e assim como os que estão unidos no matrimônio já não são dois, mas uma só carne (Mt 19:6), assim *“quem se une ao Senhor é um espírito com Ele”* (1Cor 6:17), porque Cristo habita em nossos corações pela fé (Ef 3:17). A fé, se é genuína, opera pela caridade (Gl 5:6). Assim como os sumos sacerdotes, na antiga economia, eram obrigados a se casar com virgens, assim este Sumo Sacerdote celestial une a Si mesmo em união espiritual aquelas almas que se mantêm puras e imaculadas dos abraços do mundo, da carne e do diabo. Ó Cristo, faze-nos graciosamente dignos de sermos finalmente admitidos ao casamento do Cordeiro (Ap 19:7). Amém.

# MEDITAÇÃO XIV. O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO.

*O Berço de Cristo resplandece com uma Luz Celestial.*

Por um momento, afastemo-nos das coisas temporais e contemplemos o mistério do nascimento de nosso Senhor. O Filho de Deus desceu do céu para que pudéssemos receber a adoção de filhos (Gl 4:5). Deus tornou-se homem para que o homem se tornasse participante da graça e da natureza divinas (2Pe 1:4). Cristo escolheu nascer no mundo ao entardecer da vida do mundo para significar que os benefícios de Sua encarnação não pertencem a esta vida presente, mas à vida eterna. Ele escolheu nascer no tempo do pacífico Augusto, pois foi o bendito pacificador entre o homem e Deus. Ele escolheu nascer no tempo da servidão de Israel, pois é o verdadeiro libertador e defensor de Seu povo. Escolheu nascer sob o domínio de um príncipe estrangeiro, pois Seu reino não é deste mundo (Jo 18:36). Ele nasce de uma virgem para significar que nasce apenas nos corações de virgens espirituais (2Cor 11:2), isto é, daqueles que não estão unidos ao mundo ou ao diabo, mas a Deus por um só Espírito. Nasce puro e santo para santificar nosso nascimento impuro e negado. Ele nasce de uma virgem desposada com um homem para demonstrar a honra do matrimônio como instituição divina. Ele nasceu na escuridão da noite, aquele que veio como a verdadeira luz para iluminar as trevas do mundo. Aquele que é o verdadeiro alimento de nossas

almas é colocado em uma manjedoura. Ele nasce entre os animais do estábulo para restaurar a dignidade e honra dos homens pecadores, que, através de seus pecados, se tornaram pouco melhores do que os animais. Ele nasce em Belém, a casa do pão, aquele que trouxe consigo do céu o pão da vida para nossas almas. Ele é o primogênito e unigênito de Sua mãe aqui na terra, e, segundo Sua natureza divina, o primogênito e unigênito de Seu Pai no céu. Ele nasce pobre e necessitado (2Cor 8:9) para nos preparar as riquezas do céu. Ele nasce em um estábulo humilde para nos conduzir de volta ao palácio real de Seu Pai no céu. Ele é enviado do céu como mensageiro da graça redentora, pois ninguém na terra conhecia sua grandeza. Com razão, Ele, um mensageiro celestial, deveria trazer-nos as notícias das bênçãos celestiais reservadas para nós à Sua direita. Os anjos se alegram no nascimento de Cristo, pois, pela encarnação do Filho de Deus, eles podem ter-nos como companheiros de sua bem-aventurança. Esse grande milagre é anunciado primeiro aos pastores, porque, como o verdadeiro Pastor das almas, Ele veio trazer de volta Suas ovelhas perdidas ao Seu redil. A boa nova de grande alegria é proclamada aos desprezados e humildes, pois ninguém pode partilhar essa alegria, que não seja humilde aos próprios olhos. A natividade é anunciada àqueles que vigiam seus rebanhos à noite, pois apenas aqueles cujos corações vigiam em direção a Deus, e não os que dormem no pecado, podem tornar-se participantes desse grande dom para a humanidade. E agora a multidão dos exércitos celestiais, que tanto sofreram pela tristeza do pecado de nosso primeiro pai, clamam de alegria. O esplendor de nosso Senhor e Rei aparece nos céus, cuja humildade na terra parecia insignificante aos olhos dos homens. O anjo ordena aos pastores

que “*não temam*”, por causa do nascimento d’Aquele que removerá de nós toda causa de medo. Boas novas de grande alegria são anunciadas, pois o autor e doador de toda alegria nasceu no mundo. São ordenados a se alegrarem, pois a inimizade entre Deus e o homem, a verdadeira causa de toda a nossa tristeza, foi removida. “*Glória a Deus nas alturas*”, cantam eles, pois, pela transgressão voluntária de Seu mandamento, nosso primeiro pai tentou roubar a glória de Deus. O nascimento de Cristo trouxe verdadeira paz aos homens, que antes eram inimigos de Deus, estavam em guerra com suas próprias consciências e em discórdia entre si. Assim, a verdadeira paz foi restaurada na terra, pois foi vencido aquele que nos cativara.

Vamos agora com os pastores até a manjedoura de Cristo, ou seja, Sua Igreja, e, assim como Ele jazia naquela manjedoura envolto em faixas, assim O encontraremos nas Sagradas Escrituras. Vamos também, com lembrança viva das palavras deste mistério, como Maria, a bendita mãe de nosso Senhor, conservá-las continuamente em nossos corações (Lc 2:19). Com vozes alegres, unamo-nos ao cântico dos anjos e rendamos ao Senhor o devido louvor por Seus maravilhosos benefícios. Regozijemo-nos e clamemos de alegria com toda a multidão dos exércitos celestiais. Pois, se os anjos se alegraram tanto por nossa causa, quanto mais devemos nos alegrar, para quem este Filho nasceu, para quem este Filho foi dado (Is 9:6). Se os israelitas ergueram suas vozes em brados jubilantes quando a Arca da Aliança foi-lhes restituída (2Sm 6:16), que era um tipo e sombra da encarnação de nosso amado Senhor, quanto mais devemos nos alegrar, uma vez que o próprio Senhor desceu a nós, assumindo nossa natureza humana. Se Abraão se alegrou

ao ver o dia do Senhor (Jo 8:56), quando o Senhor, assumindo na época forma corpórea, lhe apareceu, que devemos fazer, vendo que o Senhor assumiu nossa natureza em uma união perpétua e indissolúvel consigo mesmo? Oh, admiremos a maravilhosa bondade de nosso Deus, que, quando não podíamos ascender a Ele, não hesitou em descer até nós. Fiquemos maravilhados com o maravilhoso poder de nosso Deus, que foi capaz de unir em um só as naturezas divina e humana, tão diversas, de modo que agora uma mesma Pessoa é tanto Deus quanto homem. Admiremos a maravilhosa sabedoria de nosso Deus, que pôde conceber um plano para nossa redenção, que nem anjos nem homens poderiam conceber. O Bem infinito foi ofendido; uma satisfação infinita foi requerida. O homem havia ofendido a Deus; do homem a satisfação pelo pecado devia ser exigida. Mas o homem finito não poderia oferecer uma satisfação infinita, nem poderia a justiça divina ser satisfeita sem o pagamento de um resgate infinito. Por essa razão, Deus tornou-se homem para que, pelo homem que pecou, Ele pudesse oferecer uma satisfação perfeita pelo pecado e, como Deus, pudesse pagar um preço infinito por nossa redenção. Que bem possamos admirar esta estupenda reconciliação da justiça e da misericórdia divina, que ninguém, antes que Deus se manifestasse na carne, poderia conceber, nem, após Sua manifestação, poderia compreender plenamente. Fiquemos em reverência diante deste mistério, mas não busquemos entendê-lo demasiadamente. Desejemos estudá-lo reverentemente, embora não possamos compreendê-lo inteiramente. Antes confessemos nossa ignorância do que neguemos o poder de Deus.

# MEDITAÇÃO XV. OS BENEFÍCIOS SALVADORES DA ENCARNAÇÃO DE CRISTO.

*Sejamos profundamente gratos pela Redenção que há em  
Cristo Jesus.*

*“Vede, trago-vos boas-novas de grande alegria”* (Lc 2:10), disse o anjo no nascimento do nosso Salvador. Grande, de fato, é a alegria anunciada, sim, maior do que a mente humana pode conceber. Era terrível para nós permanecermos sob a santa ira de Deus, sermos cativos à vontade do diabo e estarmos sob a sentença de condenação eterna; mas ainda mais terrível era o fato de os homens ignorarem sua condição desesperadora ou serem completamente indiferentes a ela. E agora o anjo traz a boa nova de que Ele veio ao mundo para nos livrar de todos esses males. Ele veio como o Médico para os espiritualmente enfermos, como o Redentor para os cativos do pecado, como o Caminho para os que se afastaram, como a Vida para os mortos em delitos e pecados e como o Salvador para os perdidos. Assim como Moisés (Ex 3:10) foi enviado pelo Senhor para libertar os israelitas da servidão do Egito, Cristo foi enviado pelo Pai para redimir a humanidade da servidão do diabo. Assim como a pomba, após as águas do dilúvio terem diminuído sobre a terra, trouxe de volta uma folha de oliveira para Noé na arca (Gn 8:11), Cristo veio à terra para pregar paz e reconciliação entre o homem



e Deus. Por isso, devemos nos alegrar e magnificar a misericórdia de nosso Deus. Que coisa boa Ele, que nos amou enquanto éramos ainda Seus inimigos (Rm 5:8), desprezando não assumir nossa natureza humana na mais íntima união com Sua divindade, nos negará, nós que partilhamos com Ele a mesma carne? Quem já odiou a sua própria carne (Ef 5:29)? Como Ele poderia nos rejeitar, quando, por um ato de tão exaltada e infinita misericórdia, nos fez participantes de Sua própria natureza?

Quem, em pensamento mais elevado, pode alcançar este mistério estupendo, muito menos expressá-lo em palavras? Aqui temos a mais exaltada sublimidade e a mais vil baixeza; o maior poder e a mais abjeta impotência; a majestade mais gloriosa e a fraqueza mais inglória. O que pode ser mais sublime do que Deus, ou mais vil do que o homem? Quem possui mais poder do que Deus, ou maior impotência moral do que o homem? Quem pode ser tão glorioso quanto Deus, e tão fraco quanto o homem? Mas esse poder sublime concebe um plano de redenção, que une todos esses elementos, quando a justiça infinita exigia tal união. Que mente finita pode compreender a grandeza desse mistério? Um resgate adequado, de valor infinito, foi exigido pela ofensa do homem, porque o homem se afastara de Deus, o Bem infinito. Mas o que poderia ser uma satisfação adequada para um Deus infinito? Por isso, a justiça infinita toma de si mesma, por assim dizer, uma satisfação adequada oferecida por si mesma, e Deus Criador sofre na carne humana, para que o homem, obra de Suas mãos, não sofra eternamente. O Bem infinito foi ofendido, e ninguém além de um Mediador de poder infinito poderia interceder por nós. E quem é infinito, senão apenas

Deus? Assim, Deus reconciliou o mundo consigo mesmo (2 Co 5:19). O próprio Deus tornou-se Mediador. O próprio Deus redimiu a humanidade com Seu próprio sangue (At 20:28).

Quem pode entender este mistério maravilhoso? O Criador todo-poderoso foi ofendido, e ainda assim a criatura que cometeu a ofensa não manifestou ansiedade por propiciação ou reconciliação; mas Ele, que foi ofendido, assumiu nossa carne para fazer a reconciliação por nós. O homem abandonou Deus e aliou-se ao diabo, o inimigo amargo de Deus; e ainda assim, Aquele que foi assim abandonado, com terno cuidado busca o desertor e, com grande graça, implora que ele retorne a Ele. O homem se afastou da própria Bondade infinita e caiu em profundezas infinitas de maldade; mas essa mesma Bondade infinita, pagando um preço infinito por sua redenção, resgata-o dessas profundezas infinitas de mal. Oh, não excede essa infinita misericórdia o mais alto pensamento da mente humana finita? Cristo trouxe para nossa pobre natureza humana uma glória maior do que aquela perdida pelo pecado de Adão. Em Cristo recebemos mais do que perdemos em Adão. Onde o pecado abundou, a graça divina abundou ainda mais. Em Adão perdemos nossa inocência primitiva; em Cristo recebemos uma justiça plena e completa (Rm 5:18). Alguns podem justamente considerar o poder de Deus como maravilhoso, mas ainda mais maravilhosa é Sua graça; embora, no que diz respeito a Deus, ambos sejam igualmente maravilhosos, pois ambos são infinitos. Outros podem admirar o poder maravilhoso de Deus na criação; mas ainda mais podemos admirar as maravilhas de Sua graça na redenção, embora tanto a criação quanto a redenção manifestem igualmente Seu poder infinito. Foi uma grande coisa criar o

homem no princípio, quando, ainda inexistente, ele não podia merecer nem o bem nem o mal da parte de Deus; mas redimir o homem, quando ele merecia justamente a condenação, e tomar sobre Si mesmo o castigo devido pela transgressão do homem, isso parece-me uma coisa ainda maior. É verdadeiramente maravilhoso quando consideramos como Deus formou em nós nossa carne e nossos ossos; mas é ainda mais maravilhoso pensar como Ele quis tornar-se carne da nossa carne e osso dos nossos ossos (Ef 5:30).

Ó minha alma, dá contínuas graças a Deus que te criou, quando ainda não existias; que te redimiou, quando pelo pecado estavas sob condenação eterna; e que preparou para ti alegrias inefáveis e plenas de glória, se pela fé te apegas a Cristo, teu Salvador.

# MEDITAÇÃO XVI. O REFRESCO ESPIRITUAL DOS PIEDOSOS.

*Que é Deus para a alma? Ele é sua luz, seu bálsamo  
curador, seu pão da vida.*

Deus, em Sua infinita graça, preparou um grande banquete. Contudo, aqueles que desejam dele participar devem vir com corações famintos e sedentos de justiça.

Quem não prova, não percebe a doçura desse banquete celestial; e quem não tem fome dele, não o prova. Crer em Cristo é vir a esse banquete. Porém, ninguém pode crer em Cristo sem reconhecer seus pecados com verdadeira contrição e penitência. A contrição é a fome espiritual de nossas almas; pela fé, elas são espiritualmente alimentadas.

O Senhor Deus alimentou os israelitas no deserto com maná, o alimento dos anjos (Êx 16:4; Sl 78:25); mas, neste bendito banquete da nova aliança, Deus alimenta nossas almas com o maná celestial, isto é, o perdão de nossos pecados; mais ainda, com o Corpo e o Sangue de Seu próprio Filho, que é o Senhor dos anjos. Cristo é o Pão vivo que desceu do céu (Jo 6:51) para dar vida ao mundo. Quem se enche das bolotas que os porcos comem, ou seja, das delícias carnis deste mundo,

não se importa com a bem-aventurança deste banquete espiritual. A mente carnal não compreende o que é verdadeira bem-aventurança para a alma. Neste deserto que é o mundo, Deus alimenta nossas almas com Seu próprio maná quando o sustento terreno nos falta e todo conforto terreno se afasta. Os que acabaram de se casar, na parábola, relutaram em vir ao banquete (Lc 14:20); mas as almas que não estão unidas ao diabo pelo pecado, nem ligadas ao mundo por seus prazeres, apressam-se para este banquete do evangelho. *“Porque vos desposei com um marido, para vos apresentar como uma virgem pura a Cristo”* (2Co 11:2). Devemos manter nossas almas livres de toda aliança impura com o mundo, se quisermos que Deus nos despose a Si mesmo nesta união espiritual. Aqueles que, na parábola do banquete, estavam ocupados cuidando de suas novas terras, também recusaram o gentil convite (Lc 14:18); e os absorvidos nos prazeres deste mundo não anseiam pela bem-aventurança do banquete celestial. O desejo é o alimento da alma. Nossas almas não vêm a este banquete místico sem desejar por ele; e uma alma que coloca sua felicidade nos confortos deste mundo não pode ansiar pelas delícias celestiais do evangelho. Quando o jovem rico ouviu que deveria abrir mão das riquezas terrenas em que sua alma se deleitava para seguir a Cristo, foi embora triste (Mt 19:22). Cristo, nosso Elias celestial (2Rs 4:3-4), não derrama o óleo da graça celestial em nenhum vaso que não esteja antes totalmente vazio; e o amor de Deus não toma posse de nenhuma alma da qual o amor próprio e o amor ao mundo não tenham sido excluídos. *“Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”* (Mt 6:21). Se o mundo é o teu tesouro, teu coração estará no mundo. O amor possui um poder de união; se amas as coisas terrenas,

serás unido a elas. O amor também tem um poder de assimilação; se amas o mundo, tornar-te-ás mundano; se amas as coisas celestiais, inclinar-te-ás celestialmente.

Na parábola, aqueles que negociavam com bois e mercadorias não vieram a Cristo (Lc 14:19). Os que colocam seus corações nas riquezas terrenas não buscam as celestiais (Sl 62:10); as riquezas deste mundo parecem satisfazer temporariamente os desejos da alma, de modo que ela não busca em Deus a plena e perfeita satisfação que somente Ele pode dar. As riquezas do mundo consistem em coisas materiais, como prata, ouro, casas, terras, rebanhos e gado. Contudo, nenhuma dessas coisas pode satisfazer os anseios da alma, que é muito mais excelente do que qualquer objeto material, pois todas essas coisas foram criadas para o uso e benefício da alma. A insuficiência das coisas materiais para atender às necessidades da alma torna-se evidente na morte, quando devemos renunciar a todas elas. É surpreendente que fixemos tanto nossos corações em bens terrenos, sendo nossa posse deles tão frágil e passageira. Quando Adão abandonou os confortos proporcionados por Deus e buscou deleite na árvore do conhecimento do bem e do mal, foi expulso do paraíso (Gn 3:24). Assim também, nossas almas, ao se afastarem de Deus, o Criador, e se voltarem às criaturas, são privadas dos confortos celestiais e afastadas para sempre da árvore da vida.

Mas o que resta àqueles que negligenciam esta festa celestial? O mundo passa, e a sua concupiscência (1Jo 2:17; 1Co 7:31); e assim também passarão todos os que nele colocam

seus corações. Todas as coisas criadas perecerão, assim como aqueles que nelas depositam suas esperanças. Deus declara que os que preferem os bens e prazeres desta vida às bênçãos de Sua festa celestial não provarão de Sua ceia (Lc 14:24). Se a ceia for negligenciada, os famintos permanecerão sem alimento; e se Cristo for rejeitado, não restará mais remédio para o pecado. Aqueles que desprezaram o convite sofrerão as dores da fome eterna e habitarão nas trevas exteriores. Os que recusaram ouvir a palavra de Cristo: *“Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados”* (Mt 11:28), um dia ouvirão a terrível sentença: *“Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno”* (Mt 25:41). Os sodomitas foram consumidos pelo fogo do céu porque, sendo graciosamente convidados para esta festa celestial pelas palavras de Ló, recusaram-se a vir. Da mesma forma, os que rejeitam insolentemente o convite do Evangelho serão consumidos pelos fogos da ira divina, que arderão eternamente. As cinco virgens insensatas, que saíram ao encontro do noivo sem levar óleo em suas lâmpadas, deram desculpas pelo atraso, mas, enquanto isso, a porta foi fechada (Mt 25:10). Assim, aqueles cujos corações não estão cheios do óleo do Espírito Santo neste mundo não serão admitidos por Cristo na alegria celestial. Descobrirão que a porta da longanimidade, da misericórdia, da consolação eterna, da esperança, da graça e das boas obras estará definitivamente fechada contra eles.

Além disso, há um chamado interno de Cristo às nossas almas, e bem-aventurado é aquele que o atende. Cristo frequentemente bate à porta de nossos corações com santos desejos, aspirações devotas e meditações piedosas; feliz é quem

abre amplamente a porta do coração a Ele (Ap 3:20). Assim que experimentares algum desejo pela graça de Deus, podes concluir com certeza que é Cristo batendo à porta de teu coração. Oh, admite-O, para que Ele não passe por ti e, depois, feche contra ti a porta de Sua misericórdia. Quando percebes em teu coração a menor centelha de pensamentos piedosos, reconhece que foi acesa pelo fervor do amor de Deus, por meio do Espírito Santo. Oh, alimenta e mantém viva essa chama sagrada, para que ela cresça em um fogo ardente de amor por Deus. Cuidado para não extinguir o Espírito Santo nem impedir a obra do Senhor em tua alma (1Ts 5:19). Quem destrói o templo de Deus sofrerá o severo julgamento divino (1Co 3:17). Nosso coração é o templo de Deus, e o destruimos quando recusamos atender ao chamado interno do Espírito Santo por meio da palavra de Deus. Os profetas antigos falaram movidos pelo Espírito Santo (2Pe 1:21); agora, sob o Evangelho, todos os verdadeiramente piedosos sentem os movimentos e impulsos internos do Espírito. Bem-aventurados, de fato, são aqueles que O ouvem e seguem.



# MEDITAÇÃO XVII. OS BENEFÍCIOS DO BATISMO.

*O Batismo é uma Lavagem Sagrada.*

Lembra-te, ó alma fiel, da maravilhosa graça de Deus concedida a ti no santo batismo. O batismo é a lavagem da regeneração (Tt 3:5); portanto, aquele que foi espiritualmente lavado no lavatório do batismo não está mais, de corpo e alma, sob o poder de uma natureza carnal, mas, porque nasceu de novo de Deus, pela água e pelo Espírito (Jo 3:5), é filho de Deus e, se filho, então herdeiro da bem-aventurança eterna (Rm 8:17). Como o Pai Eterno, no batismo de Cristo, declarou: *“Este é o meu Filho amado”* (Mt 3:17), assim todos os que creem e são batizados recebem a adoção de filhos. Assim como o Espírito Santo desceu em forma de pomba no batismo de Cristo, também Ele está presente em nosso batismo e concede-lhe toda a sua eficácia; mais ainda, comunica-se às almas que creem neste santo sacramento, operando nelas de tal modo que *“se tornam prudentes como as serpentes e simples como as pombas”* (Mt 10:16). Como foi na criação, assim é em nossa regeneração. Pois, assim como na criação do mundo o Espírito do Senhor movia-se sobre a face das águas (Gn 1:2), comunicando-lhes uma energia vital, assim na água do batismo o mesmo Espírito Santo está presente para torná-la eficaz em nossa regeneração. Nosso amado Salvador, o próprio Cristo, submeteu-se ao batismo para deixar claro que, pelo batismo, somos feitos membros de

Seu corpo. Muitas vezes um remédio é aplicado à cabeça para que outras partes do corpo sejam curadas; nossa cabeça espiritual é Cristo, e Ele submeteu-se ao santo batismo para que os membros de Seu corpo místico desfrutem de seus benefícios salvadores. Na antiga aliança, Deus estabeleceu Seu pacto com Seu povo pela circuncisão (Gn 17:11); assim, na nova aliança, somos recebidos em relações de pacto com Deus pelo batismo (Cl 2:11-12), pois o batismo substituiu a circuncisão. Aquele que está em aliança com Deus não deve temer o diabo. Aqueles que são batizados em Cristo revestem-se de Cristo (Gl 3:27), e assim os santos são descritos como tendo lavado suas vestes e as tornado brancas no sangue do Cordeiro (Ap 7:14). A justiça perfeita de Cristo é a gloriosa vestidura de Seus santos; não tema, pois, aquele que está revestido desta veste a menor mancha de pecado.

Havia em Jerusalém, junto ao mercado das ovelhas, um tanque (Jo 5:2) no qual, em certos momentos, um anjo descia e agitava a água; aquele que entrava primeiro, depois do movimento da água, era curado de qualquer enfermidade que tivesse (Jo 5:4). A água do batismo é esse tanque, que nos cura da enfermidade do pecado quando o Espírito Santo desce sobre ela e a agita, por assim dizer, com o sangue de Cristo, que Se entregou como sacrifício por nós, assim como os cordeiros sacrificiais eram lavados nesse tanque em Jerusalém. No batismo de Cristo, os céus foram abertos (Mt 3:16); assim, em nosso batismo, os portões do céu se abrem para nossas almas. No batismo de Cristo, as três pessoas da adorável Trindade estavam presentes; assim, também, estão presentes em nosso batismo. E, na palavra de promessa unida ao elemento da água,

a fé recebe a graça do Pai celestial, que nos adota, o mérito do Filho abençoado, que nos purifica do pecado, e a eficácia do Espírito Santo, que nos regenera.

Faraó e todo o seu exército pereceram no Mar Vermelho, enquanto os israelitas passaram em segurança (Êx 14:28); assim, no batismo, todos os nossos pecados são destruídos, e a alma crente passa com segurança para a herança prometida do reino celestial. O batismo pode ser comparado ao mar de vidro semelhante ao cristal que São João viu em sua maravilhosa visão (Ap 4:6); através dele, como através de um vidro, a glória do Sol da Justiça brilha em nossas almas. Mas esse mar estava diante do trono do Cordeiro. Esse trono do Cordeiro é a Igreja, na qual somente a graça do batismo é depositada. O profeta Ezequiel, em sua visão, viu águas fluindo de debaixo do templo (Ez 47:1) que levavam vida e cura a todas as coisas (Ez 47:9); assim, no templo espiritual de Deus, a Igreja, as águas salvadoras do batismo ainda fluem, nas profundezas das quais nossos pecados são lançados (Mq 7:19), e cujas correntes trazem cura espiritual e vida a todos a quem elas alcançam. O batismo é aquela inundação espiritual em que nossa carne pecaminosa é afogada: o corvo impuro, o diabo, parte para não mais retornar, mas a pomba, o Espírito Santo, retorna com o ramo de oliveira, ou seja, com paz e serenidade para a alma cansada. Lembra-te, pois, ó alma fiel, dessa maravilhosa paz oferecida a ti no batismo, e por ela rende devidas graças a Deus.

Além disso, quanto mais ricamente abençoada for a graça batismal concedida a ti, com maior cuidado deves guardá-la.

*“Somos sepultados com Cristo pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida”* (Rm 6:4). Fomos curados; portanto, não pequemos mais, para que algo pior não nos aconteça (Jo 5:14). Revestimo-nos da justiça de Cristo, uma vestidura de valor inefável; portanto, não a manchemos com o pecado. Nosso velho homem foi crucificado e morto no batismo; que o novo homem agora viva. Fomos regenerados e renovados no espírito de nossa mente no batismo (Ef 4:23); que a carne, então, não domine o espírito! *“As coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”* (2 Co 5:17); não deixemos, pois, que a velhice da carne prevaleça sobre a novidade do Espírito. Tornamo-nos filhos de Deus por nosso novo nascimento espiritual; vivamos dignamente, então, de nosso Pai Celestial. Tornamo-nos templos do Espírito Santo; preparemos, então, uma morada que seja agradável a tão ilustre Hóspede. Fomos tomados em relação de aliança com Deus; cuidemos, pois, para não servir ao diabo e assim privar-nos da graça desta aliança.

Ó Santíssima Trindade, realiza tudo isso em nossas almas, humildemente Te rogamos! Ó Deus Único, que nos concedeste Tua graça no batismo, ajuda-nos, suplicamos, a perseverar nessa graça até o fim.

# MEDITAÇÃO XVIII. A COMUNHÃO SALVÍFICA DO CORPO E SANGUE DE CRISTO.

*A Carne de Cristo é Vida para a Alma.*

*“Aquele que come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna”* (Jo 6:54), diz nosso Senhor Jesus Cristo. Maravilhosa é a bondade do nosso Salvador, que não só assumiu a nossa natureza humana em Sua encarnação e a levou consigo ao Seu trono de glória celestial, mas também nos dá Seu próprio corpo e sangue para nutrir nossas almas para a vida eterna. Ó, as bênçãos deliciosas que Ele aqui oferece à minha alma! Ó, o glorioso banquete pelo qual tanto anseio! Ó, o alimento celestial e angélico desta santa ceia de nosso Senhor! Embora os anjos desejassem investigar este grande mistério (1Pe 1:12), Cristo não assumiu a natureza dos anjos, mas a descendência de Abraão (Hb 2:16). Nosso Salvador é mais próximo de nós do que dos próprios anjos; e por isso sabemos que Ele nos ama, porque Ele nos deu de Seu Espírito (1Jo 4:13), e não apenas de Seu Espírito, mas também de Seu próprio corpo e sangue. Pois assim Cristo, Ele próprio a Verdade, fala sobre o pão e o vinho eucarísticos: *“Este é o meu corpo; este é o meu sangue”* (Mt 26:26-28). Como pode o Senhor esquecer aqueles que Ele redimiu, aqueles que Ele alimentou com Seu próprio corpo e

sangue? *“Aquele que come a Minha carne e bebe o Meu sangue permanece em Mim, e Eu nele”* (Jo 6:56).

Não me surpreende muito, diante de tudo isso, que até mesmo os cabelos de nossas cabeças estejam todos contados (Mt 10:30); que nossos nomes estejam escritos nos céus (Lc 10:20); que estejamos gravados nas palmas das mãos do Senhor (Is 49:16); que sejamos carregados em Seu seio (Is 46:3), pois somos alimentados com o precioso corpo e sangue de Cristo. Inexpressavelmente grande deve ser o valor de nossas almas, pois elas são nutridas com o precioso resgate de sua própria redenção. Grande, de fato, é a honra conferida aos nossos corpos, uma vez que eles são as habitações de nossas almas, redimidas e nutridas pelo corpo de Cristo, e são templos do Espírito Santo e moradas da adorável Trindade. Não é possível que permaneçam no túmulo para sempre, pois são assim nutridos com o corpo e sangue de nosso Senhor. Ele é o maravilhoso pão da vida. Dele participamos e nos tornamos um só corpo com Cristo. Somos membros de Cristo; somos animados por Seu Espírito; somos nutridos com Seu corpo e sangue. Ele é o pão de Deus que desce do céu e dá vida ao mundo (Jo 6:33), do qual, se alguém comer, nunca mais terá fome. Ele é o pão da graça e da misericórdia, de que, se alguém comer, prova e vê que o Senhor é bom (Sl 34:8), e de Sua plenitude recebe graça sobre graça (Jo 1:16). Ele é o pão da vida, não só vivente, mas vivificador (Jo 6:58); de modo que quem Dele comer viverá para sempre. Este é o pão que desceu do céu; e não é apenas celestial em sua própria natureza, mas para todos que Dele participarem, no espírito e com fé salvadora, Ele garantirá um lugar entre os convidados celestiais nas bodas

do Cordeiro. Sim, convidados celestiais eles serão, pois jamais morrerão, mas serão ressuscitados no último dia. E ainda assim não serão ressuscitados para o julgamento, pois aqueles que comem deste pão não virão a julgamento nem à condenação, pois não há condenação para os que estão em Cristo Jesus (Rm 8:1); mas eles ressuscitarão para a vida e a salvação eterna. Pois quem come a carne do Filho do Homem e bebe Seu sangue tem vida em si e viverá por Cristo (Jo 6:53, 57). Sua carne é verdadeiramente comida, e Seu sangue é verdadeiramente bebida (Jo 6:55). Não busquemos, então, saciar nossas almas com nossas obras mortas, mas com o alimento abençoado provido pelo Senhor; não tentemos satisfazê-las com as coisas perecíveis da terra, mas com a abundância da casa do Senhor (Sl 36:8).

Ele é a verdadeira fonte de vida: quem beber da água que Jesus lhe der, será nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna (Jo 4:14). *“Ó vós, todos os que tendes sede, vinde às águas; e os que não têm dinheiro, vinde, comprai e comei”* (Is 55:1). Que todos os sedentos venham, e venha tu, ó minha alma sedenta, que és atormentada pelo calor abrasador de teus pecados. Mesmo que não tenhas dinheiro, nenhum mérito próprio para oferecer, então apressa-te ainda mais para esta fonte refrescante. Se não tens mérito próprio, apressa-te ainda mais ansiosamente para o mérito salvador de Cristo, teu Salvador. Corre para cá, então, e compra sem dinheiro e sem preço. Aqui é o lugar de repouso para Cristo e a alma, do qual nossos pecados não podem nos afastar, nem nossos méritos podem nos ajudar a alcançá-lo. Mas o que podem nossos próprios méritos fazer por nós? *“Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão, e o*

*produto do vosso trabalho naquilo que não satisfaz?” — diz o profeta (Is 55:2). Não podemos satisfazer nossas almas por nossas boas obras, nem comprar a graça divina por nossos próprios méritos.*

Então ouve diligentemente, ó minha alma, e come o que é bom, e deleita-te na abundância (Is 55:2). *“As palavras que vos falo são espírito e são vida”* (Jo 6:63); e estas são palavras de vida eterna: *“O cálice da bênção que abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos, não é a comunhão do corpo de Cristo?”* (1 Co 10:16). Apegamo-nos ao Senhor; assim, somos um espírito com Ele (1 Co 6:17). Estamos unidos a Ele, não apenas porque Ele assumiu nossa natureza, mas também porque Seu corpo e sangue nos são comunicados na Santa Ceia. Não pergunto, portanto, como os judeus incrédulos: *“Como pode este homem dar-nos sua carne para comer?”* (Jo 6:53), mas exclamo: *“Quão maravilhoso é que o Senhor nos tenha dado Seu corpo para comer e Seu sangue para beber!”* Não indago sobre os mistérios de Seu poder, mas maravilho-me com as maravilhas de Sua misericórdia. Não perscruto curiosamente Sua majestade gloriosa, mas humildemente adoro Sua bondade infinita. Na presença real d'Ele na Santa Ceia eu creio profundamente, embora sobre o modo dessa presença eu seja ignorante, mas sei com certeza que é da forma mais próxima e íntima. Somos membros de Seu corpo, carne de Sua carne, osso de Seus ossos (Ef 5:30).

Minha alma deseja ser absorvida na contemplação deste mistério profundo; faltam-me palavras para expor ou expressar



adequadamente essa grande bondade do Senhor; fico totalmente atônito ao pensar na maravilhosa graça do Senhor e na glória que aguarda Seus santos!

# MEDITAÇÃO XIX. O MISTÉRIO DA CEIA DO SENHOR.

*Ficar maravilhado diante dela, e não sondá-la, é a mais pura sabedoria.*

Na Santa Ceia do nosso Senhor, temos um mistério colocado diante de nós que deveria suscitar o mais profundo temor e inspirar a nossa mais profunda adoração. Ali se encontra o tesouro e o reservatório da graça de Deus. Sabemos (Gn 2:9) que a árvore da vida foi plantada por Deus no Paraíso, para que seu fruto preservasse nossos primeiros pais e sua descendência na bem-aventurança de uma imortalidade que Ele lhes concedera na criação. A árvore do conhecimento do bem e do mal também foi colocada no Paraíso; mas aquilo que Deus lhes deu para sua salvação e vida eterna, e para servir como prova de sua obediência, tornou-se a ocasião de sua morte e condenação eterna, quando miseravelmente cederam às seduições de Satanás e seguiram seus próprios desejos pecaminosos. Assim, nesta Santa Ceia, temos novamente a verdadeira árvore da vida diante de nós, aquela doce árvore (Ez 47:12), cujas folhas são para cura e cujo fruto é para salvação; sim, sua doçura é tal que destrói a amargura de todas as aflições, e até mesmo da própria morte. Os israelitas foram alimentados com maná no deserto como pão do céu (Êx 16:15); nesta Santa Ceia, temos o verdadeiro maná que desceu do céu para dar vida ao mundo; aqui está aquele pão do céu, aquele alimento dos anjos, do qual,

se alguém comer, jamais terá fome (Jo 6:35, 51). Os filhos de Israel possuíam a arca da aliança e o propiciatório, onde podiam ouvir o Senhor falando com eles face a face (Êx 25:21-22); mas aqui temos a verdadeira arca da aliança, o santíssimo corpo de Cristo, no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (Cl 2:3); aqui temos o verdadeiro propiciatório no precioso sangue de Cristo (Rm 3:25), pelo qual Deus nos fez aceitáveis no Amado (Ef 1:6). Cristo não apenas fala uma palavra de conforto às nossas almas, mas também habita em nós; Ele alimenta nossas almas, não com o maná celestial, mas, o que é muito melhor, com Ele mesmo. Aqui está a verdadeira porta do céu para as nossas almas e a escada que alcança o céu, pela qual os anjos de Deus sobem e descem (Gn 28:12); pois Ele, que está no céu, não é maior que os céus? Pode o céu estar tão próximo de Deus quanto a carne e a natureza humana que Ele assumiu na encarnação? O céu é, de fato, a morada de Deus (Is 66:1), e ainda assim o Espírito Santo repousa sobre a natureza humana assumida por Cristo (Is 11:2). Deus está no céu, e ainda em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da Divindade (Cl 2:9). Verdadeiramente, este é um grande e infalível penhor de nossa salvação; Ele não poderia ter nos dado algo maior, pois o que é maior que Ele mesmo? O que pode estar mais intimamente unido ao Senhor do que sua própria natureza humana, que Ele, em sua encarnação, levou à comunhão com a adorável Trindade, e assim fez o tesouro de todas as bênçãos que o céu tem a oferecer? O que está tão intimamente ligado a Ele quanto seu próprio corpo e sangue? Com este alimento verdadeiramente celestial Ele refresca nossas almas, que são como vermes miseráveis diante Dele, e nos torna participantes de sua própria natureza; por que, então, não desfrutaríamos de Sua graciosa

misericórdia? Quem já odiou sua própria carne (Ef 5:29)? Como, então, o Senhor poderia nos odiar, a quem Ele dá seu corpo para comer e seu sangue para beber? Como Ele poderia esquecer aqueles a quem deu o penhor de seu próprio corpo? Como Satanás poderia vencer-nos quando somos fortalecidos e capacitados para nossos conflitos espirituais com este pão celestial?

Cristo nos estima porque nos comprou a tão alto preço; Ele nos estima porque alimenta nossas almas com alimento tão caro e precioso; Ele nos estima porque somos membros de seu corpo, de sua carne (Ef 5:30). Este é o único remédio soberano para todas as doenças de nossas almas; aqui está o único remédio eficaz para a mortalidade; pois que pecado é tão horrível que a carne sagrada de Deus não possa expiá-lo? Que pecado é tão grande que não possa ser curado pela carne vivificante de Cristo? Que pecado é tão mortal em seus efeitos que não possa ser expiado pela morte do Filho de Deus? Que dardos de Satanás são tão inflamados que não possam ser apagados nesta fonte de graça divina? Que consciência está tão manchada pelo pecado que não possa ser purificada pelo sangue de Jesus? O Senhor caminhou com os israelitas antigos numa coluna de nuvem e fogo (Êx 13:21); mas aqui temos presente conosco, não uma nuvem, mas o próprio Sol da Justiça (Ml 4:2), a bendita Luz de nossas almas. Aqui sentimos não o fogo da ira divina, mas a chama ardente do amor divino, que não se afasta de nós, mas vem e faz sua morada conosco (Jo 14:23).

Nossos primeiros pais foram colocados no Paraíso, aquele jardim encantador e delicioso, símbolo da bem-aventurança eterna do paraíso celestial, para que, lembrando-se da bondade de Deus para com eles, rendessem a devida obediência ao seu Criador.

Mas eis que, nesta santa ceia, temos mais que um paraíso; pois aqui a alma da criatura é espiritualmente alimentada com a carne de seu Criador todo-poderoso. A consciência é purificada de todas as manchas de culpa no sangue do Filho de Deus. Os membros de Cristo, sua cabeça espiritual, são nutridos com seu próprio corpo; a alma crente se alimenta num banquete divino e celestial. A santa carne de Deus, que as hostes angélicas adoram na unidade da natureza divina, diante da qual os arcanjos se inclinam em reverência, e diante da qual as potestades e poderes do céu tremem e estão em reverência, tornou-se o alimento espiritual de nossas almas. Alegrem-se os céus e regozije-se a terra (Sl 96:11), mas ainda mais exulte e cante de alegria a alma crente, a quem Deus concede um dom tão inefável!

# **MEDITAÇÃO XX. UMA SÉRIA PREPARAÇÃO PARA A SANTA CEIA.**

*Sê um convidado digno de Cristo em Sua Santa Ceia.*

Esta Santa Ceia não é uma refeição comum, nem o banquete de um rei terreno; aqui está colocado diante de nós o santo mistério do corpo e do sangue de Cristo, do qual devemos participar. Certamente, então, é necessária uma preparação digna, para que não comamos indignamente dele, encontrando morte em vez de vida e recebendo juízo em vez de misericórdia.

Como o santo patriarca treme, como ele teme, embora tão notável pela força de sua fé, quando o Filho de Deus em forma humana aparece a ele e anuncia a iminente destruição de Sodoma (Gn 18:2). Mas aqui o Cordeiro de Deus é colocado diante de nós, e não para ser meramente contemplado com curiosidade, mas para ser provado e comido. Quando Uzias, de forma imprudente e irrefletida, aproximou-se da Arca da Aliança, o Senhor imediatamente o feriu com lepra (2Cr 26:16); que maravilha que aquele que come deste pão e bebe deste vinho indignamente coma e beba para sua própria condenação? Pois aqui está a verdadeira Arca da Aliança, da qual a antiga era apenas um símbolo.

O apóstolo nos diz em uma palavra o que constitui a verdadeira preparação: *“Examine-se o homem a si mesmo”*, ele diz, *“e assim coma deste pão”* (1Co 11:28). Mas como todo exame santo deve ser feito de acordo com a regra das Sagradas Escrituras, assim também é neste caso que Paulo exige. Consideremos, então, antes de tudo, nossa fraqueza e imperfeição humanas. O que é o homem? Nada mais que pó e cinza (Gn 18:27); da terra nascemos, da terra tiramos nosso sustento, à terra retornaremos novamente. O que é o homem? Uma semente impura, uma massa de corrupção, e em breve será alimento de vermes. O homem nasce para o trabalho, não para a honra; *“o homem que é nascido de mulher,”* e por isso em culpa, *“é de poucos dias”* (Jó 14:1); sua vida é passada em temor, cheia de muitos sofrimentos e, portanto, de pranto; verdadeiramente com muitos sofrimentos, porque tanto seu corpo quanto sua alma estão tão intensamente aflitos. O homem é ignorante tanto de sua origem quanto de seu fim. Nossa vida é como uma planta de verão, logo murcha, e ainda assim esta breve vida é preenchida com labutas e dores que em nada são breves.

Consideremos, em segundo lugar, nossa indignidade. Toda criatura, de fato, comparada ao Criador, é uma sombra, um sono, um nada (Sl 39:7), e o mesmo ocorre com o homem. Mas o homem é indigno em muitos e mais graves aspectos, pois com seus pecados ele ofendeu seu Criador. Deus é, por natureza e essência, justo; assim, em Sua natureza e essência, Ele é justamente ofendido pelo pecado. E o que somos nós senão como restolho para esse fogo consumidor? Como nossa

abominável iniquidade pode permanecer diante d'Ele? Como podem nossas iniquidades, que colocaste diante de Ti (Sl 90:8), e nossos erros, que colocaste na luz do Teu rosto, suportar o ardor de Tua santidade? Deus é infinito e sempre age de acordo com Seu próprio caráter; Sua justiça e Sua santa ira contra o pecado são igualmente infinitas; e se Ele é grande e verdadeiramente maravilhoso em todas as Suas obras, certamente também o é em ira, em justiça, em vingança. Aquele que não poupou Seu próprio Filho poupará a obra de Suas mãos? Aquele que não poupou Seu santíssimo Filho poupará um servo inútil e insignificante? Tão odioso é o pecado para Deus que Ele o pune até mesmo naqueles que Lhe são mais caros, como é manifesto no caso de Lúcifer, o chefe dos anjos caídos.

E em nossa preparação para esta Santa Ceia, não nos limitemos a examinar a nós mesmos, mas consideremos também este pão abençoado, que é a comunhão do corpo de Cristo, e então nos parecerá como uma verdadeira fonte da graça de Deus, e uma nascente inesgotável de misericórdia divina. Verdadeiramente, o Senhor não poderia afastar Seu rosto de nós, a quem Ele graciosamente fez participantes de Sua própria carne, pois quem jamais odiou a sua própria carne (Ef 5:29)? Assim, esta Santa Ceia transformará nossas almas; este sacramento diviníssimo nos tornará homens divinos, até que finalmente entremos na plenitude da bem-aventurança vindoura, preenchidos de toda a plenitude de Deus, e completamente semelhantes a Ele. O que aqui temos apenas pela fé e em mistério, lá desfrutaremos em realidade e abertamente. Estes nossos corpos, que agora são templos do Espírito Santo, e são santificados e vivificados pelo corpo e pelo sangue de Cristo



habitando neles, serão coroados com a glória de que neles veremos a Deus face a face (1Co 13:12). Este santo remédio cura todas as feridas abertas que o pecado causou; este corpo vivificante do Filho de Deus vence todo pecado mortal; este é o selo sagrado das promessas divinas, que pela graça de Deus podemos exhibir no grande julgamento; e nos gloriamos nesta promessa segura e suficiente de vida eterna assim nos dada. Se o corpo e o sangue de Cristo nos são assim comunicados, certamente gozaremos de todas as bênçãos adquiridas por aquele santíssimo corpo e por aquele sangue bendito. Aquele que nos deu as maiores bênçãos negará as menores? Aquele que não poupou Seu próprio Filho, como não nos dará com Ele também todas as coisas gratuitamente (Rm 8:32)?

Alegra-te, ó minha alma, esposa desposada de Cristo, pois o tempo se aproxima rapidamente em que serás chamada para as bodas do Cordeiro (Ap 19:7); reveste-te das tuas preciosas vestes; toma a vestimenta nupcial preparada para ti, para que, quando Ele entrar, não te encontre despreparada para recebê-Lo. Essa veste é a justiça do teu esposo, Jesus Cristo, que vestimos no santo batismo; nossa própria justiça está longe de ser a vestimenta nupcial, pois não é nada menos que trapos imundos diante de Deus (Is 64:6). Ó, tenhamos grandemente vir para a solene ceia das bodas do Cordeiro vestidos com as miseráveis e imundas roupas de nossas próprias obras; mas reveste-nos, ó Senhor, para que naquele dia não sejamos encontrados nus (2Co 5:3).

# MEDITAÇÃO XXI. A ASCENSÃO DE CRISTO.

*Ascender com Cristo é nosso Bem-Aventurado Privilégio.*

Medita, ó alma fiel, sobre a ascensão de teu Senhor. Cristo retirou Sua presença corpórea visível de nós para que a fé n'Ele pudesse ter um exercício mais abundante; pois bem-aventurados são os que não viram e ainda assim creram (Jo 20:29). Onde está o nosso tesouro, aí também estará o nosso coração (Lc 12:34). Cristo, nosso tesouro, está no céu; então, fixemos nossos afetos nas coisas celestiais, ou meditemos sobre as coisas que estão acima (Cl 3:2). A noiva expectante aguarda a vinda de seu esposo com os mais ardentes anseios; assim, que a alma devota aguarde ansiosamente a chegada do dia em que será admitida ao banquete nupcial do Cordeiro (Ap 19:7). Que ela descanse confiante na promessa do Espírito Santo, a quem o Senhor, ao ascender ao céu, enviou como Consolador; que confie nos méritos do corpo e do sangue de seu Senhor, que recebe na Santa Ceia, e creia firmemente que nossos corpos, alimentados com este alimento celestial, um dia ressurgirão dos mortos. O que agora acreditamos, então veremos; o que agora esperamos, então gozaremos em jubilosa realidade. Enquanto aqui peregrinamos, o Senhor está presente conosco, mas de forma invisível (Lc 24:15); em nossa pátria celestial, O conheceremos, pois O veremos como Ele é. Nosso Salvador escolheu ascender ao céu desde o Monte das Oliveiras (At 1:12); o ramo de oliveira

é símbolo de paz e alegria; era apropriado, portanto, que Aquele que, através de Sua amarga paixão, traz paz às consciências aterrorizadas e perturbadas, e é recebido nos céus com jubilosa alegria pelos exércitos celestiais, ascendesse do monte chamado Monte das Oliveiras. Esse sagrado monte nos chama às coisas celestiais; atendamos a esse chamado e sigamos com santos desejos, já que não podemos seguir com os pés do corpo. Moisés, de modo semelhante, subiu ao monte para falar com o Senhor (Êx 19:3); nos montes, os santos patriarcas de outrora adoraram ao Senhor (Jo 4:20); Abraão escolheu a região montanhosa, enquanto Ló escolheu a planície do Jordão (Gn 13:11). Que a alma fiel abandone as planícies baixas deste mundo e busque com santa devoção as alturas celestiais; assim gozará da mais bem-aventurada comunhão com Deus; assim poderá adorar a Deus em espírito e em verdade (Jo 4:24); assim, com o fiel Abraão, escapará das eternas chamas que acometerão as planícies da mundanidade.

Betânia significa a vila da humildade e da aflição, através da qual o caminho para o reino celestial se abre para nós, assim como Cristo, através dos mais severos sofrimentos, entrou em Sua glória (Lc 24:56). Até então, o céu parecia estar fechado para nossas almas, e o Paraíso acima guardado com uma espada flamejante (Gn 3:24); mas agora, nosso Senhor triunfante escancara os portões do céu para nós, para que Ele nos conduza de volta à nossa pátria celestial, da qual fomos excluídos por nossos pecados. Os discípulos extasiados estão a olhar para o céu (At 1:11); assim, que todos os verdadeiros discípulos de Cristo elevem suas almas à contemplação das coisas celestiais e divinas.

Ó bem-aventurado Senhor Jesus, quão gloriosamente Tua paixão terminou! Que transformação súbita e abençoada está aqui! Ah, em que terrível angústia Te vi no Monte Calvário, e agora, em que glória Te contemplo no Monte das Oliveiras! Lá, sofrestes sozinho; aqui, estás acompanhado por uma vasta multidão de hostes angélicas; lá, subiste à cruz, aqui, ascendes em uma nuvem ao céu; lá, foste crucificado entre dois ladrões, aqui, exultas entre coros angélicos; lá, foste pregado à cruz como um criminoso condenado, aqui, livre de toda condenação, és o libertador dos condenados à morte eterna; lá, sangraste e morreste, aqui, Te regozijas e triunfas.

Cristo é a nossa gloriosa cabeça; somos os membros de Seu corpo. Alegra-te e exulta, ó alma fiel, na ascensão ao céu de tua Cabeça. A glória da cabeça é também a glória dos membros. Onde nossa carne reina, creiamos que também reinaremos. Onde nosso sangue governa, esperemos que também seremos gloriosos; embora nossos pecados nos impeçam, nossa participação em Sua santa natureza torna isso possível. Onde está a cabeça, ali também estarão os outros membros do corpo. Cristo, nossa Cabeça, subiu aos céus; assim, os outros membros do corpo têm razão para esperar entrar no céu, e não só isso, mas até já possuem uma herança no céu. Cristo veio do céu para nossa redenção; Ele retorna para nossa glorificação. Ele nasceu na carne por nós, sofreu por nós e, portanto, ascendeu por nós. A paixão de Cristo nos conquista o amor; a ressurreição de Cristo fortalece nossa fé; a ascensão de Cristo confirma nossa esperança.

Devemos, no entanto, seguir nosso celestial Esposo não apenas com ardentes desejos, mas também com boas obras. Na cidade celestial não entrará nada que contamine (Ap 21:27), como sinal do que os anjos apareceram na ascensão de Cristo (At 1:10), vindo da Jerusalém celestial e vestidos de vestes brancas, como sinais de inocência e pureza. O orgulho não pode ascender ao céu com o grande Mestre da humildade; nem o mal com o Autor de toda bondade; nem a discórdia com o Príncipe da paz; nem a luxúria e a lascívia com o Filho da Virgem; nem o vício com o Pai de toda virtude; nem o pecado com o Santo, nem nossas enfermidades pecaminosas com o Grande Médico. Alguém deseja contemplar a Deus na vida futura? Que viva dignamente na presença de Deus nesta vida. Alguém espera a bem-aventurança do céu futuramente? Que não ame o mundo agora. Ó bem-aventurado Senhor Jesus, atraí nossos corações a Ti, Te suplicamos.

# MEDITAÇÃO XXII. O ESPÍRITO SANTO.

*Deus sela Seus eleitos com Seu Espírito Santo.*

Após nosso Senhor ter ascendido ao céu e entrado em Sua glória, Ele enviou o Espírito Santo sobre Seus discípulos no dia de Pentecostes (At 2:1). Sob a antiga aliança, quando Deus entregou a lei no Monte Sinai, Ele desceu do céu e apareceu ao Seu servo Moisés; assim, quando o evangelho devia ser pregado em todo o mundo pelos apóstolos, o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos que aguardavam. Ali no Sinai, havia “*trovões, relâmpagos e o som de uma trombeta muito forte*” (Êx 19:16), pois a lei troveja contra nossa desobediência e nos convence de pecado, como sob a ardente ira de Deus; mas aqui, no Pentecostes, há um som como o de um suave murmúrio de vento, pois a proclamação do evangelho traz alegria para nossas mentes aterrorizadas. Lá, terror e pavor tomaram conta do povo, pois a lei produz ira (Rm 4:15); mas aqui, toda a multidão se reúne para ouvir as maravilhas de Deus, pois o evangelho revela aos homens o caminho de aproximação a Deus. No Sinai, Jeová desceu em fogo, mas em fogo de santa ira e indignação contra o pecado, e todo o monte tremia grandemente, e sua fumaça subia como a fumaça de uma fornalha (Êx 19:18); mas aqui, no dia de Pentecostes, Jeová, o Espírito Santo, também desce em fogo, mas em fogo de amor e santa afeição, de modo que a casa onde os discípulos estavam sentados (At 2:2) não é abalada por

nenhuma manifestação de ira divina, mas toda a casa é cheia da glória manifesta do Espírito Santo. Que maravilha é que o Espírito Santo seja enviado do céu para nos santificar, quando o Filho de Deus já havia sido enviado para nos redimir? Todo o amargo sofrimento de Cristo não teria valor se as boas novas do evangelho não fossem conhecidas no mundo; pois de que valeria um tesouro escondido? Assim, nosso Pai celestial, cheio de misericórdia, não apenas preparou um grande benefício na paixão de Seu Filho, Jesus Cristo, mas também quis oferecer ao mundo inteiro e tornar efetiva essa graça pelo dom do Espírito Santo. Nosso Deus fiel não nos retém nada, mas envia tanto Seu Filho quanto Seu Espírito para providenciar a salvação para nós, miseráveis pecadores.

O Espírito Santo, além disso, desceu sobre os apóstolos enquanto eles perseveravam em oração, unânimes (At 1:14); pois o Espírito de oração é movido pela oração, e é Ele quem nos conduz a orar. E por que isso? Porque Ele é o vínculo que une nossos corações a Deus, assim como une o Filho ao Pai e o Pai ao Filho; pois Ele é o amor essencial e mútuo entre o Pai e o Filho. Essa união espiritual entre Deus e nossas almas segue-se à fé; mas a fé, o dom do Espírito, é obtida pela oração, e a verdadeira oração é inspirada pelo Espírito Santo. Quando o incenso foi oferecido ao Senhor na dedicação do templo de Salomão, a glória do Senhor encheu o templo (1Rs 8:11); assim, se ofereceres a Deus o incenso da oração e da súplica, o Espírito Santo encherá com Sua glória o templo de teu coração. Oh, admiremos a misericórdia e a graça de nosso Deus! Deus Pai promete nos ouvir quando oramos; Deus Filho intercede por nós (Rm 8:34); e Deus Espírito Santo inspira nossas orações e ora

em nós (Gl 4:6). Santos anjos levam nossas orações a Deus, e assim cada caminho ao trono da graça celestial está aberto para nossas orações. O Deus misericordioso nos dá a disposição para orar, pois concede-nos o espírito de graça e de oração; Ele também torna nossas orações eficazes, pois sempre as ouve e as responde; se não de acordo com nosso desejo, ao menos de acordo com nossa necessidade.

O Espírito Santo desceu sobre os discípulos quando todos estavam reunidos unanimemente em um lugar; sem dúvida, então, Ele é o Espírito de amor e de concórdia. Ele nos une a Cristo pela fé, faz com que Deus seja um conosco pelo amor e une-nos ao nosso próximo em afeição cristã. O diabo é o autor da discórdia; ele cria um abismo entre nós e Deus pelo pecado, e pela inimizade, pela contenda e pela discórdia causa divisões infelizes entre os homens. Mas, assim como o Espírito Santo uniu as naturezas divina e humana em Cristo pelo Seu próprio poder (Lc 1:35), assim também, pela efusão de Suas graças sobre nós, Ele nos une a Deus e Deus a nós. Enquanto o Espírito Santo permanece em um homem, enchendo-o com Suas graças, esse homem permanece em santa união com Deus. E tão logo um homem, pelo pecado, afasta-se da fé e do amor e expulsa o Espírito Santo de seu coração, ele é alienado de Deus, e a bendita união entre Deus e sua alma é rompida. Aquele que tem o Espírito Santo não odeia seu irmão, e por quê? Porque, pelo Espírito Santo, ele se torna participante do corpo místico de Cristo, cujos membros incluem todas as almas piedosas; mas quem jamais odiou os membros de seu próprio corpo (Ef 5:29)? Mais ainda, aquele que é governado pelo Espírito de Deus até ama seus inimigos; pois *“quem se une ao Senhor é um espírito*



*com Ele*” (1Co 6:17). Deus faz Seu sol nascer sobre maus e bons (Mt 5:45) e não odeia nada do que criou. Quem possui o Espírito de Deus está pronto para servir a todos que precisam de sua ajuda, faz o bem a todos, tanto quanto lhe é possível, e gasta-se pelo bem dos outros, tudo isso porque Deus é a fonte de toda compaixão e graça para com todos os homens. Agora, o Espírito Santo suscita em nós Seus próprios impulsos e emoções; assim como a alma dá vida, sensibilidade e ação ao corpo, o Espírito torna o homem espiritual. Ele enche nossas mentes com deleites celestiais e direciona o homem inteiro a obedecer a Deus e a cumprir seu dever para com o próximo.

Esse som, símbolo do Espírito Santo, veio do céu, porque o Espírito Santo é celestial em Sua natureza, sendo da mesma essência do Pai e do Filho, procedendo, desde toda a eternidade, do Pai e do Filho. Ele é quem nos leva a meditar nas coisas celestiais e a buscar as coisas do alto; aquele que fixa suas afeições no mundo e nas coisas mundanas ainda não se tornou participante do Espírito celestial. O Espírito Santo veio sob o emblema de uma lufada de ar, porque Ele transmite consolo vivificante às almas aflitas e, pela alternância de inspiração e expiração, ou pelo sopro de ar, sustentamos a presente vida corporal. Assim, Ele veio sob o emblema do sopro e da respiração, sendo Ele quem nos concede o poder de viver a vida espiritual. *“O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito”* (Jo 3:8). Foi apropriado que Ele viesse como o vento, pois procede do Pai e do Filho por uma respiração eterna. O som veio como um vento impetuoso e forte, figurando assim o poder da obra graciosa do Espírito Santo em nossos

corações. Esse Espírito Santo impulsiona os piedosos a toda boa obra (Rm 8:14) e os influencia e controla, de modo que não se intimidam com as ameaças do tirano, as ciladas de Satanás ou o ódio do mundo. Ele concede aos apóstolos o dom de línguas, porque o seu som há de ressoar por toda a terra (Sl 19:4). Assim, a confusão de línguas (Gn 11:7), imposta como punição aos orgulhosos e imprudentes construtores da torre de Babel, foi removida, e os habitantes da terra, dispersos e separados pela diversidade de línguas, são reunidos na unidade da fé pelo dom do Espírito Santo. Apropriadamente, Ele veio sob a figura de línguas, movendo os homens santos de Deus a falarem nos tempos antigos (2Pe 1:21), falando por meio dos santos apóstolos e agora colocando a palavra de Deus na boca dos ministros da Igreja.

Por tantos e tão grandes dons, que o Espírito Santo, com o Pai e o Filho, seja louvado e glorificado para todo o sempre.

# MEDITAÇÃO XXIII. A DIGNIDADE DA IGREJA.

*A Igreja é a Esposa de Cristo.*

Considera, ó alma devota, quão grandemente Deus te amou ao chamar-te para a comunhão de Sua Igreja. *“Minha amada é única”*, diz o Esposo em Cânticos 6:1; verdadeiramente única, visto que há apenas uma verdadeira e ortodoxa Igreja, a amada esposa de Cristo. Fora do corpo de Cristo, ou da Igreja, não podemos encontrar o Espírito de Cristo. *“Ora, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”* (Rm 8:9), e quem não é de Cristo não pode participar da vida eterna. Todos aqueles que não foram admitidos na arca de Noé pereceram miseravelmente no dilúvio (Gn 7:21); assim, todos os que estão fora da arca espiritual da Igreja estão envolvidos na destruição eterna. Ninguém terá Deus como pai no céu se recusar ter a Igreja como mãe na terra. Pensa, ó alma devota, nos muitos milhares que descem ao inferno todos os dias pelo fato de estarem fora do seio da Igreja; e não é tua natureza, mas apenas a graça de um Deus misericordioso, que te torna diferente deles. Quando o Egito estava em densa escuridão, havia luz somente entre os israelitas (Êx 10:23); assim é que apenas na Igreja temos a luz do conhecimento de Deus. Aqueles que vivem sem a Igreja passam, das densas sombras da ignorância na vida presente, para as trevas da condenação eterna na vida que está por vir. Quem não tem parte na Igreja militante sobre a terra nunca

compartilhará das glórias da Igreja triunfante no alto; pois há a mais íntima união entre estas: Deus, a Palavra, a fé, Cristo, a Igreja e a vida eterna.

A Santa Igreja de Deus sustenta as relações de mãe, virgem e esposa. Ela é como uma mãe, pois diariamente gera filhos espirituais para Deus. Ela é como uma virgem casta, porque se mantém pura de todas as alianças profanas com o diabo e o mundo. Ela é uma esposa, pois Cristo a desposou consigo por um pacto eterno e lhe deu o penhor do Espírito. A Igreja é aquele navio que leva Cristo e Seus discípulos (Mt 8:23), e que finalmente nos levará ao porto da bem-aventurança eterna; assim, a Igreja navega em uma abençoada rota pelo mar deste mundo, equipada com a fé como leme, tendo Deus como seu piloto, anjos como remadores e todos os piedosos como passageiros; em seu convés está erguida a cruz de nossa salvação como seu mastro, no qual estão suspensas as velas da fé evangélica, e com estas cheias pelos sopros do Espírito Santo, ela é conduzida ao porto do descanso eterno. A Igreja é aquela vinha que Deus plantou no campo deste mundo (Mt 21:33; Is 5:2); que Ele regou com Seu próprio sangue, que cercou com as influências protetoras dos santos anjos, na qual Ele cavou o lagar de Sua amarga paixão, da qual removeu as pedras (Is 5:2) e tudo o que pudesse ofender. A Igreja é aquela mulher vestida de sol (Ap 12:1), porque está revestida da justiça de Cristo; ela pisa a lua sob os pés, pois despreza as coisas terrenas como sujeitas a várias mudanças e decadências.

Contempla, ó alma devota, a elevada dignidade da Igreja, e rende graças a Deus Todo-Poderoso por isso. Grandes de fato são os benefícios que Deus nos concede na e através da Igreja, mas estes não estão abertos a todos; em certo sentido, é como um jardim fechado, como uma fonte selada (Ct 4:12); ninguém pode contemplar a beleza de tal jardim fechado sem nele entrar, assim ninguém pode conhecer as bênçãos que Deus concede através de Sua Igreja, exceto aqueles que nela estão de fato. Esta esposa de Cristo é negra por fora, mas formosa por dentro (Ct 1:5); pois a filha do Rei é toda gloriosa interiormente (Sl 45:13). Este navio é agitado por várias tempestades de perseguição (Mt 8:24); esta vinha é sustentada em posição ereta ao ser amarrada a suportes, e é podada para que produza mais fruto (Jo 15:2); e para esta mulher o próprio dragão infernal está à espreita com armadilhas infernais (Ap 12:3). Bela como um lírio é a Igreja, mas é como um lírio entre espinhos (Ct 2:12). Um jardim belíssimo é a Igreja, mas quando os fortes ventos da tribulação sopram através dela, então somente exalam suas preciosas especiarias. A Igreja é a filha de Deus, mas é grandemente desprezada pelo mundo; ela aguarda ansiosamente uma herança celestial, e por isso ela peregrina como estrangeira e peregrina sobre a terra; em suas peregrinações é oprimida, e ainda em sua opressão é silenciosa, e em seu silêncio é valente, e por sua valentia vence todos os seus inimigos. A Igreja é nossa mãe espiritual, e ainda assim, como Maria, a mãe de Cristo, ela deve permanecer chorando junto à cruz do Salvador (Jo 19:25). A Igreja é como uma palmeira, pois quanto maior seu fardo de tribulações e tentações, mais ela cresce.

Medita, ó alma devota, sobre a dignidade da Igreja, e toma cuidado para que não faças nada indigno dela. A Igreja é tua mãe espiritual; cuida para não desprezares sua voz quando ela te fala. Ela é tua mãe, e por meio da palavra e dos sacramentos deves tirar todo o teu alimento espiritual dela. A Igreja é como uma virgem casta; se queres ser fiel a ela, abstém-te dos abraços do mundo; tu lhe pertences, então vê que não desonres a ti mesmo nem a ela com alianças impuras com o demônio. A Igreja é a esposa de Cristo, e assim é cada alma piedosa; toma cuidado, portanto, para não te ligares a Satanás numa união profana. Tu, ó minha alma, és a esposa de Cristo; vê que não percas o penhor do Espírito Santo que te foi dado; és a esposa de Cristo, ora incessantemente para que teu Esposo celestial se apresse a te conduzir ao banquete nupcial no alto. Teu Esposo pode vir na calma e na segurança da hora da meia-noite (Mt 25:6); vigia, pois, para que, quando Ele vier, não te encontre dormindo e feche a porta da salvação eterna para ti. Que tua lâmpada esteja cheia com o óleo da fé e ardendo intensamente, para que na vinda de teu Esposo celestial não busques em vão por óleo para tua lâmpada (Mt 25:10).

Tu és levado na Igreja como num navio; ó, cuida para que não te lances ao mar furioso do mundo, antes de chegares ao porto celestial. Ora fervorosamente para que não sejas engolido pelas tempestades da aflição e pelas ondas da tentação.

Foste chamado à vinha de teu Senhor (Mt 20:1), ó, trabalha com zelo e fidelidade; que o pensamento da recompensa ao fim do dia alivie todo o teu labor. Tu, ó minha alma, és uma videira

plantada pelo próprio Senhor; lança fora de ti todos os ramos inúteis, todas as obras infrutíferas da carne, e considera toda a tua vida aqui na terra como um tempo de poda para que sejas mais frutífero. És um ramo na verdadeira videira, Cristo Jesus (Jo 15:1); ó, vê que permaneças em Cristo e dêes muito fruto, pois o lavrador celestial tira o ramo que não dá fruto e poda o que dá fruto, para que produza ainda mais (Jo 15:2). Tu te revestiste de Cristo pela fé (Gl 3:27), e estás vestido com este Sol da justiça (Mt 4:2); vê, então, que pises sob teus pés a lua (Ap 12:1), isto é, todas as coisas de natureza terrena, e que as estimes de pouco valor em comparação com os consolos eternos do céu.

Ó bendito Jesus, que nos conduziste à Tua igreja militante sobre a terra, leva-nos, finalmente, em Tua misericórdia, à Tua igreja triunfante no céu!

# MEDITAÇÃO XXIV. PREDESTINAÇÃO.

*Somos Escolhidos em Cristo.*

Ó alma devota, sempre que quiseses meditar sobre a tua predestinação, olha para Cristo pendurado na cruz, morrendo ali pelos pecados de todo o mundo e ressuscitando para nossa justificação (Rm 4:25). Que tua meditação comece com o Redentor infante deitado na manjedoura e prossiga em ordem regular até o fim.

Deus nos escolheu antes da fundação do mundo (Ef 1:4), mas essa escolha foi feita em Cristo; se, portanto, estás em Cristo pela fé, não duvides de que esta eleição da graça também te pertence; se estás agarrado a Cristo com firme e segura confiança no coração, que nenhuma dúvida te perturbe quanto a estares incluído no número dos eleitos. Mas se, ao ultrapassar os limites da palavra de Deus, desejas investigar o profundo mistério da predestinação a priori, ou somente à luz da razão, é grandemente temido que caias nas profundezas do desespero. Fora de Cristo, Deus é um fogo consumidor (Dt 4:24; Hb 12:29); cuida, portanto, para não te aproximares presunçosamente demais desse fogo e seres consumido. Sem a satisfação proporcionada por Cristo como nosso Salvador, Deus nos acusa a todos pelas palavras da lei, sim, nos condena a todos; toma



muito cuidado, então, para que não busques resolver o mistério de tua predestinação a partir da lei. Não busques sondar todas as razões dos conselhos divinos, nem penetrar todos os conselhos secretos do Altíssimo, para que teus pensamentos não te afastem de Deus. *“Deus habita na luz inacessível”* (1Tm 6:16); não presumas, então, aproximar-te d’Ele de forma imprudente e sem a devida humildade.

E, no entanto, Deus Se revelou de modo muito gracioso a nós na luz do evangelho; nesta luz, podes investigar com segurança o mistério de tua eleição, e nesta luz verás a verdadeira luz (Sl 36:9).

Deixa, então, de lado a consideração dos profundos mistérios daquele decreto eterno, feito desde toda a eternidade, e volta teu pensamento às claras manifestações da vontade e propósito de Deus a teu respeito, feitas no tempo através de Cristo; nossa justificação em Cristo, feita no tempo, é um espelho ou uma exibição clara para nós do propósito de eleição de Deus, feito fora do tempo. Vê na lei como a ira de Deus se expressa justamente contra teus pecados, e arrepende-te deles; vê no evangelho como a misericórdia de Deus se estende graciosamente a ti por causa dos méritos de Cristo e, pela fé, apropria-te dela; compreende a verdadeira natureza da fé e manifesta-a em tua conduta piedosa; reconhece em tua cruz os castigos paternos de Deus e suporta-a com paciência; e, então, finalmente, poderás começar a discutir a doutrina da predestinação. O apóstolo segue este método; que o verdadeiro discípulo do apóstolo o siga também.

Em relação a este mistério, três coisas devem sempre ser observadas: a misericórdia de Deus que nos ama, o mérito de Cristo que sofre por nós e a graça do Espírito Santo que nos chama através do evangelho. A misericórdia de Deus é abrangente, pois Ele amou o mundo inteiro; *“a terra está cheia da bondade do Senhor”* (Sl 33:5); sim, é maior do que o céu e a terra, é infinita como Deus é, pois Deus é amor (1Jo 4:16). Ele declara solenemente em Sua própria palavra que não tem prazer na morte de ninguém (Ez 33:11); como se isso não bastasse, Ele confirmou-o com um juramento; se não podes acreditar quando Deus promete, ao menos acredita n’Ele quando Ele faz um juramento solene sobre tua salvação. Deus é chamado *“o Pai das misericórdias”* (2Cor 1:3) porque é de Sua própria natureza ser misericordioso e perdoar — essa propriedade de mostrar misericórdia Ele a deriva de Si mesmo; é de Sua própria natureza. Mas Sua propriedade de julgar e vingar parece derivar de outra, parecendo ser estranha à Sua natureza, pois Ele parece muito mais inclinado a mostrar misericórdia do que a vingança.

O mérito de Cristo também é universal, pois Ele sofreu pelos pecados de todo o mundo (1Jo 2:2). O que poderia demonstrar mais claramente a misericórdia de Deus para conosco do que o fato de Ele nos ter amado antes mesmo de existirmos? Foi exclusivamente por Seu amor que fomos criados. Ele nos amou mesmo quando éramos Seus inimigos, dado que, por Seu amor, entregou Seu Filho para nos redimir. Ao pecador condenado ao tormento eterno, incapaz de se redimir, Deus diz: *“Aqui está o*

*meu Filho unigênito; toma-O e oferece-O como resgate para ti.*” O próprio Filho declara: *“Aqui estou Eu; toma-Me, crucifica-Me e redime-te.”* Cristo é a flor da planície aberta, não do jardim cercado, porque o aroma de Sua graça não é restrito a poucos, mas pertence livremente a todos. Para que não duvides de que Seu mérito é para todos, Cristo, misericordiosamente, orou, na hora de Sua morte, pelos próprios homens que O crucificavam (Lc 23:34) e derramou Seu sangue por aqueles que estavam literalmente derramando o Seu sangue. As promessas do evangelho também são universais, pois Cristo diz a todos: *“Vinde a Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados”* (Mt 11:28). O que foi realizado e providenciado para todos é oferecido gratuitamente a todos; e, de tudo o que o teu Salvador realizou por ti mediante Sua redenção e agora te oferece, tu podes desfrutar tanto quanto tua fé aceitar. Deus nega a bênção de Sua graça somente àqueles que se julgam indignos dela e, por isso, a recusam.

Considera, então, ó alma fiel, estes três fundamentos da tua eleição e repousa neles com firmeza e confiança sincera. Contempla a ternura da misericórdia de teu Deus demonstrada no passado e não duvides de sua continuidade até o fim.

Quando ainda não existias, Deus te criou; quando, pela queda de Adão, foste condenado à morte eterna, Ele te redimiu; quando vivias no mundo, fora da Igreja, Ele te chamou; quando eras ignorante, Ele te instruiu; quando te desviavas, Ele te trouxe de volta; quando pecaste, Ele te corrigiu; quando permaneceste firme, Ele te sustentou; quando caíste, Ele te levantou

novamente; quando avançaste, Ele te guiou; quando vieste a Ele, Ele te recebeu. Em tudo isso, Ele demonstrou Sua longanimidade ao esperar por ti e Sua prontidão em te perdoar. A misericórdia de Deus te precede; confia firmemente que ela também te seguirá (Sl 23:6). A misericórdia de Deus te antecipa para curar a enfermidade do pecado e te seguirá para te glorificar; ela te antecipa para que vivas piedosamente e te seguirá para que vivas com Ele eternamente. Por que não és esmagado quando caís? Quem põe a mão debaixo de ti para te sustentar? Quem, senão o Senhor? Confia, então, na misericórdia de Deus no futuro e espera firmemente pelo fim de tua fé, a salvação de tua alma (1Pe 1:9). Em cujas mãos poderias confiar com mais segurança a questão de tua salvação do que naquelas que formaram os céus e a terra (Is 66:2), naquelas que jamais se encurtam para salvar (Is 59:1), naquelas das quais fluem rios de compaixão que nunca cessam de jorrar?

Considera, então, ó alma devota, que fomos escolhidos por Deus para sermos santos e irrepreensíveis diante d'Ele, em amor (Ef 1:4). As bênçãos da eleição não pertencem àqueles que não desejam nem se esforçam por uma vida santa. Fomos escolhidos em Cristo (Ef 1:4). Estamos em Cristo pela fé, e a fé opera pelo amor (Gl 5:6). Onde o amor está ausente, a fé não pode estar presente; onde a fé está ausente, Cristo não pode estar; onde Cristo está ausente, não há eleição. *“Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: o Senhor conhece os que são Seus; e todo aquele que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade”* (2Tm 2:19). Ninguém jamais arrancará as ovelhas de Cristo de Suas mãos (Jo 10:28), mas as ovelhas de Cristo ouvem Sua voz (Jo 10:27). Somos a casa de

Deus (Hb 3:6), mas devemos “*manter firme a confiança e a glória da esperança até o fim*”. Ó Senhor, Tu, que me deste o querer, concede-me também o poder de realizar (Fp 2:13).

# MEDITAÇÃO XXV. A EFICÁCIA SALVADORA DA ORAÇÃO.

*Nossos Suspiros Penetram os Céus.*

É uma grande graça da parte de Deus que Ele deseje que os piedosos se aproximem Dele em oração, em espírito de amizade íntima. Ele nos concede tanto o desejo de orar quanto a eficácia de nossas súplicas. Grande é o poder da oração, que, embora oferecida na terra, opera com eficácia nos céus. A oração de um justo é a chave do tesouro celestial: o pedido sobe aos céus, e a resposta de perdão e paz desce de Deus. A oração é como um escudo para o crente, apagando os dardos inflamados do adversário (Ef 6:16). Quando Moisés ergueu as mãos, Israel prevaleceu contra os amalequitas (Ex 17:11); da mesma forma, se tu levantares as mãos ao céu em oração, Satanás não prevalecerá contra ti. Assim como uma muralha sólida resiste ao avanço do inimigo, a santa ira de Deus é desviada pelas orações de Seus santos. O próprio Salvador orou, não por necessidade própria, mas para nos ensinar o valor e a dignidade da oração. Ela é um sinal de sujeição a Deus, que nos ordena apresentá-la diariamente como um tributo espiritual. É a escada pela qual ascendemos ao céu, sendo nada mais do que a elevação da mente a Deus. Também é um escudo de defesa, pois a alma que vive em constante espírito de oração permanece protegida das investidas dos demônios. A oração é um mensageiro fiel que enviamos ao trono de Deus, suplicando Seu

auxílio em tempos de necessidade. Este mensageiro nunca falha em sua missão, pois Deus sempre ouve nossas preces, concedendo-nos o que pedimos ou aquilo que Ele sabe ser mais proveitoso para nossa salvação. Se, sem ser solicitado, Deus nos deu o maior presente — Seu próprio Filho —, o que Ele não nos concederá quando suplicarmos diante de Seu trono? Não devemos duvidar de Sua prontidão em ouvir nossas orações nem da intercessão ativa de nosso Salvador em nosso favor. Em qualquer circunstância, assim como Moisés, podes entrar no tabernáculo e consultar o Senhor em oração; a resposta divina não tardará. Quando Cristo orou, foi transfigurado; do mesmo modo, a oração transforma nossas almas, sendo uma luz que frequentemente traz alegria àqueles que estavam abatidos pela desolação.

Como podes contemplar o sol sem antes adorar Aquele que te concede sua luz benéfica? Como podes desfrutar das bênçãos à mesa sem antes dar graças Àquele que abundantemente supre as boas coisas da vida? Com que esperança podes entregar-te ao sono noturno se não te fortaleceste antes com a oração? Que fruto esperas de teus labores se não invocares primeiro a bênção de Deus sobre eles, sem a qual todo trabalho é vão? Portanto, se desejas dons espirituais ou temporais, pede, e receberás (Mt 7:7). Se desejas Cristo, busca-O em oração, e O encontrarás. Se desejas que a porta da graça divina e da salvação eterna se abra, bate por meio da oração, e ela se abrirá para ti. Se, em tua peregrinação neste mundo desértico, te afligires com sede espiritual, vem em tuas devoções à rocha espiritual, que é Cristo, e fere-a com a vara da oração; então, correntes de graça divina fluirão para saciar tua sede e suprir tua necessidade. Queres

oferecer um sacrifício agradável a Deus? Oferece oração. O Senhor perceberá o doce aroma de teu sacrifício e Sua ira se apaziguará. Desejas manter constante comunhão com Deus? Regozija-te na oração, pois esta é uma conversa espiritual entre Deus e a alma devota. Queres provar e ver que o Senhor é bom (Sl 34:9)? Constrange, então, o Senhor pela oração a habitar em teu coração.

A oração é agradável a Deus, mas somente quando oferecida do modo que Ele designou. Se, portanto, desejas ser ouvido em oração, ora sabiamente, ardentemente, humildemente, fielmente, perseverantemente e confiantemente. Ora sabiamente, ou seja, por aquilo que pode ser para a glória de Deus e a salvação dos teus semelhantes. Deus é todo-poderoso; não procures, pois, limitar ou restringir Seu poder em tua oração. Ele é onisciente, então não estabeleças uma ordem específica para que tua oração seja atendida. Não sejas precipitado ou presunçoso em tuas orações, mas deixa que elas provenham de um coração cheio de fé. A fé, porém, tem em mente a Palavra Divina. O que Deus promete absolutamente em Sua Palavra, por isso podes orar absolutamente; o que Ele promete condicionalmente, como, por exemplo, bênçãos temporais, estas também debes pedir condicionalmente; pelo que Ele de forma alguma prometeu, de forma alguma debes orar. Frequentemente, Deus nos concede em ira santa aquilo que nos nega em misericórdia. Portanto, segue o exemplo de Cristo, que cede plenamente Sua própria vontade a Deus (Mt 26:39). Ora ardentemente; pois como podes pedir a Deus para te ouvir, quando tu mesmo não te ouves? Queres que Deus se lembre de ti quando tu não te lembras de ti mesmo? Quando orares, entra



no teu quarto e fecha a porta (Mt 6:6). Teu coração é este quarto, no qual deves entrar se queres orar corretamente. Deves fechar a porta para que os pensamentos perturbadores dos negócios mundanos não te distraiam. Nenhuma voz chegará aos ouvidos de Deus senão as profundas emoções da alma; a mente deve ser tão movida pelo ardor de nossas meditações que exceda em muito o que a língua expressa. Isto é orar em espírito e em verdade (Jo 4:23), como nosso Senhor requer. Cristo orou em um monte (Lc 6:12) e levantou os olhos ao céu (Jo 17:1). Assim também devemos desviar nossa mente de todas as criaturas e dirigi-la a Deus. Tu injurias a Deus se pedes a Ele que te considere quando tu mesmo não te consideras. Podemos orar incessantemente (1Ts 5:17) se orarmos no espírito, para que, ao menos, nossa mente esteja sempre vigilante para com Deus em santos desejos. Não é necessário que supliquemos a Deus em altos brados, pois, como Ele habita nos corações dos piedosos, Ele ouve os suspiros de nosso coração. Tampouco é preciso multiplicar palavras em nossas orações, pois Ele conhece nossos pensamentos. Às vezes, um único gemido sob o impulso do Espírito de Deus e oferecido no poder desse Espírito é mais agradável a Deus do que uma longa e tediosa repetição de orações, onde a língua fala, mas o coração está totalmente em silêncio.

Ora humildemente, não confiando em teus próprios méritos, mas somente na graça de Deus. Se nossas orações são oferecidas confiando em nossa própria dignidade, são condenadas aos olhos de Deus, ainda que, no ardor da devoção, nossos corações suem sangue. Ninguém pode fazer o que é agradável a Deus, exceto em Cristo; e ninguém pode orar

aceitavelmente senão em nome de Cristo e confiando em Seus méritos. Nenhum sacrifício era aceitável a Deus, senão os oferecidos no altar do tabernáculo designado por Ele (Dt 12:5); e nenhuma oração pode ser oferecida de maneira aceitável a Deus senão naquele altar de Sua escolha, Cristo Jesus. O Senhor prometeu ouvir as orações de Israel se orassem voltados para Jerusalém (1Rs 8:44). Assim, em nossas orações, voltemo-nos para Cristo, que é verdadeiramente o templo da divindade (Jo 2:19, 21). Quando Cristo orou no Getsêmani, Ele Se lançou ao chão (Mc 14:35). Vê como aquela alma santíssima se humilha na presença da majestade divina!

Ora fielmente, para que possas suportar devidamente a privação de toda alegria e pacientemente suportar todo castigo. Quanto mais cedo orarmos, melhor para nós; quanto mais frequentemente oferecermos nossas devoções, mais proveitosas serão; e quanto mais fervorosamente nos aproximarmos de Deus, mais aceitáveis serão nossas orações a Ele.

Ora perseverantemente, pois, quando Deus atrasa a resposta, Ele nem sempre nos está negando, mas simplesmente recomendando Suas dádivas; e aqueles dons que desejamos por muito tempo, apreciamos mais quando os obtemos. Ora com confiança, pedindo verdadeiramente em fé, sem hesitação.

Ó Deus misericordioso e indulgente, que nos ordenaste a Ti em oração, ajuda-nos a orar de maneira aceitável a Ti.

# MEDITAÇÃO XXVI. A PROTEÇÃO DOS ANJOS.

*Os santos têm seus anjos da guarda.*

Considera, ó alma devota, a graça de teu Deus em confiar-te aos Seus anjos! Nosso Pai celestial enviou Seu Filho ao mundo para nos libertar dos nossos pecados; o próprio Filho de Deus encarnou-se para nossa salvação; o Espírito Santo foi enviado para nos santificar; os anjos foram despachados do céu para nos proteger. Assim, toda a assembleia celestial está empenhada em servir-nos, compartilhando conosco suas bênçãos. Não me surpreende que todas as criaturas inferiores da terra sejam feitas para o homem, visto que até os anjos do céu, tão superiores a nós, não nos negam seus gentis ministérios. Que maravilha que os céus nos iluminem durante o dia para que possamos trabalhar, e nos deem a escuridão à noite para que descansemos, uma vez que os habitantes daquele reino celestial estão ocupados em santos serviços por nós! Que maravilha que o ar nos forneça o sopro da vida e várias espécies de aves para nosso deleite, quando esses espíritos celestiais velam por nós para preservar nossa vida do mal! Que maravilha que a água sacie nossa sede, limpe nossas impurezas, refresque a terra árida e nos ofereça diversas espécies de peixes, quando os santos anjos estão ao nosso lado para nos refrescar e confortar quando nos cansamos com as provações e tentações! Que maravilha que a terra te dê abrigo e, para tua nutrição, forneça

tua mesa com toda sorte de conforto, quando Ele ordena a Seus anjos que *“te guardem em todos os teus caminhos, para que te sustentem nas mãos e não tropeces em alguma pedra”* (Sl 91:11-12).

Os anjos estiveram profundamente envolvidos na vida inicial de Cristo: um anjo anunciou Sua concepção (Lc 1:31); um anjo alegremente anunciou Seu nascimento (Lc 2:9-11); um anjo deu a ordem para a fuga ao Egito (Mt 2:13); anjos O serviram no deserto (Mt 4:11); anjos O assistiram durante todo Seu ministério terreno; um anjo esteve presente com Ele na terrível agonia da morte (Lc 22:46); um anjo apareceu em Sua ressurreição (Mt 28:5); anjos estiveram presentes em Sua gloriosa ascensão (At 1:10), e anjos O acompanharão quando Ele retornar para o julgamento (Mt 25:31). Assim como os anjos serviram a Cristo em Seus dias na carne, também se interessam profundamente por todos aqueles que, pela fé, são incorporados a Cristo. Como serviram ao glorioso Cabeça, da mesma forma servirão aos membros do corpo de Cristo. Eles alegremente servem na terra aqueles que mais tarde terão como companheiros no céu, nem recusam seus santos serviços àqueles cuja companhia deleitosa esperam desfrutar em breve.

Quando Jacó retornava para sua terra natal, os anjos de Deus o encontraram (Gn 32:1); da mesma forma, guardas angélicos acompanham os justos nesta vida, que é o caminho para sua pátria celestial. Anjos aparecem para proteger Daniel entre os leões (Dn 6:22); assim, estão sempre prontos para proteger os piedosos dos laços do leão infernal. Anjos apressam

o patriarca Ló para longe da destruição que sobreviria a Sodoma (Gn 19:15-16); da mesma forma, por suas santas inspirações e influências protetoras contra as tentações do diabo, frequentemente nos resgatam, como das próprias chamas do abismo. Anjos levam Lázaro ao seio de Abraão (Lc 16:22); assim também conduzem as almas de todos os escolhidos de Deus ao palácio glorioso do Rei celestial. Foi um anjo que tirou o apóstolo Pedro da prisão; e da mesma forma, nosso anjo frequentemente nos livra dos perigos mais angustiantes. Grande, de fato, é o poder do nosso adversário, o diabo, mas conforta-nos refletir que guardas angelicais nos acompanham. Não duvides que, em todos os teus perigos, esses ajudantes celestiais estão perto de ti; pois as Escrituras, sob a figura de Querubins e Serafins, os representam com asas, para nos assegurar que, em todos os momentos de perigo, virão com incrível rapidez trazer-nos a ajuda necessária. Não duvides que os anjos da guarda estão presentes contigo em todos os lugares, pois são espíritos puríssimos, não sobrecarregados por corpos materiais; todas as coisas visíveis se lhes submetem, e para onde desejam vão sem obstáculos. Tampouco duvides que esses espíritos conhecem teus perigos e aflições, pois sempre contemplam a face do Pai celestial (Mt 18:10), e estão sempre prontos a cumprir Sua vontade com presteza.

Considera, ó alma devota, que esses anjos são santos; esforça-te, pois, pela santidade, se desejas desfrutar de sua abençoada companhia. A semelhança de caráter é especialmente favorável à amizade; acostuma-te a atos santos, se desejas ter sua proteção. Em todos os lugares, mostra devida reverência ao teu anjo e nunca faças nada em sua presença que

te envergonharias de fazer diante dos homens. Esses espíritos angélicos são castos e puros e, portanto, são afastados pela impureza no pensamento e na ação. Assim como a fumaça fétida afasta as abelhas, esses guardiões angélicos de nossa vida são afastados pelo pecado fétido e grave; e, uma vez perdido seu poder protetor, como estarás seguro dos laços do diabo ou dos vários perigos que podem cercar-te? Se tua alma for deixada sem esta forte muralha de defesa angélica, então o diabo facilmente a invadirá com seus engenhosos artifícios. Esses santos anjos são enviados como espíritos ministradores pelo próprio Deus (Hb 1:14); portanto, debes reconciliar-te com Deus pela fé em Cristo, se desejas desfrutar de sua proteção. Se não tens a graça de Deus em teu coração, não debes esperar que os anjos te guardem. Olhemos para esses anjos como, de certo modo, as mãos servis de Deus, que se movem sem propósito a menos que Ele as direcione. *“Há alegria na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende”* (Lc 15:10); as lágrimas dos pecadores verdadeiramente penitentes são como vinho para os anjos, enquanto o coração duro e impenitente afasta esses guardiões celestiais. Manifestemos, então, penitência por nossos pecados, para que possamos causar alegria entre os anjos de Deus. Os anjos têm uma natureza celestial e espiritual; portanto, fixemos nossos pensamentos naquilo que é celestial e espiritual, para que eles se deleitem em habitar conosco. Os anjos são marcados por sua humildade, e o orgulho é extremamente odioso para aqueles que não desdenham servir às crianças pequenas (Mt 18:10); por que, então, nós, que somos apenas pó e cinzas, deveríamos demonstrar tanto orgulho, quando um espírito celestial se humilha tanto?

A astúcia do maligno é a mais temida na hora da morte, pois está escrito que a serpente ferirá o calcanhar (Gn 3:15); a última parte do corpo é o calcanhar, e a última parte da vida é a morte. Na última agonia da morte, mais necessitaremos da proteção dos anjos, que nos livrarão dos dardos inflamados do diabo e transportarão nossas almas, ao deixarem a casa do corpo, para o paraíso celestial. Quando Zacarias executava o ofício sacerdotal nos átrios sagrados do templo, o anjo do Senhor veio até ele (Lc 1:11); assim, se te regozijas no uso da palavra de Deus e no exercício de tuas devoções, também te regozijarás no ministério abençoado dos anjos.

Ó Deus misericordioso, que pelos santos anjos nos conduziste através deste deserto, concede que, por meio deles, também possamos ser conduzidos à glória de Teu reino celestial.

# MEDITAÇÃO XXVII. AS ASTÚCIAS DO DIABO.

*Quem conhece a astúcia de um demônio?*

Considera, ó alma devota, em que perigo estás constantemente exposta pelo diabo, teu adversário. Ele é um inimigo extremamente audacioso, forte em recursos, sutil em suas artes e dispositivos, ilimitado em estratégias, incansável em seus ataques à alma e capaz de assumir qualquer forma à sua vontade. Ele nos induz ao pecado e, em seguida, deleita-se em nos acusar perante o tribunal de Deus. Alternadamente, ele amontoa acusações contra Deus entre os homens, contra os homens diante de Deus e entre os próprios homens. Primeiramente, ele observa com precisão as fraquezas e propensões de cada indivíduo e, em seguida, propõe suas tentações da maneira que mais certamente enredará aquela alma. Assim como sitiante atacam uma cidade, não direcionando seus ataques às partes fortificadas, mas aos pontos onde acreditam que os muros são defeituosos, os fossos mais rasos e as torres desguarnecidas, o diabo, travando uma guerra incessante contra nossas almas, sempre nos assalta em nossos pontos mais fracos e desprotegidos. Conquistada uma vez, ele não cessa seus esforços, mas empenha-se em tentar novamente, para que, em um momento de cansaço ou negligência, possa vencer aqueles a quem não conseguiu derrotar pela violência de suas tentações. A quem ele não



atacará, visto que ousou aproximar-se do próprio Senhor da Glória com sua maligna astúcia (Mt 4:3)? Se ele procurou peneirar os próprios apóstolos de Cristo como trigo (Lc 22:31), pensas que deixará de testar qualquer cristão com suas tentações? Ele enganou Adão (Gn 3:1-5), que possuía uma natureza santa e inocente; a quem não poderá, então, enganar com naturezas decaídas e pecaminosas? Ele desviou Judas, mesmo estando este na escola do Salvador; quem não poderá, então, desviar no mundo, a escola do erro?

Em todas as circunstâncias e condições da vida, precisamos temer os ardis do diabo. Na prosperidade, ele nos infla com orgulho; na adversidade, afunda-nos no desespero. Se percebe alguém inclinado à parcimônia, deleita-se em forjar-lhe os grilhões do desejo insaciável. Se encontra um espírito heroico, inflama-o com os agudos estímulos da paixão. Se vê alguém um pouco alegre demais, incita-o a um desejo excessivo de prazer. Aqueles que encontra animados com fervor religioso, tenta enredar nas armadilhas da superstição vã. Aos homens carregados de honrarias mundanas, inflama-os com ambição impura. Quando quer nos conduzir ao pecado, magnifica a grande misericórdia de Deus; mas, ao conseguir nos desviar, amplia a rigorosa justiça divina. Primeiro, busca nos conduzir ao pecado presunçoso, depois tenta nos arrastar às profundezas do desespero. Ora nos assalta externamente com perseguições, ora internamente com tentações ardentes. Às vezes, ataca abertamente e violentamente; outras, age secretamente e astutamente. Ele nos tenta à gula no comer, a atos vergonhosos e licenciosos, à preguiça em nossas ocupações diárias, à inveja na conversação, à avareza no trabalho, à paixão no exercício da

autoridade e ao orgulho no uso de nossas honras. Enche nossos corações com pensamentos malignos, nossas bocas com palavras falsas e conduz nossos membros à prática de atos iníquos. Durante o dia, impele-nos a obras más; à noite, sugere sonhos vergonhosos. Portanto, em todas as situações e circunstâncias da vida, devemos nos proteger dos ardis do diabo. Dormimos, mas ele vigia; estamos aparentemente seguros, mas ele anda ao redor como um leão que ruge (1Pe 5:8). Se visses um leão enfurecido investindo contra ti, estremecerias de medo; e quando ouves que este leão do inferno conspira contra ti, adormeces em uma segurança imaginária.

Considera, então, ó alma fiel, os ardis deste poderoso adversário, e procura vencê-lo apenas com o uso de armas espirituais. Cinge teus lombos com a verdade e reveste-te com a couraça da justiça (Ef 6:14). Veste-te com a perfeita justiça de Cristo, e estarás seguro das tentações do diabo. Esconde-te na fenda (Ct 2:14) das chagas de Cristo sempre que fores aterrorizado pelos dardos inflamados desse poder maligno. O verdadeiro crente permanece em Cristo; e, assim como Satanás não tem poder contra Cristo (Jo 14:30), também não tem poder contra o verdadeiro crente. Calça teus pés com a preparação do evangelho da paz (Ef 6:15). Estejamos sempre confessando Cristo, nosso Salvador, e nenhuma tentação de Satanás nos prejudicará. As palavras de um encantador não afastam tão rapidamente uma serpente quanto uma confissão sincera e incessante de Cristo afasta o diabo, essa antiga serpente do inferno. Tomemos também o escudo da fé (Ef 6:16), para que possamos com ele apagar os dardos inflamados desse inimigo maligno. A fé é o que remove montanhas — montanhas de

dúvida, de perseguição, de tentação. Os israelitas, cujos umbrais foram aspergidos com o sangue do cordeiro pascal, não foram atingidos pelo anjo destruidor (Êx 12:13); e assim, aqueles cujos corações são aspergidos, pela fé, com o sangue de Cristo não serão prejudicados por esse destruidor cruel. A fé repousa nas promessas de Deus, e essas promessas Satanás nunca pode derrubar; então, ele não pode prevalecer contra nossa fé. A fé é a luz da alma, e nessa luz as tentações do espírito maligno se tornam facilmente aparentes. Pela fé, nossos pecados serão lançados nas profundezas do mar da misericórdia divina (Mq 7:19), e nesse mar os dardos inflamados do diabo serão facilmente apagados. Tomemos também o capacete da salvação, ou seja, sejamos animados por uma bem-aventurada esperança. Suportemos as tentações, considerando o fim que Deus tem em vista em nossa provação; pois Deus nos dirige em nossos conflitos e, em breve, coroará o vencedor. Se não houver inimigo, não haverá conflito; se não houver conflito, não haverá vitória; se não houver vitória, não haverá coroa. Melhor um conflito severo que nos aproxima de Deus do que uma paz que nos afasta Dele. Devemos também tomar a espada do Espírito (Ef 6:17), que é a palavra de Deus. Que as consolações da palavra de Deus tenham mais peso contigo do que as contradições do diabo. Cristo venceu todas as tentações de Satanás com a palavra de Deus (Mt 4:4), e por essa mesma palavra divina os cristãos ainda podem vencer todas as tentações do maligno.

Finalmente, na oração tens a maior fonte de ajuda contra as tentações. Enquanto o pequeno barco de tua alma está sendo submerso pelas ondas da tentação (Mt 8:24), desperta Cristo com tuas orações. Nossos inimigos visíveis vencemos ao

golpeá-los e matá-los; mas este inimigo invisível de nossas almas vencemos ao derramar nossas orações a Deus.

Ó bendito Cristo, luta por nós e em nós, para que em Ti tenhamos a vitória!

# **MEDITAÇÃO XXVIII. REGRAS GERAIS PARA UMA VIDA PIEDOSA.**

*Uma Vida Piedosa é a Vida Mais Sábia.*

A cada dia que vives, aproxima-te cada vez mais da morte, do julgamento e da eternidade. Considera, portanto, dia após dia, como enfrentarás a hora da morte, como suportarás o severo teste do julgamento e como viverás por toda a eternidade. Devemos exercer diligente cuidado em relação a todos os nossos pensamentos, palavras e ações, pois prestaremos contas rigorosas de tudo isso no dia do julgamento (Mt 12:36). Considera, todas as noites, que a morte pode surpreender-te esta noite; e pensa, todas as manhãs, que a morte pode vir a ti neste dia. Não adies a conversão e a prática de boas obras para amanhã, pois não é certo que verás o amanhã, mas é certo que a morte virá, e ela está sempre te ameaçando. Nada é mais fatal para a piedade do que a procrastinação. Se continuares a desprezar o chamado interior do Espírito Santo, nunca te converterás verdadeiramente. Não adies a conversão e as boas obras para a velhice; oferece a Deus a força e o vigor da tua juventude. Não é certo que os jovens alcançarão a velhice, mas é certo que a destruição está preparada para os jovens que morrem em impenitência. Nenhuma fase da vida é mais apropriada para o serviço a Deus do que a juventude, com suas

atividades vigorosas de corpo e mente. Jamais cometas uma ação má para ganhar o favor de qualquer homem, pois não esse homem, mas o próprio Deus, um dia julgará tua vida; nunca consideres, portanto, o favor de um homem superior à graça de teu Deus. Estamos ou progredindo ou regredindo no caminho do Senhor; examina, portanto, tua vida diariamente, para ver se estás avançando na busca da piedade ou retrocedendo. Permanecer parado no caminho do Senhor é, na verdade, retroceder; congratula-te, portanto, se não estás parado no curso de uma vida piedosa, mas esforça-te sempre para caminhar adiante no caminho do Senhor. Em tua convivência com os outros, sê agradável para todos, severo com ninguém e íntimo de poucos. Vive piedosamente para com Deus, castamente para contigo mesmo e com justiça para com o teu próximo. Trata teus amigos com bondade, teus inimigos com paciência e todos com benevolência e, tanto quanto possível, com beneficência. Enquanto viveres, morre diariamente para ti mesmo e para teus vícios, para que, ao morreres, vivas para Deus.

Que a misericórdia seja sempre manifesta em tua disposição de espírito; a bondade em teu semblante, a humildade em teus modos, a modéstia em teu trato com os outros e a paciência em tuas tribulações. Sempre considera o passado em relação a estas três coisas: o mal que cometi, o bem que omiti e o tempo que perdi. Sempre considera o presente em relação a estas três coisas: a brevidade da minha vida atual, a dificuldade da salvação e o pequeno número dos que se salvam. Sempre considera o futuro em relação a estas três coisas: a morte, que nada é mais horrível; o julgamento, que nada é mais terrível; e os fogos do inferno, que nada pode ser mais intolerável. Que tuas

orações da noite corrijam os pecados do dia que passou; e que o último dia da semana corrija as faltas dos dias precedentes. Pensa, todas as noites, em quantos, neste dia, caíram precipitadamente no inferno, e dá graças a Deus por ter-te concedido mais tempo para o arrependimento. Há três coisas acima de ti das quais nunca debes perder de vista: o olhar onisciente de Deus, Seu ouvido que tudo escuta e Seus livros nos quais todas as coisas estão registradas. Deus deu-Se inteiramente a ti; dá-te, portanto, inteiramente ao teu próximo. A melhor vida na terra é aquela totalmente dedicada ao serviço dos outros. Reverencia e obedece aos teus superiores; aconselha e ajuda teus iguais; vela e ensina os teus inferiores. Sujeita teu corpo à tua mente, e tua mente a Deus. Lamenta tuas más ações passadas; não supervalorizes o bem presente e, com todo o coração, esforça-te pelos futuros bens que Deus colocou diante de ti. Lembra-te dos teus pecados, para que os lamentes; lembra-te da morte, para que evites o pecado; mantém em mente a justiça divina, para que temas pecar; e, acima de tudo, lembra-te da misericórdia de Deus, para que não sucumbas ao desespero.

Na medida do possível, afasta-te do mundo e entrega-te inteiramente ao serviço do Senhor. Lembra-te sempre de que tua pureza está em perigo pelas atrações do mundo, tua humildade pelas riquezas e tua piedade pelos cuidados das ocupações terrenas. Busca agradar a ninguém além de Cristo, e teme desagradar a ninguém senão a Cristo. Ora sempre a Deus para que Ele te ordene o que Lhe é agradável e te conceda o que Ele ordena; que cubra o que fizeste de errado e guie todo o teu futuro caminho. Sê, na realidade, aquilo que desejas parecer ser, pois

Deus não julga segundo a aparência, mas segundo a verdade. Nas palavras, que teu falar seja breve, pois de toda palavra ociosa prestarás contas no juízo. Tuas obras, sejam quais forem, não desaparecem, mas são espalhadas, como sementes que germinarão na eternidade. *“Pois aquele que semeia para a carne, da carne ceifará corrupção; mas o que semeia para o Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna”* (Gl 6:8). As honras deste mundo não te seguirão após a morte, nem as riquezas acumuladas, nem os prazeres ou vaidades mundanas; mas as obras que realizaste te acompanharão além dos limites desta vida (Ap 14:13). Assim, como desejas estar diante de Deus no juízo, debes hoje aparecer em Sua presença. Não consideres tanto o que tens, mas o que te falta; em vez de te orgulhares do que te foi concedido, humilha-te por aquilo que te foi negado. Aprende a viver corretamente enquanto te é permitido viver. Nesta vida, a vida eterna é conquistada ou perdida; após a morte, o tempo para as obras passou, e começa o tempo de receber a recompensa por nossas obras presentes.

Que a meditação sagrada te leve ao conhecimento da tua verdadeira condição, e este conhecimento te conduza à convicção de pecado; que a convicção gere em ti um espírito de devoção, e que este dite tua oração. O silêncio da boca é uma excelente coisa para a paz do coração.

Quanto mais te separares do mundo, mais agradável serás a Deus. Tudo o que desejares, pede a Deus; tudo o que já possuis, atribui a Deus. Não é digno de novas bênçãos aquele que não é grato pelas já concedidas. As correntes das bênçãos



celestiais cessam de fluir para nós quando não há correntes de retorno de gratidão e louvor a Deus. Usa bem tudo o que te acontece; se a prosperidade acompanha teus passos, pensa que isso te oferece uma oportunidade de bendizer e louvar a Deus; se a adversidade te alcançar, considera que isso é uma advertência para penitência e conversão. Emprega teu poder para ajudar os fracos, tua sabedoria para instruir os ignorantes, e tuas riquezas para beneficência aos pobres. Não permitas que a adversidade te esmague, nem que a prosperidade te exalte indevidamente. Que Cristo seja o alvo da tua vida; segue-O neste mundo, para que finalmente alcances a comunhão com Ele na pátria celestial. Em todas as coisas, tua maior preocupação deve ser manifestar profunda humildade e ardente amor.

Eleva teu coração a Deus com amor e apegas-te a Ele; deixa que a humildade afete tanto o teu coração que te livre do orgulho. Olha para Deus como teu Pai em Sua clemência para contigo e como teu Senhor em Sua disciplina; como teu Pai no exercício mais gentil de Seu poder, e como teu Senhor em Seu exercício mais severo. Ama-O afetosamente como teu Pai Celestial; teme-O, necessariamente, como teu Senhor e Mestre. Ama-O porque Ele Se deleita na misericórdia; teme-O porque Ele não Se deleita no pecado. Teme o Senhor e espera n'Ele (Sl 37:5); reconhece tua própria indignidade e proclama as maravilhas de Sua graça.

Ó Deus, Tu que nos deste o desejo de Te agradar, concede-nos também a graça de fazer o que é agradável aos Teus olhos!

# MEDITAÇÃO XXIX. FALSA SEGURANÇA.

*A falsa segurança é a morte.*

Considere, ó alma devota, a dificuldade de ser salvo, e você facilmente deixará de lado todo senso de segurança absoluta. Nunca e em lugar nenhum tal segurança é possível; nem no céu, nem no paraíso, muito menos neste mundo. Um anjo caiu até mesmo na presença de Deus. Adão caiu em pecado naquela morada deliciosa em que Deus o colocou. Adão foi criado à imagem de Deus (Gn 1:27), e ainda assim foi enganado pelas artimanhas do diabo. Salomão foi o mais sábio dos homens (1Rs 3:12), mas foi afastado do Senhor pelas seduições da carne (1Rs 11:3). Judas pertencia ao próprio círculo dos discípulos de Cristo (Lc 22:3), e estava sob a instrução diária do maior de todos os professores, e ainda assim não estava a salvo das armadilhas do grande sedutor; ele se lançou de cabeça no poço da avareza, e daí para o abismo escuro da desgraça eterna. Davi era um homem segundo o coração de Deus (1Sm 13:14), e era como um filho muito precioso para Jeová, mas através dos terríveis pecados de adultério e homicídio ele se fez um filho da morte (2Sm 12:7-14). Onde então nesta vida há segurança real contra cair em pecado? Apegue-se com uma firme confiança de coração às promessas de Deus, e você estará a salvo dos ataques do diabo. Não pode haver segurança nesta vida, exceto aquela oferecida pelas promessas seguras da palavra de Deus para

aqueles que creem e andam no caminho do Senhor. Quando finalmente alcançarmos a bem-aventurança do céu, então desfrutaremos de segurança perfeita. Nesta vida, o medo e a religião têm uma conexão estreita, nem deveria haver um sem o outro. Não alimente uma sensação de segurança simplesmente porque você está sofrendo adversidade; mas considere suas adversidades como açoites por seus pecados. Deus frequentemente nos castiga abertamente por nossas falhas secretas. Reflita sobre a excessiva pecaminosidade do pecado e então tema o justo vingador do pecado. Não se sinta seguro porque está desfrutando da prosperidade; pois ser totalmente irrepreensível nesta vida é antes uma marca da ira de Deus. Quais são as aflições dos piedosos? Elas são como flechas amargas para a alma, e ainda assim enviadas pela mão misericordiosa de Deus. Deus aparentemente não castiga neste mundo a quem Ele, no entanto, punirá eternamente. A felicidade humana ininterrupta aqui é frequentemente um triste sinal de condenação eterna no outro mundo. Nada é mais infeliz do que a felicidade daqueles que vivem em pecado, e nada é mais miserável do que o homem que ignora sua condição miserável no pecado. Para onde quer que volte os olhos, encontra motivo para tristeza e vê muito para proibir qualquer sensação de segurança. Volte os seus pensamentos para o seu Deus a quem ofendemos; para baixo, para o inferno que merecemos; para trás, para os pecados que cometemos; para a frente, para o julgamento que tememos; interiormente à consciência que poluímos com o pecado; exteriormente ao mundo que amamos. Eis de onde vens, e envergonha-te; onde estás agora, e entristece-te; para onde vais, e treme. Estreita é, de fato, a porta da salvação, mas o caminho que leva a ela é ainda mais estreito (Mt 7:14).

Deus te deu o tesouro da fé, mas tu carregas esse tesouro em um vaso de barro (2Co 4:7). Deus deu santos anjos para te guardar (Sl 91:11), mas o diabo não espera muito longe para te desviar. Ele te renovou no espírito da tua mente (Ef 4:23), mas ainda tens a velhice da carne para lutar. Foste estabelecido na graça de Deus, mas ainda não estás confirmado na glória eterna. Uma mansão celestial está preparada para ti, mas primeiro debes lutar com um mundo perverso. Deus prometeu perdão ao penitente, mas não prometeu dar a inclinação de se arrepender a ninguém enquanto persiste voluntariamente no pecado. As consolações da vida eterna te aguardam, mas ainda assim debes entrar no reino de Deus por meio de muitas tribulações (At 14:22). Uma coroa de glória eterna foi prometida a você, mas você deve passar por um conflito severo antes que possa usar essa coroa. As promessas de Deus são imutáveis; mas então você não deve relaxar por um momento seu zelo em uma vida santa. Se o servo falhar em fazer o que é ordenado, o Senhor fará o que Ele ameaça. Portanto, deixando de lado toda falsa segurança, devemos lamentar continuamente por conta de nossos pecados, para que Deus não nos abandone em um ato de julgamento justo e secreto, e sejamos deixados nas mãos de demônios para sermos destruídos.

Enquanto a graça de Deus for sua, alegre-se nela, mas não pense que você possui esse dom de Deus por direito hereditário, nem que você está tão seguramente em posse dela que nunca pode perdê-la. Pois se Deus repentinamente tirasse Seu dom e retirasse Sua mão, você poderia desanimar e cair em desespero.

Feliz és tu, de fato, se tomas todo o cuidado para evitar uma indiferença descuidada, essa causa frutífera de tantos males. Deus não te abandonará, mas toma cuidado para que não abandones a Deus. Deus concedeu Sua graça a ti, ora para que Ele também te dê perseverança até o fim. Deus ordena a economia da graça para que tenhamos certeza de nossa salvação, e ainda assim não de tal forma que alguém possa se entregar à autosegurança. Tu deves lutar bravamente o bom combate da fé (2Tm 4:7), para que, ao final, possas triunfar gloriosamente. Tua carne, dentro de ti, luta contra ti; um inimigo mais formidável porque está muito mais próximo de ti do que quaisquer outros. O mundo, fora de ti, luta contra ti; um inimigo mais formidável porque é muito mais abundante em suas seduções. O diabo, acima de ti, luta contra ti; um inimigo mais formidável porque é muito mais poderoso. Na força de Deus, não precisas temer envolver-te com todos esses inimigos, e por essa força obterás a vitória. Mas inimigos como esses nunca conquistarás por um mero senso de segurança, mas travando uma guerra incessante contra eles. A vida é o tempo para lutar esta luta de fé; e quando estás aparentemente inconsciente do conflito, corres mais perigo com os ataques desses inimigos; pois quando eles parecem estar observando uma trégua, então estão realmente reunindo suas forças para um ataque mais poderoso à tua alma. Eles estão vigilantes, e tu estás dormindo? Estão se preparando para te ferir, e tu não te prepararás para resistir a eles? Muitos caem no caminho antes de chegar à pátria celestial. Ai! Quantos dos Filhos de Israel pereceram no deserto, nenhum dos quais obteve a promessa (Dt 1:35). E quantos dos filhos espirituais de Abraão perecem miseravelmente no deserto desta

vida, antes de obter a herança prometida do reino celestial! Nada deveria nos levar mais efetivamente a rejeitar a falsa segurança do que o pensamento do número comparativamente pequeno daqueles que perseveraram até o fim. Portanto, vamos nutrir tal desejo pela glória celestial, e com ele um anseio tão apaixonado por alcançá-la, tal sentimento de tristeza por ainda não a termos conquistado, e tal medo de que, afinal, não possamos, que não teremos alegria em nada que não nos ofereça ajuda ou confirme nossa esperança de finalmente tomar posse dela. Que lucro há em desfrutar os prazeres do pecado por um tempo, se devemos passar a eternidade em aflição? Que alegria pode haver nesta vida se o que nos deleita aqui é apenas temporário, mas o que nos atormenta é eterno?

Vivemos em uma falsa segurança, como se já tivéssemos passado pela hora da morte e do julgamento. Cristo diz que, em uma hora em que não pensamos (Mt 24:44,50), Ele virá para nos julgar. Assim, a Verdade fala e, de forma solene, a repete várias vezes; portanto, ouça e tome cuidado! Se nosso Senhor vier em um momento em que não estamos atentos a Ele, devemos temer profundamente não estarmos preparados para comparecer diante d'Ele no julgamento. E se chegarmos lá despreparados, como suportaremos o terrível teste desse julgamento? O que perdermos naquele instante, ao ouvirmos a sentença pronunciada sobre nós, não poderá ser recuperado para sempre. No breve espaço de um momento será determinado o que seremos por toda a eternidade; naquele único momento, vida ou morte, condenação ou salvação, punição eterna ou glória eterna serão concedidas a cada alma de acordo com seus méritos.

Ó Senhor, Tu, que me deste a graça de viver uma vida santa, dá-me também a graça de perseverar nessa vida até o fim!

# MEDITAÇÃO XXX. A IMITAÇÃO DE CRISTO.

*Que Cristo seja a Regra da tua Vida.*

A vida santa de Cristo é o modelo mais perfeito de virtude que podemos ter; cada ação d'Ele é rica em ensinamento para nós. Muitos desejam alcançar a Cristo, mas recusam-se a segui-Lo; muitos desejam desfrutar de Cristo, mas não O imitam. *“Aprende de Mim, que sou manso e humilde de coração”* (Mt 11:29), diz nosso Salvador. Se não estás disposto a ser discípulo de Cristo, nunca serás um verdadeiro cristão. Que a paixão de Cristo seja o teu mérito, mas que Sua vida santa seja também o modelo para a tua. O teu Amado é alvo e rubicundo (Ct 5:10); e assim tu também podes ser rubicundo pela aspensão do sangue de Cristo e alvo pela imitação de Sua vida. Como realmente amas a Cristo, se não amas Sua vida santa? *“Se me amais, guardareis os meus mandamentos”*, diz o Salvador (Jo 14:15, 23). Assim, quem não guarda Seus mandamentos, não O ama.

A vida santa de Cristo é uma regra perfeita de conduta para nossas vidas e uma regra que deve ser preferida a todas as regras de santos como Francisco e Bento. Se queres ser um filho adotivo de Deus, observa como o teu Salvador, o Filho unigênito de Deus, viveu neste mundo. Se queres ser um co-herdeiro com Cristo, deves também ser um imitador de Cristo. Quem vive



voluntariamente em vício aberto deu-se ao serviço do diabo. Mas como pode tal pessoa viver a vida de Cristo? Amar o vício é amar o diabo, pois todo pecado é do diabo (1Jo 3:8). E como pode um homem ser um verdadeiro amante de Cristo se é um amante do diabo? Amar a Deus é amar uma vida santa, pois toda vida santa é de Deus; como pode alguém ser amante de Deus se não é amante de uma vida santa? A prova do amor está em nossas obras; é característico do amor obedecer ao amado, estar em perfeita concordância de mente e coração com o amado. Se, então, verdadeiramente amas a Cristo, obedecerás a Seus mandamentos, amarás uma vida santa com Ele e, renovado no espírito da tua mente, meditarás nas coisas celestiais (Ef 4:23). A vida eterna é o conhecimento de Cristo (Jo 17:3): mas quem não ama a Cristo, nem sequer O conhece; quem não ama humildade, pureza, mansidão, temperança, caridade, não ama a Cristo, pois a vida de Cristo nada mais é do que a incorporação dessas virtudes. Cristo diz que Ele não conhece aqueles que não fazem a vontade de Seu Pai (Mt 7:21); portanto, aqueles que desobedecem à vontade do Pai celestial não conhecem a Cristo. Mas qual é a vontade do Pai? *“Nossa santificação”* (1Ts 4:3), diz o apóstolo. Quem não tem o Espírito de Cristo, não é d'Ele (Rm 8:9); mas onde está o Espírito, ali Seus dons e frutos se manifestarão. Mas quais são os frutos do Espírito? *“Amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança”* (Gl 5:22). Assim como o Espírito repousou sobre Cristo (Is 11:2), Ele repousa também sobre todos os que estão unidos a Cristo pela verdadeira fé, pois os amados de Cristo se deleitam no aroma de Seus bons unguentos (Ct 1:3). Quem se une ao Senhor é um só espírito com Ele (1Co 6:17). Assim como o homem e a mulher unidos em matrimônio santo não são mais

dois, mas uma só carne (Mt 19:6), também a união espiritual de Cristo e da alma crente os faz um só espírito. Mas onde há um espírito, há a mesma vontade; e onde há a mesma vontade, haverá também as mesmas ações. E assim, se a vida de alguém não se conforma com a de Cristo, é evidente que ele não está apegado a Cristo, nem tem o Espírito de Cristo. Não é apropriado que toda a nossa vida se conforme à de Cristo, já que Ele Se conformou à nossa baixa condição por puro amor por nós? Deus manifestando-Se em carne (1Tm 3:16) nos ofereceu um exemplo perfeito de vida santa, para que ninguém possa justificar sua falha em viver tal vida apelando para a fraqueza da carne. Nenhuma vida pode ser mais alegre e tranquila do que a de Cristo, pois Cristo era verdadeiro Deus; e o que pode ser mais alegre e tranquilo do que o verdadeiro Deus, o bem supremo? A vida neste mundo proporciona apenas alegria efêmera, seguida de tristeza eterna. A quem te conformas nesta vida, a ele te conformarás na ressurreição. Se começas a te conformar à vida de Cristo aqui, então, na ressurreição, estarás mais plenamente conformado a Ele; mas, se te assemelhas ao diabo aqui em pecado, então, na ressurreição, te assemelharás a ele em tormento.

*“Se alguém quiser vir após Mim, negue-se a si mesmo e tome sua cruz diariamente”, diz o Salvador (Mt 16:24).* Se nesta vida negas a ti mesmo, então, no julgamento, Cristo te reconhecerá como d'Ele. Se, por amor a Cristo, renuncias nesta vida à tua própria honra, ao teu amor, à tua vontade, então, na vida futura, Cristo graciosamente te fará participante de Sua própria honra, de Seu amor, de Sua vontade. Se carregas a cruz após Ele aqui, compartilharás Sua glória eterna lá. Se

compartilhas a tribulação com Ele aqui, serás partícipe de Sua consolação celestial lá. Se sofres perseguição com Ele neste mundo, participarás da gloriosa recompensa na vida futura. *“Todo aquele que Me confessar diante dos homens”,* diz Cristo, *“também Eu o confessarei diante de Meu Pai, que está nos céus”* (Mt 10:32). De fato, devemos confessar Cristo não apenas professando a verdade que Ele ensinou, mas também conformando nossas vidas à d'Ele; e assim, no último dia, no julgamento, Ele nos reconhecerá diante de Seu Pai nos céus. *“Todo aquele que Me negar diante dos homens, também Eu o negarei diante de Meu Pai, que está nos céus”* (Mt 10:33). Negamos a Cristo não apenas em palavras, mas também por uma vida ímpia. Quem nega Cristo por seus atos neste mundo, Cristo o negará por Seus atos no julgamento. Quem não tem verdadeira fé em Cristo não é cristão; mas a verdadeira fé em Cristo nos enxerta como ramos n'Ele (Jo 15:4). Todo ramo em Cristo que não dá fruto, o Pai celestial o corta. Mas quem permanece em Cristo, e em quem Cristo habita pela fé (Ef 3:17), dá muito fruto. O ramo que não extrai sua força vital da videira não está realmente na videira. E a alma que não extrai amor, seu alimento espiritual, de Cristo pela fé, realmente não está unida a Cristo pela fé.

Faze-nos mais e mais semelhantes a Ti, ó bendito Jesus, para que no mundo vindouro possamos ser perfeitamente conformados a Ti!

# MEDITAÇÃO XXXI. NEGAÇÃO DE SI MESMO.

*A autossatisfação é a negação de Cristo.*

*“Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo”* (Mt 16:24), diz nosso Salvador. Negar-se a si mesmo é renunciar ao amor-próprio; o amor-próprio impede o amor de Deus na alma. Se queres ser discípulo de Cristo, é necessário que a raiz do amor-próprio morra completamente em ti. *“Se o grão de trigo não cair na terra e morrer, ele não dá fruto”* (Jo 12:24); do mesmo modo, o fruto do Espírito Santo não pode aparecer em tua vida se o amor-próprio não morrer em teu coração. O Senhor disse a Abraão (Gn 12:1): *“Sai da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei.”* Abraão jamais teria se tornado um grande profeta se antes não tivesse abandonado sua própria terra; assim também, tu jamais te tornarás um verdadeiro discípulo de Cristo, nem verdadeiramente espiritual, se não te afastares primeiro do amor a ti mesmo. Jacó ficou manco de um pé em sua luta com o anjo, enquanto o outro permaneceu são. Com esses dois pés, podemos entender figuradamente um amor duplo: o amor a si mesmo e o amor a Deus. O homem se torna participante da bênção divina quando fica incapacitado em um pé, ou seja, quando o amor a si mesmo é destruído, enquanto o outro pé permanece são e íntegro, isto é, enquanto o amor a Deus habita em seu coração. É impossível olhar para o céu e para o chão com o mesmo olho ao mesmo

tempo; da mesma forma, ninguém pode, com a mesma vontade, amar a si mesmo desordenadamente e a Deus ao mesmo tempo. O amor é o maior bem da alma; portanto, deve ser dado como tributo grato ao Bem Supremo, ou seja, a Deus.

Teu amor é teu Deus; aquilo que amas mais profundamente colocas no lugar de Deus. O que mais amas, julgas ser o melhor e mais digno de amor. Mas Deus é verdadeiramente o Ser Supremo. Quem ama a si mesmo faz de si um deus, colocando o próprio eu no lugar de Deus, o que é a pior forma de idolatria. O que mais amas torna-se para ti o fim de todas as coisas e a realização de todos os desejos. Porém, somente Deus é o começo e o fim de tudo o que foi criado. Ele é o primeiro e o último (Is 44:6). Somente Ele satisfaz os desejos de nossos corações; nenhuma criatura pode plenamente satisfazê-los. Deves, então, preferir o amor de Deus ao amor próprio. “*Deus é o Princípio e o Fim*” (Ap 1:8); nosso amor, portanto, deve começar e terminar Nele. A essência de Deus está separada e além de todas as criaturas, pois desde toda a eternidade Ele tem sido Deus em Si mesmo. Retira, então, teu amor das criaturas e fixa-o em Deus. Como é teu amor, assim serão tuas ações. Se teus atos forem inspirados por uma verdadeira fé em Deus e por amor a Ele, serão agradáveis a Deus e de grande valor aos Seus olhos, ainda que pareçam insignificantes aos olhos dos homens. Se, ao contrário, teus atos forem motivados pelo amor próprio, jamais poderão agradar a Deus. O amor próprio corrompe até as obras mais excelentes que possas realizar. Quando Cristo estava na casa de Simão (Mt 26:6), uma mulher quebrou um vaso de unguento precioso e ungiu a cabeça de Cristo. Esse ato parecia pequeno e insignificante, mas agradou a Cristo porque foi

motivado por verdadeira fé, puro amor e sincera contrição. Os sacrifícios eram agradáveis a Deus sob a antiga aliança; contudo, Deus se desgostou grandemente porque Saul (1Sm 15:19) separou o despojo tomado dos amalequitas para oferecê-lo em sacrifício. Ele não agiu por puro amor a Deus. Se realmente tivesse amado a Deus, não teria desobedecido à ordem divina de destruir completamente o despojo. Saul amava a si mesmo e considerava mais suas devoções do que a Deus. O amor é como um fogo, como reza a Igreja: *“Vem, Espírito Santo, acende o fogo do Teu amor nos corações de Teus fiéis”*. Um fogo aceso não permanece no chão; as faíscas sempre voam para cima. Da mesma forma, teu amor não deve repousar em ti mesmo e ali se extinguir, mas deve elevar-se para Deus.

Negar a si mesmo é também renunciar à própria honra. Nossa mais elevada honra deve estar conectada unicamente ao Bem Supremo, que é Deus. Se buscamos nossa própria glória, não podemos buscar a glória de Deus, como o Salvador disse aos fariseus: *“Como podeis crer, vós que recebeis honra uns dos outros?”* (Jo 5:44). Contempla o exemplo de Cristo e segue-o. Ele frequentemente declara que não busca a própria glória (Jo 8:50), que não recebe honra dos homens (Jo 5:41) e que é manso e humilde de coração (Mt 11:29). Recebes tudo de Deus; devolve-Lhe tudo. Todos os rios de bênçãos que desfrutamos fluem da fonte da bondade divina. Assim, todo o bem que possuímos deve ser devolvido ao oceano do amor divino. Diz-se que o girassol está sempre voltado para o sol, de onde recebe vida e alimento. Assim também, com todos os teus dons e toda a tua honra, mantém-te sempre voltado para Deus, sem dar honra a ti mesmo. Se tivesses algo de ti mesmo, poderias buscar tua

própria honra; mas, como tudo o que tens provém de Deus, deves buscar somente a honra d'Ele. Honrar a ti mesmo afasta-te de Deus. Nabucodonosor é um exemplo disso. Ele disse: *“Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o poder da minha força e para a honra da minha majestade?”* (Dn 4:30). Mas o que se segue? *“Ainda estava a palavra na boca do rei, quando desceu uma voz do céu que dizia: Rei Nabucodonosor, a ti se diz: o reino partiu-se de ti. E serás expulso de entre os homens, e a tua morada será com os animais do campo”* (Dn 4:31-32). Assim, se te gloriasses em tuas boas obras como produto de tua própria honra e orgulho, e não deres toda a glória a Deus, Ele te lançará para longe de Sua presença para sempre.

Finalmente, negar a si mesmo é renunciar à própria vontade. Devemos sempre obedecer àquela vontade que é a mais suprema e perfeita: a de Deus. Devemos obedecer à Sua vontade, de quem recebemos todas as coisas (1Co 4:7), pois tudo vem a nós de Deus. Devemos obedecer à Sua vontade, que sempre nos guia pelo caminho da vida e da bondade. *“Deleita-te também no Senhor, e Ele te concederá os desejos do teu coração”* (Sl 37:4). Nossa própria vontade nos conduz à morte e à condenação. Como nossos primeiros pais caíram da graça de Deus e de seu estado santo para a condenação eterna? Desconsiderando a vontade de Deus, seguiram a própria vontade, desobedeceram ao mandamento divino e deram ouvidos ao conselho do diabo. Portanto, o verdadeiro discípulo de Cristo, renunciando à própria vontade, deseja seguir a de Deus. Contempla Cristo, teu Salvador; na agonia de Sua terrível paixão, Ele coloca Sua própria vontade no altar como um

sacrifício agradável a Deus. Assim, oferece também tua vontade a Ele, e realizarás verdadeiramente o que Cristo exige de ti como Seu discípulo: a negação de ti mesmo.

Que Tua santa vontade, ó Senhor, seja feita na terra como no céu.



# **MEDITAÇÃO XXXII. A VERDADEIRA PAZ DA ALMA.**

*A mente que repousa no Senhor está em paz.*

A alma frequentemente busca descanso e paz em coisas transitórias e mundanas, mas não as encontra. Por quê? Porque a alma vale muito mais do que todas as coisas criadas; por isso, não pode encontrar o descanso e a paz que deseja nessas coisas inferiores. Todas as coisas terrenas são passageiras, mas a alma é imortal; como poderia, então, encontrar paz nelas? Todas essas coisas são terrenas, mas nossas almas têm origem celestial; como, então, poderiam satisfazer seus santos desejos? Somente em Cristo a alma encontra a paz que busca (Mt 11:29). Ele é o único que pode satisfazer plenamente seus desejos imortais. Contra a ira santa de Deus, ela repousa tranquilamente nas feridas de Cristo, o Salvador; contra as acusações de Satanás, repousa no poder de Cristo; contra os terrores da lei, repousa no evangelho de Cristo; contra seus pecados acusadores, repousa no precioso sangue de Cristo, que fala coisas melhores na presença de Deus do que o sangue de Abel (Hb 12:24); contra o medo da morte, repousa na confiança jubilosa na intercessão de Cristo, à direita do Pai. Assim, a fé encontra descanso em Cristo; e também o amor encontra nele seu repouso mais abençoado. Se colocarmos nossos corações nas coisas terrenas, não teremos essa verdadeira paz, pois essas mesmas coisas terrenas não a possuem, nem podem

satisfazer os anseios da alma, por serem finitas, enquanto nossas almas, feitas à imagem de Deus, anseiam ardentemente por aquele Bem Infinito, em quem todas as coisas boas residem. Assim como nossa fé deve repousar unicamente no mérito de Cristo, também nosso amor não deve fixar-se em nenhum objeto terreno, nem mesmo em nós mesmos. O amor próprio impede o amor de Deus, e devemos preferir esse amor a todas as coisas. Nossa alma é a noiva de Cristo (2Co 11:2); deve, então, apegar-se somente a Ele. Nossa alma é o templo de Deus (1Co 3:16) e, portanto, deve ser a morada de Deus somente.

Muitos buscam descanso para a alma nas riquezas terrenas, mas, fora de Cristo, isso não pode ser encontrado. Onde Cristo está, ali há pobreza, se não em realidade exterior, pelo menos em espírito e sentimento. Quando na terra, o Senhor dos céus e da terra não tinha onde repousar a cabeça (Mt 8:20); assim, Ele recomendou e consagrou a vida de pobreza à qual podemos ser chamados. As riquezas são algo externo a nós, mas a alma só pode buscar a verdadeira paz dentro de si. Na hora da morte, quando todas as coisas terrenas devem ser abandonadas, a quem tua alma se apegará, então? Ou as riquezas nos abandonam, ou nós as abandonamos; frequentemente isso ocorre na vida e, sempre, na morte. Onde, então, tua alma encontrará a paz e o descanso que deseja?

Muitos esperam encontrar descanso nos prazeres. Ora, o prazer pode dar algum descanso e alegria ao corpo por algum tempo, mas não à alma, e, ao final, é sempre acompanhado de dor e tristeza. O prazer está relacionado a esta vida; mas a alma

não foi criada apenas para esta vida, pois, na morte, ela deve deixá-la para outra. Como, então, poderia encontrar verdadeiro descanso no prazer? Fora de Cristo, não podes encontrar verdadeira paz para tua alma. Mas como foi a vida de Cristo nesse aspecto? Toda Sua vida, desde o nascimento até a morte, foi de profunda tristeza. Assim, Ele, que podia avaliar corretamente o valor de todas as coisas terrenas, nos ensinaria como considerar o prazer.

Muitos buscam descanso nas honras mundanas. Mas são verdadeiramente miseráveis aqueles que dependem da instável popularidade para obter honra. A honra é um bem externo e efêmero. Novamente, aquilo que deve proporcionar descanso à alma precisa estar dentro de nós. Que mais podes dizer dos elogios e honras humanas do que foi dito sobre o famoso quadro de Apeles, o pintor grego? Considera o pequeno canto do mundo onde estás; que proporção ele tem em relação à província onde vives, à Europa inteira, ao mundo todo? A única honra verdadeira é aquela que Deus concederá, em breve, a Seus filhos eleitos. O repouso de qualquer objeto natural está em seu fim, e ele não repousa naturalmente até atingir seu verdadeiro fim e lugar. O fim de uma alma humana é o próprio Deus, pois ela foi criada à Sua imagem. Ela só pode então encontrar descanso e paz quando atinge o fim de sua existência, que é Deus. Assim como a vida do corpo é a alma, a vida da alma é Deus; portanto, a alma em que Deus habita verdadeiramente vive, enquanto a que Deus não habita está espiritualmente morta. Como poderia, então, uma alma morta ter descanso? Esta primeira morte no pecado envolve necessariamente aquela segunda morte para a condenação eterna (Ap 20:6).

Por isso, esses males externos não podem perturbar o descanso da alma que repousa em Deus, usufruindo Suas bem-aventuradas consolações divinas. Na tristeza, ele é alegre; na pobreza, ele é rico; nas tribulações deste mundo, ele é seguro; em meio às tempestades desta vida, ele é tranquilo; diante dos abusos e insultos dos ímpios, ele é pacífico; e, na hora da morte, ele vive. Ele não teme as ameaças dos tiranos, pois experimenta em seu coração as abundantes consolações de Deus Todo-Poderoso. Na adversidade, ele não se abate com tristeza, pois o Espírito Santo o fortalece e consola internamente. Ele não se angustia pela pobreza, pois é rico na bondade de Deus. Ele não se perturba com os insultos dos homens, pois seu coração se alegra nas honras que Deus lhe concede. Não busca os prazeres sensuais, pois encontra alegria maior nas obras do Espírito Santo. Não busca amizades mundanas, pois se regozija na amizade de Deus, reconciliado com Ele pelo sangue de Seu Filho. Ele não ambiciona os tesouros da terra, pois possui um tesouro de valor inestimável no céu. Não teme a morte, pois vive em Deus. Ele não se preocupa com a sabedoria mundana, pois tem o Espírito Santo (Jo 14:26), que lhe ensina e cuja doutrina perfeita dispensa as mais imperfeitas (1Co 13:10). Ele não teme relâmpagos, tempestades, fogo e inundações, ou configurações temíveis dos planetas e eclipses, pois, elevado acima de todos os poderes da natureza, repousa calmamente em Cristo pela fé, vivendo em santa união com Ele. Ele não se deixa seduzir pelos atrativos do mundo, pois, em sua alma, ouve a voz doce de Cristo. Ele não teme o poder do diabo, pois sente a tolerância de Deus para com ele. Cristo, que vive nele e é o poderoso vencedor, é muito mais forte que o diabo, que em vão tenta

vencê-lo. Ele não cede às tentações da carne, pois, vivendo no Espírito de Deus, experimenta as riquezas de Sua graça, cujo poder vivificante crucifica a carne pecaminosa (Gl 5:24). Ele não teme as acusações de Satanás no último dia, pois está seguro das intercessões de Cristo em seu favor.

Que o Senhor Jesus Cristo, o único autor e doador deste verdadeiro descanso, Deus sobre todos, bendito para sempre, o conceda às nossas almas!

# MEDITAÇÃO XXXII. PUREZA DA CONSCIÊNCIA.

*Uma consciência livre de ofensas é luz para a alma.*

Em tudo o que fizeres, guarda cuidadosamente a tua consciência. Se o diabo te incitar ao pecado, honra o seu juízo. Se temes pecar na presença dos teus semelhantes, muito mais deve a tua própria consciência te restringir de pecar. Esta testemunha interna contra ti tem mais força do que qualquer testemunho externo. Embora os teus pecados possam escapar à nota e condenação dos homens, jamais escaparás ao testemunho interior da tua consciência. A tua consciência será um dos livros de que fala o Apocalipse, que serão abertos no grande dia do juízo (Ap 20:12, 15). O primeiro livro é o da Onisciência Divina, no qual aparecerão claramente as ações, palavras e pensamentos de todos os homens, de todos os tempos e lugares. O segundo livro é Cristo em Si mesmo, o Livro da Vida; e todo aquele que, pela verdadeira fé, for encontrado escrito neste livro será conduzido pelos santos anjos à assembleia celestial. As Santas Escrituras são o terceiro livro, segundo o qual nossa fé e nossas obras serão julgadas: “A palavra que eu falei, essa o julgará no último dia” (Jo 12:48), diz nosso Salvador. O quarto livro contém o testemunho externo dos pobres a quem pudemos ajudar, que, no dia do juízo, nos receberão nas habitações eternas (Lc 16:9). O quinto livro contém o testemunho interno da consciência, no qual estão

escritos todos os nossos pecados. Grande volume é a consciência, e nele todas as nossas ações foram inscritas com a caneta da verdade. Os ímpios não poderão negar seus pecados no juízo, porque serão convictos pelo testemunho de suas próprias consciências. Tampouco poderão escapar da acusação de seus próprios pecados, porque o tribunal da consciência está dentro deles, na privacidade de seu ser, do qual não podem evadir-se.

Uma consciência pura é como um espelho brilhante, no qual alguém contempla a si mesmo e a Deus. Mas, se a visão for ofuscada, ela não pode ver o esplendor da Verdadeira Luz. Por isso, nosso Salvador diz: *“Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus”* (Mt 5:8). Nós nos deleitamos em um rosto puro e bonito, e assim, uma consciência pura e sem culpa é agradável aos olhos de Deus; mas uma consciência corrompida produz *“o verme que não morre.”* Este *“verme da consciência”* devemos perceber e destruir nesta vida, e não alimentá-lo, através de nossos pecados, para a imortalidade.

Para corrigir este livro da consciência, todos os outros foram instituídos. De que adianta ter conhecimento superior, se nossa consciência é impura? Não será pelo livro do conhecimento, mas pelo da consciência, que um dia serás julgado diante do trono de Deus. Se queres escrever corretamente este livro, escreve-o conforme o modelo do Livro da Vida, e esse modelo é Cristo Jesus. Que tua profissão de fé seja conformada à doutrina de Cristo, e todo o curso da tua vida, à Sua regra de vida. Terás boa consciência se fores puro de coração, verdadeiro em palavra,

honesto em ação. Usa tua consciência como luz para te orientar em todas as tuas ações; pois ela te mostrará verdadeiramente o que deves fazer e o que não deves fazer. Evita um julgamento no tribunal da tua própria consciência, pois aqui deves aparecer ao mesmo tempo como réu e acusador, como testemunha e juiz, como torturador, como prisão, como flagelo, como executor, como algoz. Ora, como podes escapar, se tua própria consciência é a testemunha acusadora contra ti, e nada pode ser ocultado daquele que te julga? De que adianta, embora todos te louvem, se tua consciência te acusa? E, por outro lado, o que pode prejudicar teu caso, se tens o testemunho de uma boa consciência? Este único juiz é suficiente para acusar, julgar e condenar cada indivíduo. Este juiz é imparcial, e não pode ser desviado por súplicas nem subornado com presentes. Para onde quer que vás, onde quer que estejas, levas tua consciência contigo, e ela guarda cuidadosamente tudo o que entregas a seu cuidado, seja bom ou ruim. O que ela recebe, ela preserva para ti enquanto vives, e devolve fielmente a ti quando morres. Verdadeiramente, os inimigos de um homem são os de sua própria casa (Mt 10:36); assim, na tua própria casa e de tua própria família, tens teus próprios acusadores, teus próprios espiões sobre tuas ações, teus próprios torturadores por teus maus feitos. De que te adianta viver em abundância e prosperidade, se és torturado com o flagelo de tua própria má consciência? As fontes da felicidade e miséria humana estão na própria alma. De que adianta a um febril deitar-se em uma cama de ouro? Que alegria podem oferecer os tesouros da felicidade externa a quem é atormentado pelas chamas de uma consciência culpada?



Assim como cuidas de tua salvação eterna, guarda tua consciência; pois, se uma boa consciência é perdida, a fé também se perde; e, perdida a fé, perde-se a graça de Deus; e, perdida a graça de Deus, como podes esperar a vida eterna? De acordo com o testemunho da tua consciência, podes esperar o juízo de Cristo. Os pecadores serão seus próprios acusadores; ninguém precisará apresentar acusação contra eles. Assim como o bêbado, ao se embriagar com vinho, não percebe seus efeitos negativos, mas, ao acordar de sua embriaguez, sofre as misérias de sua orgia; assim também, enquanto o pecado é cometido, ele turva a mente e obscurece o melhor julgamento; mas, quando a consciência finalmente se desperta, ela nos atormenta mais severamente do que qualquer outro acusador poderia fazer. Existem três juízos: o do mundo, o teu e o de Deus. Mas, assim como não podes escapar do teu próprio juízo, também não podes escapar do de Deus, embora às vezes possas evitar o juízo do mundo. As paredes mais maciças não podem impedir este testemunho, que observa todas as tuas ações. Que desculpa podes oferecer em tua defesa, quando tua consciência dentro de ti te condena?

Uma consciência tranquila é o próprio começo da vida eterna; tu te alegrarás mais verdadeiramente nas dificuldades da vida com uma boa consciência do que em meio a todos os seus prazeres com uma consciência culpada. Contra toda a malícia dos homens ímpios, podes recorrer a uma consciência livre de ofensa. Pergunta a ti mesmo profundamente sobre ti mesmo, pois te conheces muito melhor do que qualquer outro te conhece. No último juízo, de que te servem todos os louvores insinceros dos outros, ou como as falsas difamações poderão prejudicar-te?

Tu então estarás de pé ou cairás pelo juízo de Deus e de ti mesmo, e não pelo testemunho dos outros. A consciência nunca morre, assim como a alma nunca morre. Enquanto os perdidos sofrem os tormentos do inferno, assim também as acusações de uma consciência culpada continuarão. O fogo material não pode afligir tanto o corpo como as chamas de uma consciência culpada podem torturar a alma. Eterna é a alma que arde nas chamas do inferno, e eterna é a chama da consciência que queima na alma. Nenhum flagelo pode cair sobre o corpo com tamanha severidade como os açoites de uma consciência culpada sobre uma alma perdida. Portanto, fuja da culpa do pecado, para que possas escapar dos tormentos da consciência. Apaga, pela sincera penitência, teus pecados do livro da consciência, para que não sejam lidos contra ti no terrível dia do juízo, e, horrorizado, ouças a voz de Deus pronunciar a tua condenação. Pela fervorosa devoção destrói o verme da consciência, para que seu horrível veneno não te torture para sempre. Pelas tuas lágrimas de penitência apaga as chamas de uma consciência culpada, para que possas desfrutar das delícias do consolo celestial.

Ó Senhor Jesus, concede-nos lutar o bom combate (2Tm 4:7), mantendo a fé e uma boa consciência, para que, por fim, possamos alcançar nossa pátria celestial em segurança e paz!

# **MEDITAÇÃO XXXIV. A CULTIVAÇÃO DA VERDADEIRA HUMILDADE.**

*O que é o homem? O que é uma bolha?*

*Ambos são iguais: nada.*

Considera, ó alma fiel, a condição humilde do homem e evitarás com mais facilidade toda tentação ao orgulho. Ele entra no mundo como um infante desamparado; sua passagem é acompanhada por constantes misérias, e ele o deixa em lágrimas. Durante toda a sua vida, é assaltado por espíritos malignos, acometido por tentações, seduzido pelos prazeres mundanos, abatido por tribulações, despojado de suas virtudes e preso nas malhas de maus hábitos. Por que, então, deveria ser orgulhoso, sendo apenas pó e cinzas? O que era o teu corpo antes do nascimento? Apenas uma semente corrupta. O que é na vida? Uma massa viva de corrupção. E o que será após a morte? Servirá apenas como alimento para os vermes. Se há algo de bom em ti, não é teu, mas de Deus. Nada é teu, senão os teus pecados; de tudo o que há em ti, estes são os únicos que podes reivindicar como teus. Insensato e infiel é o servo que se orgulha do que pertence ao seu Senhor.

Considera, ó homem, o exemplo de Cristo. Toda a glória do céu estava sob Seu comando; mais ainda, Ele próprio é a verdadeira Glória, e, no entanto, rejeitou toda glória mundana como sendo sem valor. E Ele disse: *“Aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração”* (Mt 11:29). Quem verdadeiramente ama Cristo o imitará; e, se Cristo lhe é precioso, Sua humildade também o será. Que o servo orgulhoso e arrogante se envergonhe ao considerar que o Senhor da glória é tão humilde. Nosso Salvador Se chama *“O Lírio do Vale”* (Ct 2:1), e parece usar esta figura porque, sendo a mais nobre das flores, cresce e floresce não nos cumes elevados, ou seja, nos corações cheios de orgulho, mas nos vales mais baixos, ou seja, nas mentes humildes e contritas dos piedosos.

Pois, verdadeiramente, a alma humilde é a morada de Cristo, onde Ele Se deleita em habitar, como afirma Santo Agostinho. A verdadeira graça não torna alguém orgulhoso, mas humilde. Ainda não participas da verdadeira graça de Deus se não andas na humildade de coração. Os rios da graça divina fluem para baixo, não para cima. Assim como os rios da natureza buscam os vales, também os da graça divina fluem para os corações humildes. O salmista diz: *“O Senhor nosso Deus habita nas alturas, mas contempla as coisas humildes no céu e na terra”* (Sl 113:5-6). É verdadeiramente maravilhoso que possamos nos aproximar de Deus, o mais alto e grande de todos os seres, apenas com um espírito humilde. Aquele que é humilde aos seus próprios olhos é grande aos olhos de Deus; aquele que é desagradável a si mesmo é agradável a Deus. Do nada, Deus criou os céus e a terra. Assim foi na criação do homem, e assim é em sua regeneração; Ele o cria do nada (Hb 11:3); Ele o recria do

nada. Para que, então, participes da graça de Deus na regeneração e renovação, sê nada aos teus próprios olhos, não atribuas honra a ti mesmo, não reivindiques nada para ti. Somos todos fracos e frágeis, mas não julgues ninguém mais do que a ti mesmo. Não te fará mal, em extrema humildade, julgares a ti mesmo mais fraco e insignificante do que todos os outros; mas te fará mal considerares a ti mesmo, em orgulho autossuficiente, superior a qualquer outro. Os vinte e quatro anciãos, ou seja, toda a Igreja triunfante de Deus, lançam suas coroas diante do trono (Ap 4:4, 10) e atribuem justiça e glória a Deus. O que, então, fará um pobre pecador indigno? Os serafins e os santos anjos cobrem seus rostos na presença da majestade divina (Is 6:2); o que, então, faremos nós, criaturas tão pecadoras, tão indignas e tão desagradáveis de diversas formas a nosso Criador? Cristo, o verdadeiro e unigênito Filho de Deus, em uma maravilhosa demonstração de humildade, desceu do céu e tomou sobre Si nossa frágil natureza humana, *“e, sendo encontrado em forma humana, humilhou-Se a Si mesmo, tornando-Se obediente até à morte, e morte de cruz”* (Fl 2:8). Oh, o que, então, faremos para mostrar nossa humildade, nós que nos desviamos tanto de Deus por nossos pecados e iniquidades?

Considera, ó alma fiel, como o teu Salvador repreendeu o teu orgulho por meio daquela estupenda demonstração de humildade! E, diante disso, ainda erguerás tua alma com orgulho? Cristo entrou em Sua glória pelo caminho humilde de Sua amarga paixão (Lc 24:26), e tu pensas que podes entrar nessa glória celestial pelo caminho do orgulho? O diabo foi expulso do reino dos céus por seu orgulho, e tu, que ainda não estás nesse mundo de glória, lutas por ele com orgulho e

arrogância de espírito? Adão, por seu orgulho, foi expulso do paraíso (Gn 3:24); e tu pensas em entrar no paraíso celestial pelo mesmo orgulho? Antes, desejemos tomar o lugar do servo com Cristo e até lavar os pés dos outros, como Ele fez, do que viver uma vida de honra mundana em companhia de Satanás. Humilhemo-nos nesta vida para que sejamos exaltados na vida vindoura. Sempre considera, ó alma fiel, não o que tens, mas o que te falta. Antes, lamenta pelas virtudes que não tens do que te gloriasses das que possuis. Esconde tuas virtudes e revela teus pecados, pois é de temer que, se te vangloriasses abertamente de teu tesouro de boas obras, o diabo possa roubá-lo por meio do teu orgulho. Podes preservar carvões ardentes cobrindo-os com cinzas. Assim, o fogo do nosso amor a Deus é mais seguramente guardado quando está enterrado sob as cinzas da verdadeira humildade. O orgulho é a semente de todo pecado. Cuida bem, então, para não te exaltares, para não caíres em um abismo sombrio de pecado. Um coração orgulhoso é o retiro mais agradável para o diabo; cuidado, então, com o orgulho, para que, por meio dele, não coloques tua pobre alma em servidão a ele. O orgulho é um vento abrasador que seca as fontes da graça divina no coração; cuidado, então, para não te elevares com orgulho, para que não te prives das influências da graça de Deus.

Ó bendito Cristo, cura misericordiosamente o orgulho inchado de nossos corações. Que depositemos nossas esperanças de vida eterna no mérito de Tua santa humildade! Que essa humildade seja o padrão de nossas vidas! Que nossa fé se firme mais em Tua humildade, e nossas vidas sejam moldadas sempre por Teu exemplo de vida humilde!

# MEDITAÇÃO XXXV. EVITANDO A AVAREZA.

*Quem é o verdadeiro homem pobre? O homem avarento.*

Assim como amamos a salvação de nossas almas, devemos odiar o pecado da avareza. O homem avarento é o mais pobre de todos, pois o que possui lhe falta tanto quanto aquilo que não tem. Ele é o mais aflito, porque não é bom para ninguém e é pior consigo mesmo. O início de todo pecado é o orgulho; a raiz de todo mal é a avareza (1Tm 6:10). O orgulho afasta a alma de Deus; a avareza a volta para as coisas criadas. As riquezas são adquiridas com o suor do rosto; são mantidas com constante temor; causam amarga dor quando perdidas; e, pior que tudo, os esforços dos avarentos não apenas perecem, mas são mortais para suas almas. As riquezas ou te abandonarão ou tu as abandonarás. Se, portanto, tua esperança está colocada nelas, o que será dessa esperança na hora da morte? Como confiarás tua alma imortal a Deus, se não confias agora os cuidados do teu corpo a Ele? És objeto do cuidado do Deus Todo-Poderoso; por que duvidas de Sua capacidade de te sustentar? És objeto do cuidado do Deus Onisciente; por que duvidas de Sua disposição de te sustentar? És objeto do cuidado do Deus Generosíssimo; por que novamente duvidas de Sua vontade de te sustentar? Tens a solene promessa de Cristo, Senhor de todas as coisas no céu e na terra, de que, se buscarmos *“primeiro o Reino de Deus e sua justiça, todas essas coisas nos serão acrescentadas”* (Mt

6:33). Confia nesta promessa de Cristo; ela não falhará, pois Ele é “a Verdade” (Jo 14:6). A avareza é o auge da idolatria (Cl 3:5), porque coloca a criatura no lugar de Deus, o Criador. O homem avarento transfere a confiança que deveria depositar em Deus para as coisas da terra, obras de Suas mãos. Tudo o que é amado mais do que Deus é preferido a Deus e, por isso, colocado em Seu lugar. Esaú vendeu seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas (Gn 25:33). Assim também muitos, por meros bens temporais, renunciam à herança celestial que Cristo lhes concedeu. Judas vendeu seu Senhor por trinta moedas de prata (Mt 26:15); do mesmo modo, os avarentos vendem a graça de Cristo por riquezas terrenas. Como pode alguém que se alimenta diariamente das bolotas dos porcos aspirar ao Reino dos Céus? Como pode alguém elevar seu coração a Deus, se busca a paz da alma nas riquezas deste mundo?

Cristo, a Verdade, afirma que as riquezas são como espinhos (Mt 13:22); e, assim, quem ama as riquezas ama espinhos. Ó, quantas almas esses espinhos sufocam a boa semente! Assim como os espinhos crescem e impedem o crescimento da boa semente semeada, a ansiedade pelas riquezas impede o fruto espiritual da Palavra. Como os espinhos perfuram o corpo, as riquezas distraem a mente com cuidados. Tu também perecerás, se ajuntares apenas tesouros que perecem. Quem acumula tesouros na terra é como alguém que armazena frutos em lugares úmidos, esquecendo que ali apodrecerão mais rapidamente. Que insensatos são os que só desejam riquezas mundanas! Como algum objeto material pode satisfazer a alma, que é de natureza espiritual, se, pela própria lei de seu ser, a alma nunca poderia ser satisfeita com nenhuma quantidade de



bens materiais? Tua alma foi criada para a eternidade; portanto, seria um dano confiná-la aos desejos por objetos temporais e transitórios. Quanto mais tua alma se eleva no amor a Deus, menos ela amará as riquezas.

*“As aves do céu não semeiam nem colhem”* (Mt 6:26); em relação a essas criaturas inferiores das mãos de Deus, parece que quanto mais próximas do céu habitam, menos desejam e menos acumulam. É um bom sinal de que nossas almas fixam seus afetos nas coisas do alto quando desprezamos as coisas perecíveis da terra. Ratos e répteis se escondem em buracos e cavernas da terra porque são de ordem inferior às aves do céu. E é sinal certo de que nossas almas abandonaram Deus e estão fixas nas coisas terrenas se amamos riquezas desordenadamente. Deus te deu a alma, e não podes confiar o cuidado do corpo a Ele? Deus alimenta as aves do céu; e duvidas de Sua disposição em sustentar-te, feito à Sua imagem? Deus veste os lírios do campo; e duvidas que também te vestirá? Devemos nos envergonhar de que, com fé e razão, não exercemos a mesma confiança em Deus que as aves, com mero instinto natural. Elas não semeiam nem colhem, mas confiam instintivamente o cuidado de seus corpos a Deus.

Mas o homem avarento não confiará na palavra do Altíssimo enquanto não enxergar de onde virá seu pão diário. Isso é totalmente irrazoável, porque ele nada trouxe consigo ao mundo e, no entanto, está obcecado pela aquisição de riquezas terrenas, como se pudesse levar consigo da vida o máximo que acumulasse. O homem avarento é ingrato, pois desfruta de

tantos dons de Deus e nunca volta seu coração com gratidão e confiança ao Doador. Ele é tolo, porque abandona Deus, o único Bem verdadeiro, e fixa seu coração em coisas que, sem a graça de Deus, jamais poderiam ser boas. Quem tem o coração preso a coisas terrenas não as possui de fato, mas é possuído por elas.

O espírito da avareza não é destruído nem pela abundância nem pela carência. A extrema necessidade não o diminui, pois a incapacidade de obter o que deseja apenas aguça o apetite do homem avarento. Tampouco a abundância o diminui; quanto mais obtém, mais deseja, assim como, quanto mais lenha se coloca no fogo, mais intensamente ele queima. A avareza é como um córrego de montanha, pequeno em seu início, mas que se torna maior e mais forte à medida que desce. Coloca, pois, limites ao teu desejo por riquezas, para que ele não te arraste à perdição eterna. Muitos devoram avidamente nesta vida o que precisarão digerir no inferno. E muitos outros, enquanto ainda sedentos por ganhos imundos, correm para sua destruição imediata.

Enquanto consideras essas coisas, ó alma devota, evita, tanto quanto possível, um espírito avarento. Nada de todo o teu tesouro mundano poderás levar contigo ao tribunal de Deus, exceto aquilo que deste aos pobres. Não retenhas teus bens frágeis e perecíveis daqueles para os quais o bendito Cristo não hesitou em dar Sua vida. Dá aos pobres para que possas dar a ti mesmo, pois aquilo que não deres em caridade cristã será de outro. Demasiado avarento é o homem para quem o próprio Senhor não basta; nem tem ele uma esperança segura no céu aquele que valoriza tanto as coisas perecíveis da terra. Como

pode entregar sua vida por seu irmão (1Jo 3:16) quem nega a ele os pequenos bens temporais que este lhe suplica? O que colocamos nas mãos de um pobre, na verdade, guardamos como um tesouro no céu, para que não pereça na terra. Desejas oferecer um serviço agradável a Cristo, teu Salvador? Mostra bondade para com os pobres. O que fazemos aos membros de Seu corpo místico, Cristo recebe como feito a Si mesmo (Mt 25:40). Cristo te diz: *“Dá-Me daquilo que Eu te dei de Mim mesmo; faze o bem com o que tens, para que tragas mais bem a ti mesmo. Dá generosamente de teus bens terrenos, para que os preserves verdadeiramente; pois, ao acumulá-los como um avaro, na realidade os perderás.”* Atenta agora para o aviso de Cristo, para que não sejas obrigado a ouvi-Lo dizer-te no juízo: *“Apartai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno; (...) porque tive fome, e não Me destes de comer”* (Mt 25:41-42). A esmola é como semear boa semente; e, se semeares pouco, também colherás pouco; se semeares com abundância, com abundância colherás (1Co 9:6; Gl 6:8). Se desejas estar entre os que estarão à direita de teu Senhor naquele grande dia, manifesta o espírito de bondade que Ele louva neles. Que o destino triste dos que estarão à esquerda te inspire temor, pois eles ali não estão tanto por praticar o mal, mas por não fazer o bem.

Ó Deus, *“inclina o meu coração aos Teus testemunhos, e não à avareza”* (Sl 119:36)!

# MEDITAÇÃO XXXVI. A VERDADEIRA CARIDADE.

*O Amor é o Selo do Santo!*

O verdadeiro e sincero amor é uma característica infalível da alma piedosa. Não há cristão sem fé, nem fé sem amor. Quando o coração não arde de amor, não pode haver fé verdadeira e fervorosa. Tu podes tão facilmente roubar a luz do sol quanto separar o amor da fé. O amor é uma manifestação externa da verdadeira vida interior do cristão. Assim como o corpo sem o fôlego da vida está morto, a fé sem o amor está morta (Tg 2:26). *“Agora, se alguém não tem o espírito de Cristo, esse tal não é dele”* (Rm 8:9). O homem que não exerce o dom do amor não tem o espírito de Cristo, pois o fruto do espírito é o amor (Gl 5:22). Uma boa árvore é conhecida pelos seus frutos (Mt 7:16). O amor é o vínculo da perfeição cristã (Cl 3:14). Assim como os membros do corpo humano estão unidos em um organismo vivo pelo espírito, ou seja, pela alma, todos os membros do corpo místico de Cristo estão unidos pelo vínculo do amor, através do Espírito Santo. No templo de Salomão, todas as coisas dentro e fora eram revestidas de ouro puro; assim, no templo espiritual de Deus, todos devem ser adornados com o verdadeiro amor (1Rs 6:21). Que o amor mova teu coração para a compaixão e tuas mãos para os dons generosos; a compaixão sozinha não é suficiente se não for acompanhada pelos dons; e os dons sozinhos não servem se teu coração não os acompanha. A fé

recebe todas as coisas de Deus; o amor, por outro lado, dá tudo de si para o próximo. Pela fé somos feitos participantes da natureza divina (2Pd 1:4), mas Deus é amor (1Jo 4:16). Portanto, ninguém pense que a verdadeira fé habita no coração de quem não demonstra amor em suas ações externas. Aquele que verdadeiramente crê em Cristo também O ama, e ao amá-Lo, ama seu próximo. Se alguém se recusar a prestar um serviço devido e amoroso ao próximo, é evidente que ainda não agarrou Cristo com verdadeira e sincera confiança. Nenhuma ação é verdadeiramente boa se não proceder da fé (Rm 14:23), e não é verdadeiramente boa se também não proceder do amor, pois o amor é a raiz de todas as virtudes, e não há fruto espiritual bom que não provenha dessa raiz do amor. O amor é o tempero espiritual da alma; ele sozinho extrai a doçura de tudo o que é bom, de tudo o que é árduo, de tudo o que é adverso e de tudo o que é cansativo nesta vida. Ele torna a morte ainda mais doce e abençoada para a alma piedosa, *“pois o amor é forte como a morte”* (Ct 8:6). Na verdade, até mais forte que a morte, pois foi o amor que levou o Senhor Jesus Cristo a morrer por nós. Sim, o amor inspira tanto as almas dos piedosos que elas não hesitam em entregar suas vidas pelo amor de Cristo. Tudo o que Deus faz, Ele faz por amor, até quando castiga Seus filhos; assim, tudo o que o cristão faz deve ser feito com um coração cheio de amor. Em todas as obras de Suas mãos, Deus nos revela Seu amor. O sol e as estrelas não brilham para si mesmos, mas para nós; as ervas do campo não possuem propriedades medicinais para si mesmas, mas para nós; o ar, a água e toda a criação irracional estão a serviço dos maiores interesses do homem. Vai, então, e faz o mesmo em servir ao teu próximo.

Embora tenhas o dom de línguas, sem amor isso não te aproveita de nada (1Co 13:1), pois esse dom, sem amor, apenas te encherá de orgulho; mas o amor edifica (1Co 8:1). O dom de compreender todos os mistérios, sem amor, não te aproveita de nada (1Co 13:2), pois tais mistérios são conhecidos até por Satanás, mas o amor pertence somente à alma verdadeiramente piedosa.

Embora tenhas toda a fé para remover montanhas, sem amor, não és nada (1Co 13:2), pois essa fé pode fazer milagres, mas não é salvadora. O amor é superior ao dom de operar milagres, pois o primeiro é o sinal indubitável de um verdadeiro cristão, enquanto o segundo é concedido até aos ímpios. E mesmo que distribuas todos os teus bens para alimentar os pobres, sem amor isso não te aproveita de nada (1Co 13:3); o ato externo de caridade é hipócrita se não houver verdadeiro amor no coração. Rios de benevolência não servem para nada se não tiverem sua origem na fonte do amor. “*O amor é paciente*” (1Co 13:4), pois não nos irritamos facilmente com aqueles que verdadeiramente amamos. “*O amor é bondoso*” (1Co 13:4), pois quem já deu o melhor de seu coração, o próprio melhor de sua alma, não pode recusar pequenos dons externos. “*O amor não tem inveja*” (1Co 13:4), porque vê o bem do outro como seu próprio. “*O amor não se vangloria*” (1Co 13:4), pois ninguém machuca facilmente quem verdadeiramente ama. “*O amor não se ensoberbece*” (1Co 13:4), porque, pelo amor, todos somos feitos membros de um só corpo, e um membro não se prefere a outro. “*O amor não se porta de maneira inconveniente*” (1Co 13:5), pois somente o homem irado age assim, enquanto o verdadeiro amor refreia nossa ira. “*O amor não busca seus próprios interesses*” (1Co 13:5), pois

prefere o bem do outro ao próprio. “*O amor não se irrita facilmente*” (1Co 13:5), pois toda ira vem do orgulho, enquanto o amor, em humildade, coloca-se abaixo dos outros. “*O amor não suspeita do mal*” (1Co 13:5), pois quem alimenta maus sentimentos contra alguém demonstra que ainda não o ama. “*O amor não se alegra com a injustiça*” (1Co 13:6), porque a miséria alheia torna-se também sua própria. “*O amor tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo suporta*” (1Co 13:7), pois aquilo que deseja para si não recusa ao próximo. “*O amor nunca falha; mas, sejam profecias, desaparecerão; sejam línguas, cessarão; seja o conhecimento, se evaporará*” (1Co 13:8). Todas as imperfeições do amor nesta vida serão removidas na vida futura, onde suas perfeições serão ainda mais amplificadas. Deus ordenou que dois altares fossem erigidos no tabernáculo antigo, e o fogo era levado do altar exterior para o altar interior. Assim também, Deus tem uma Igreja dupla: a Igreja militante na terra e a Igreja triunfante no céu. O fogo do amor que arde no altar da Igreja militante será, em breve, transferido para o altar da Igreja triunfante no céu.

Diante de tudo isso, ó alma devota, busca um amor santo. Lembra-te de que, seja quem for teu próximo, Cristo esteve disposto a morrer por ele (Rm 14:15). Por que, então, deverias recusar teu amor àquele por quem Cristo não hesitou em morrer? Se realmente amas a Deus, debes também amar aquele que foi criado à Sua imagem. Todos nós somos um só corpo espiritual (Ef 4:4); sejamos, portanto, de um só espírito. Não é certo que nós, que viveremos juntos no céu, vivamos em desarmonia aqui. Sendo de um só espírito em Cristo, tenhamos também a mesma vontade n’Ele. Todos nós somos servos do mesmo Senhor (Ef

4:5); não é correto, portanto, que estejamos em desacordo uns com os outros. Um membro do corpo que não compartilha do sofrimento do seu irmão está morto; e aquele que não se solidariza com o sofrimento alheio não deve considerar-se membro do corpo místico de Cristo. Há *“um só Deus e Pai de todos”* (Ef 4:6), a quem chamamos diariamente de *“Pai Nosso”*, como Cristo nos ensinou (Mt 6:9). Agora, como Ele te reconhecerá como Seu filho, a menos que tu, de tua parte, reconheças Seus filhos como teus irmãos? Ama o homem que Deus te recomenda, se for digno, por causa de seu valor; mas, se for indigno, ama-o de qualquer forma, pela razão mesma de que Deus, que exige tua obediência, é digno. Amando teu inimigo, mostrar-te-ás amigo de Deus. Não consideres o que o homem te faça, mas o que tu fizeste a Deus. Não te preocupes com as ofensas que teu inimigo te inflige, mas lembra-te das bênçãos que Ele te concede, pois Ele te ordena amar o teu inimigo (Mt 5:44). Somos vizinhos aqui na terra pela nossa comum natureza humana; somos irmãos na posse comum da esperança da herança celestial. Amemo-nos, então, uns aos outros.

Inflama em nossos corações, ó Deus, a chama do amor, por Teu Santo Espírito!



# MEDITAÇÃO XXXVII. CASTIDADE.

*A Mente de Cristo é a Morada da Pureza.*

Se desejas ser um verdadeiro discípulo de Cristo, debes cultivar uma castidade santa. Deus, teu Pai celestial mais indulgente, possui uma mente pura e santa, e tu debes invocá-Lo com orações que brotem de um coração puro. Um certo homem sábio disse que a castidade do corpo e a pureza do espírito são as duas chaves da religião e da felicidade. Se o corpo não for mantido puro e casto, dificilmente a alma poderá brilhar com fervor santo na oração. *“O nosso corpo é o templo do Espírito Santo”* (1Co 6:19). Devemos guardá-lo com o maior cuidado, para que não profanemos esta morada do Espírito Santo. *“Os nossos membros são membros de Cristo”* (1Co 6:15); devemos então ter o maior cuidado para não poluir estes membros de Cristo. Apeguemo-nos ao Senhor com fé e pureza, para que sejamos um espírito com Ele (1Co 6:17). Os sodomitas, ardendo de luxúria, foram atingidos pelo Senhor com cegueira (Gn 19:11), uma punição que afetou evidentemente tanto o corpo quanto a alma; e a mesma punição ainda é aplicada aos impuros. O Senhor fez cair fogo e enxofre do céu e destruiu aqueles sodomitas luxuriosos (Gn 19:24); assim, Deus acenderá a luxúria que agora arde no coração do libidinoso em uma chama eterna; e essa chama jamais será extinta, mas *“a fumaça do seu tormento subirá para todo o sempre”* (Ap 14:11). *“Fora estão os cães”* (Ap 22:15); isto é, fora da Jerusalém celestial, e excluídos dela estão os impuros e os luxuriosos. Cristo nos lavou com Seu próprio

sangue precioso no santo Sacramento do Batismo; e, oh, devemos ter o máximo cuidado para que não nos contaminemos com luxúrias impuras. O senso de vergonha natural faz com que os homens ímpios se envergonhem de cometer esses pecados de luxúria à vista de seus semelhantes; mas, ai de nós! Eles não se envergonham de cometê-los à vista de Deus e dos santos anjos. Nenhuma parede pode ocultar nossos atos aos olhos de Deus, que brilham com uma luz superior à do sol. Nenhum canto ou recesso é tão pequeno que exclua a presença dos santos anjos. Nenhuma fuga pode nos proteger das acusações de uma consciência culpada. É estranho que as chamas da lascívia subam, por assim dizer, até os céus, enquanto o fedor de sua impureza desce às profundezas do inferno. Tal prazer breve e efêmero será seguido de tormento eterno. O prazer da luxúria é momentâneo, seu tormento é perpétuo. Oh, que a memória d'Aquele que foi crucificado por ti crucifique tua carne pecaminosa dentro de ti. Que o pensamento dos fogos do inferno extinga as chamas da paixão impura, e tuas lágrimas de penitência apaguem as chamas da luxúria em ti. Que o temor divino controle tanto tua carne que o amor carnal não te desvie do caminho. Lembra-te de que o desejo da luxúria é cheio de problemas e loucura, que o ato em si é abominavelmente vergonhoso; e que suas consequências são vergonha e remorso. Não olhes para o rosto enganador do diabo que te incita à luxúria, mas pensa antes nas picadas da consciência que atormentarão aqueles que se entregam a ele. Não penses no prazer passageiro que poderás desfrutar, mas antes na condenação eterna que sofrerás pelo pecado. Cultiva o amor pelo conhecimento encontrado nas Sagradas Escrituras, e não amarás os vícios da carne. Esteja sempre ocupado com algum

trabalho, para que, quando o tentador se aproximar de ti, te encontre totalmente ocupado. Davi foi desviado por ele numa época em que estava desocupado (2Sm 11:2); e José, pelo contrário, não foi desviado, porque estava ativamente ocupado quando o tentador se aproximou (Gn 39:9).

Lembra-te de que a morte está ameaçando-te a cada hora de tua vida, e então desprezarás facilmente todos os desejos carnis. Ama a temperança, e vencerás facilmente as paixões vis. Um estômago inflamado pelo vinho rapidamente desperta desejos luxuriosos. A castidade é colocada em risco por uma vida luxuosa. Se, então, mimares teu corpo com luxos, estarás alimentando dentro de ti um inimigo que poderá destruir tua alma. Nossa carne deve ser cuidada de modo que sirva ao nosso bem maior; deve ser subjugada para não se tornar orgulhosa. Lembra-te dos terrores do juízo, e facilmente apagarás o fervor da luxúria. Se as coisas ocultas de nossos corações forem trazidas à luz no juízo (1Co 4:5), quanto mais ainda aquelas feitas em segredo! Toda palavra ociosa que os homens disserem, darão conta dela no dia do juízo (Mt 12:36); quanto mais ainda pelas nossas palavras sujas e impuras! E se devemos dar conta dessas, quanto mais de nossas ações sujas e impuras! A acusação contra ti será tanto quanto tua vida foi aqui. Teus acusadores lá serão tantos quanto teus pecados foram aqui. Aqueles pensamentos que se tornaram maus pelo uso habitual deles não passarão despercebidos no juízo. Que vantagem há, então, em ocultar teus pecados de luxúria por um tempo dos olhos dos homens, quando depois, no juízo, eles terão que ser revelados diante do universo reunido? Que vantagem há em escapar do tribunal do juiz terreno, já que de maneira nenhuma

poderás escapar do Tribunal do Juiz Supremo? Não podes subornar esse Juiz, pois Ele é o mais justo; não podes movê-Lo com tuas orações, pois Ele é muito rigoroso; não podes escapar de Sua jurisdição, pois Ele é todo-poderoso; nem podes enganá-Lo com desculpas vãs, pois Ele é todo-sábio; nem podes apelar da sentença que Ele pronunciar sobre ti, pois Ele é o Juiz Supremo. Seu julgamento será de acordo com a verdade; será proclamado publicamente; será executado com a mais rigorosa severidade.

Portanto, ó minha alma, dedicada a Deus, que os terrores deste Juiz terrível estejam continuamente diante de teus olhos, para que não sejas levado pelo fogo da luxúria. Seja como a rosa fragrante em teu amor, como a humilde violeta em tua humildade, como o lírio imaculado em tua castidade. Aprende com Cristo (Mt 11:29), teu Esposo espiritual, a humildade e a pureza de vida. Grande é a dignidade da castidade, porque foi consagrada no corpo de Cristo; grande é sua dignidade também, porque nos ajuda, enquanto vivemos na carne, a viver acima da carne. Assim como nada é mais vil do que viver sob o domínio da carne, também nada é mais glorioso do que viver com a carne totalmente submissa a nós. Não só devemos evitar atos externos de luxúria, mas também pensamentos impuros, pois Deus julga não apenas nossos atos externos, mas também os pensamentos secretos de nossos corações. Podemos muitas vezes fazer violência à nossa piedade com um simples olhar pecaminoso, e à nossa castidade com a luxúria dos olhos. *“Qualquer que olhar para uma mulher para a cobiçar já adulterou com ela em seu coração”* (Mt 5:28). Quão difícil pode ser a luta nesse sentido, mas, oh, quão gloriosa será a vitória! É difícil restringir os fogos

da luxúria; ela excita os jovens, inflama a juventude, cansa os velhos e os decrepitos, não despreza a cabana do pobre, não respeita o palácio do rico. Mas quanto mais difícil for à luta, mais gloriosa será a vitória final! Os primeiros impulsos de impureza devem ser imediatamente reprimidos, nem devemos alimentar a chama com pensamentos maus. Embora o Apóstolo nos mande lutar contra todos os outros vícios, quanto a esse pecado ele nos ordena não lutar, mas fugir dele. *“Fugi da fornicação”* (1Co 6:18), diz ele. Se um estranho mendigo vier até nossas portas, com uma falsa simplicidade para nos enganar, e nós lhe recusarmos a entrada, ele se afastará; mas, se o admitirmos em nossa casa, ele se tornará nosso hóspede, gradualmente se tornará mais ousado e presunçoso, até que, se permitirmos, se tornará nosso senhor; assim também a paixão impura nos ataca; se não lhe dermos incentivo, ela se retirará rapidamente. Se não queres que esse inimigo odiado te governe, não o recebas na casa do teu coração.

Preserva-nos, ó Deus, na santidade da mente e na pureza do corpo!

# **MEDITAÇÃO XXXVIII. A TRANSITORIEDADE DA VIDA.**

## *O que é a Vida Humana?*

Considera, ó alma devota, a miséria e a transitoriedade da presente vida, para que possas elevar teu coração com mais ardor em direção à herança celestial. Enquanto o passado de nossa vida aqui se prolonga, o futuro dela diminui; à medida que os anos crescem, o tempo se encurta. Tudo o que se lhe acrescenta é, ao mesmo tempo, retirado. A vida que vivemos é um mero ponto no tempo, ou, melhor ainda, é ainda menos do que isso. Enquanto nos viramos, nossa imortalidade está diante de nós. Nesta vida, habitamos como em uma casa estranha. Abraão não possuía lugar algum na terra de Canaã para uma morada, senão um sepulcro, onde pudesse enterrar seus mortos (Gn 23:4); assim, esta vida presente nos oferece uma hospedagem temporária, para depois ser um local de sepultamento. Assim que a vida começa, começamos a morrer. Como aquele que está a bordo de uma embarcação, que, seja sentado, em pé ou deitado, está sempre se aproximando de seu porto, levado com a mesma força com que o navio avança, assim também nós, dormindo ou acordados, deitados ou caminhando, de maneira voluntária ou involuntária, momento a momento, somos irresistivelmente levados ao nosso fim. Esta vida é, de fato, mais parecida com a morte, pois dia após dia estamos morrendo, visto que, a cada dia que vivemos, é um dia a menos

de vida. Ela é preenchida com dolorosos arrependimentos pelo passado, árduos trabalhos no presente e temores sombrios para o futuro. Entramos na jornada da vida chorando, sendo apresentados ao mundo como um bebê em lágrimas, como se pressentíssemos as desgraças que nos acometerão aqui. Cada passo adiante é um passo de fraqueza, afligidos como estamos por muitas doenças e angustiados com várias preocupações. Nossa partida deste mundo está carregada de temores sombrios, pois não partimos sozinhos, mas levamos conosco o peso de todas as ações (Ap 14:13) feitas no corpo, e, por meio da morte, nos aproximamos do terrível tribunal de Deus (Hb 9:27). Somos concebidos no pecado, nascemos na miséria, nossa vida é uma dor constante e a morte uma fonte de angústia. Somos gerados na impureza, alimentados nas trevas e gerados na dor. Antes de nosso nascimento, sobrecarregamos nossas miseráveis mães, e, ao nascermos, as dilaceramos como a ferroadada de uma víbora. Somos estranhos ao nascer, e meros peregrinos e forasteiros enquanto vivemos, pois, na morte, somos obrigados a partir. Na primeira parte de nossa vida, não nos conhecemos; no meio dela, somos oprimidos pelas preocupações; e, em sua fase final, somos oprimidos pelos fardos da velhice. A totalidade da vida está dividida entre o presente, o passado e o futuro. Se considerarmos o presente, ele é instável; se o passado, já se tornou como nada; e, se o futuro, é incerto. Ao nascer, somos como uma massa de impureza; toda a nossa vida é apenas uma bolha; e, na morte, fornecemos um banquete para os vermes. Carregamos a terra conosco, pisamos na terra enquanto andamos, e logo nossos corpos se tornarão terra novamente. A necessidade de nascer foi imposta a nós; assim também a miséria de viver e a dureza de morrer. Nosso corpo é uma

morada terrestre para a morte e o pecado, que dia após dia o consomem.

Nossa vida inteira é uma guerra espiritual (Jó 7:1); acima de nós, demônios vigiam para nossa destruição; à nossa direita e à nossa esquerda, o mundo nos ataca; e abaixo e dentro de nós, a carne espreita para nos destruir. A vida do homem é uma guerra porque *“a carne luta contra o espírito, e o espírito contra a carne”* (Gl 5:17). Que alegria podemos, portanto, encontrar nesta vida, uma vez que nela não há felicidade certa e segura? Que deleite podemos ter nas coisas presentes, quando, enquanto tudo mais passa, aquilo que constantemente nos ameaça não passa; quando os objetos do nosso amor aqui se acabam tão rapidamente e estamos constantemente nos aproximando daquele lugar onde a dor nunca tem fim? Tudo o que ganhamos com uma vida mais longa é que cometemos mais pecados, vemos mais maldade, sofremos mais tormentos e, no juízo final, enfrentamos uma lista mais longa de pecados acusadores que se erguem para nos condenar. O que é o homem? Ele é propriedade adquirida pela morte, um viajante transitório; sua vida é mais leve que uma bolha, mais breve que um momento, mais inútil que uma imagem, mais vazia que um som, mais frágil que o vidro, mais inconstante que o vento, mais fugaz que uma sombra, mais enganadora que um sonho. O que é esta vida? É uma constante antecipação da morte, um palco no qual se representa uma farsa; um vasto mar de misérias, uma pequena medida de sangue que um leve acidente pode derramar ou uma febre qualquer pode corromper. O curso da vida é um labirinto no qual entramos ao nascer e do qual saímos pelas portas da morte. Somos apenas pó, e o pó não é nada além de fumaça, e a fumaça não é nada, e



assim somos nada. Esta vida, como o vidro, quebra-se facilmente; como um rio, flui rapidamente em seu curso; como uma guerra, é acompanhada de miséria constante, e, ainda assim, para muitos parece tão desejável. Uma noz pode parecer boa e saudável por fora, mas, ao abri-la com uma faca, pode-se encontrar apenas vermes e podridão dentro. As maçãs de Sodoma podem nos encantar com sua beleza exterior, mas toque-as, e elas se desfazem em cinzas. Assim é a vida. Suas promessas externas de felicidade nos encantam, mas, ao nos aproximarmos, essas promessas se revelam apenas como fumaça e cinzas.

Não dediques, portanto, ó alma amada, os teus pensamentos mais elevados a esta vida. Antes, em espírito, aspira às alegrias da vida que há de vir. Contrasta o breve espaço de tempo que nos é dado nesta vida com as idades infinitas e intermináveis da eternidade, e ficará claro o quão tolo é apegar-nos a esta vida transitória em detrimento daquela vida eterna. Nossa vida aqui é passageira, e, ainda assim, nesta breve existência, ou ganhamos ou perdemos a vida eterna. Ela é preenchida com dor e miséria, mas, nela, ou conquistamos ou perdemos a felicidade eterna do céu. Está repleta de calamidades terríveis, mas, ainda assim, nela, ou alcançamos ou perdemos as alegrias eternas. Se, então, aspiramos à vida eterna, desejemo-la de todo o coração nesta vida fugaz. Usa sabiamente este mundo, mas, ó, não ponhas o teu coração nele! Realiza teus negócios temporais, mas não fixes tua mente nas coisas terrenas. Usar as coisas deste mundo não nos prejudicará, desde que não coloquemos nosso coração nelas. Este mundo é apenas um lugar de passagem, mas o céu é a tua pátria. Não te deleites, portanto, tanto em tua morada

terrena que diminua, por um instante sequer, o teu ardente desejo pela pátria celestial. Nesta vida, navegamos pelo mar do tempo em direção à eternidade, nosso porto. Não te encantes tanto com uma tranquilidade momentânea neste mar, que deixes de anseiar pelo refúgio eterno, onde há descanso perpétuo. Esta vida é como um amante inconstante: não mantém a fé com aqueles que a amam, frequentemente os abandona inesperadamente. Por que, então, confiar nela? É arriscado prometer a nós mesmos a segurança de até mesmo uma hora, pois, frequentemente, nesta breve hora, a vida chega a um fim repentino. O plano mais seguro é estar atento à morte a cada momento e preparar-nos para ela com sincero arrependimento de nossos pecados. Na abóbora cuja sombra tanto deleitou Jonas, Deus preparou um verme ao amanhecer, e este feriu a abóbora até que ela secou (Jn 4:7). Assim também ocorre com os bens mundanos, nos quais tantos colocam seus corações: não há estabilidade, pois vermes de corrupção neles surgem para destruí-los. O mundo já foi tão devastado por calamidades que perdeu parte de seus encantos sedutores. Assim como devemos louvar os que não se deleitam com um mundo encantador, devemos reprová-los firmemente aqueles que insistem em perecer com um mundo que perece.

Ó Cristo abençoado, afasta nossos corações do amor a este mundo e acende em nós santos desejos pelo reino celestial!

# MEDITAÇÃO XXXIX. A VAIDADE DO MUNDO.

*O Eterno Transcende o Temporal.*

Não ponhas, ó minha alma, os teus sentimentos nas coisas que estão sobre a terra. Pois “*o mundo passa*” (1Jo 2:17; 1Co 7:31), “*e todas as obras que nele estão serão consumidas pelo fogo*” (2Ped 3:10). Onde estará, então, o teu amor? Ama o bem que é eterno, para que possas viver a vida que é eterna! Toda criatura foi feita sujeita à vaidade (Rom 8:20); se, portanto, amas a criatura, serás também feito sujeito à vaidade. Ama o que é verdadeiramente e eternamente bom, para que o teu coração desfrute de paz e descanso duradouros.

Por que as honras deste mundo te agradam? Se buscamos honra dos homens, não podemos receber honra de Deus (Jo 5:44); e ao buscar a honra mundana, devemos nos conformar com este mundo, mas se buscamos agradar aos homens, não podemos agradar a Deus (Gl 1:10). O que é produzido pelo transitório e instável é, por si só, transitório e instável, e, portanto, a honra mundana não pode ser estável. Alguém pode ser exaltado ao auge da glória mundana hoje e afundar-se nas mais baixas profundezas da ignomínia amanhã. Busca agradar a Deus, para que Ele te conceda Sua verdadeira e eterna honra. Afinal, qual é a verdadeira vantagem em ser considerado grande

e honrado entre os homens? Um homem é verdadeiramente grande e honrado apenas quando é assim considerado pelo grande Deus. Quando o povo quis fazer Cristo um rei, Ele fugiu deles (Jo 6:15); mas, quando O procuraram para sujeitá-Lo a uma morte vergonhosa e ignominiosa na cruz, Ele Se ofereceu livremente e voluntariamente. Se então desejas ser mais e mais conformado a Cristo, encontra maior satisfação na vergonha que o mundo te impõe do que nas glórias vazias que ele te oferece. Se não podes desprezar as honras deste mundo por causa de Cristo, teu Salvador, como poderias chegar a esse ponto de amor em que derramarias tua vida por Ele? Não há outro caminho para alcançar a verdadeira glória com Cristo senão através de um santo desprezo pela glória mundana, assim como Cristo, pela ignomínia da cruz, entrou em Sua glória (Lc 24:26). Portanto, escolhe antes ser desprezado, ser tido como de pouco valor, ser escarnecido neste mundo, para que sejas honrado por Deus no mundo que há de vir. Cristo nos ensinou claramente qual deve ser nossa avaliação da glória deste mundo; toda a glória do mundo celestial era Sua e O servia; sim, Ele próprio é a verdadeira glória, e ainda assim Ele Se esvaziou de toda a Sua glória e, por um tempo, voluntariamente a lançou de lado. Quanto mais honra mundana alguém desfruta, mais abundantemente é suprido com os confortos materiais deste mundo, mais profundamente e sinceramente deve se entristecer com isso, vendo que, em tudo isso, está cada vez mais distante da conformidade com Cristo. Quão vãs são as aclamações do mundo, se carregamos dentro de nós uma consciência culpada e acusadora! Que vantagem há em um homem que sofre intensamente de uma febre alta deitar-se em um leito de marfim? O testemunho de uma boa consciência — isso é verdadeira

honra, isso é verdadeiro louvor. Não há juiz mais justo ou imparcial para teus atos do que Deus e tua consciência. Seja teu objetivo e desejo submeter todos os teus atos a este santo julgamento. Não é satisfação suficiente para ti ser conhecido por ti mesmo e, o melhor de tudo, por Deus?

Mas, chegando agora às riquezas, por que as desejas tanto? Avarento demais é aquele para quem o Senhor não basta! Esta vida é o caminho para a nossa pátria celestial; qual, então, é a vantagem das grandes riquezas? Elas apenas sobrecarregam o peregrino cristão como uma grande carga sobre um navio. Cristo, o Rei do céu, é riqueza suficiente para os verdadeiros servos de Deus. Um verdadeiro tesouro deve ser algo dentro do homem, não fora dele, e algo que possas levar contigo ao juízo universal; mas todas essas posses externas e materiais devem ser deixadas por ti na morte. Todos esses montes de riquezas um dia perecerão; mas aquele que as acumulou perecerá de maneira ainda pior, se não foi rico para com Deus. Nu e pobre saíste para o mundo; e nu e pobre sairás dele (Jó 1:21). Por que, então, a parte média de tua vida deveria ser tão diferente de seu começo e de seu fim? Devemos valorizar as riquezas pelo uso que delas podemos fazer. E quão pouco elas nos bastarão então! Os mais insignificantes dons da graça e da virtude são muito mais valiosos do que todas as riquezas terrenas. E por quê? Simplesmente porque, com graça e virtude, podemos agradar a Deus, enquanto, com riquezas sozinhas, sem estas, não podemos agradá-Lo. Devemos nos alegrar mais com os fatos da pobreza de Cristo do que com as riquezas de todo o mundo, porque Cristo assim santificou a pobreza para nós. Ele foi pobre ao nascer, mais pobre durante Sua vida e mais pobre ainda em

Sua morte. Por que hesitarias em preferir a pobreza deste mundo às suas riquezas, já que Cristo preferiu-a às riquezas de Seu reino celestial? Como confiarás tua alma a Deus, se não entregas o cuidado de teu corpo a Ele? Como darás tua vida por teu irmão, se não estiveres disposto a gastar tuas riquezas por ele? As riquezas são adquiridas com grande dificuldade e trabalho; são mantidas com constante medo, e sua perda causa grande dor. O que é ainda mais deplorável: todo o trabalho do avarento ao adquirir sua riqueza não só se tornará fútil, mas será fatal em seus efeitos sobre sua alma, conforme o ensinamento de São Bernardo. Teu amor é teu Deus: *“Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração”* (Mt 6:21). Se amas essas riquezas materiais, terrestres e perecíveis, não podes amar aquelas riquezas superiores, espirituais e celestiais. Por quê? Porque aquelas pesam sobre o coração do homem como um grande fardo e o arrastam para a terra, enquanto estas o elevam para o céu. O amor às coisas terrenas é como um peso sobre as asas da nossa alma, dizia um certo antigo amante de Cristo. O exemplo solene da esposa de Ló, que se tornou uma estátua de sal (Gn 19:26), nos adverte a não olhar para trás para nossos bens terrenos, mas a direcionar nosso caminho para o nosso lar celestial. Os apóstolos deixaram tudo e seguiram a Cristo (Mt 4:22), porque o conhecimento das verdadeiras riquezas que Cristo poderia dar tirou deles o desejo pelas riquezas falsamente chamadas. Se uma vez provamos das coisas espirituais, as coisas carnis se tornam insípidas para nossa alma; aquele que verdadeiramente ama a Cristo pouco se importa com o mundo.

Mas por que desejas tanto o prazer mundano? Oh, que a lembrança dAquele que foi crucificado por ti crucifique em ti todo

desejo de meros prazeres. Que o pensamento das chamas do inferno apague em ti todo o ardor da luxúria. Contrasta esses prazeres, que são breves, com os tormentos eternos. O prazer carnal é bestial e torna bestiais todos os que nele se entregam. Não tem prazer nas delícias do reino celestial aquele que se enche diariamente com as bolotas dos porcos. Mortifiquemos, então, nossos prazeres sensuais e, com Abraão (Gn 22:10), ofereçamos em sacrifício espiritual nosso amado filho, ou seja, figurativamente, aqueles deleites de nossas almas que nos são mais queridos, renunciando voluntariamente a todo prazer mundano e aceitando alegremente as dificuldades da santa cruz. Oh! O caminho para o reino celestial não é suave, plano e adornado com rosas, mas é áspero, íngreme e cheio de espinhos. O homem exterior pode florescer nos prazeres mundanos, mas o homem interior cresce espiritualmente ao carregar sua cruz e sofrer tribulações; e, na proporção em que o homem exterior floresce, o homem interior murcha. Os prazeres servem aos nossos corpos, mas, para o homem piedoso, o cuidado com seu corpo é sua menor preocupação, enquanto o cuidado com sua alma é o maior. Os prazeres levam cativo os nossos corações, de modo que não podem amar livremente a Deus. Não são esses prazeres, mas um certo desgosto por eles, que levarás contigo na morte e carregarás contigo até o terrível tribunal de Deus. Que o temor de Deus fira tua carne, para que o amor carnal não te desvie. Oh, que o pensamento do julgamento de Deus esteja tão continuamente em tua mente que a tua própria vontade perversa não te leve ao cativeiro de teus apetites sensuais. Não olhes para o rosto do tentador, que te atrai ao pecado, mas pensa antes nas amargas picadas de uma consciência acusadora que seguirá esse pecado. Vence o

pecado e a tentação pela graça de Cristo, e finalmente serás coroado como vencedor por Cristo Jesus, o próprio Senhor.



# MEDITAÇÃO XL. AS VANTAGENS DAS TENTAÇÕES.

*A Palmeira Cresce Para Cima Apesar dos Pesos e  
Obstáculos.*

É muito proveitoso para a alma fiel ser testada e confirmada na fé pelas tentações enquanto permanece neste mundo. Nosso Salvador, Ele mesmo, foi disposto a lutar contra o diabo em Sua tentação no deserto (Mt 4:1-11), para que pudesse vencê-lo por nós e para nossa salvação, e assim ser nosso fiel Campeão em todos os nossos conflitos com o tentador. Antes de ascender ao céu, Ele desceu ao inferno como Seu Conquistador (Ef 4:9), e da mesma forma, a alma fiel deve primeiro descer às profundezas da tentação antes que possa ascender às glórias do céu. Os filhos de Israel não puderam ocupar plenamente a terra prometida de Canaã até que seus vários inimigos fossem primeiro vencidos (Js 1:6-9); assim, a alma fiel não pode se consolar com a promessa de entrar nas glórias do reino celestial até que primeiro tenha conquistado a vitória sobre seus inimigos: o mundo, a carne e o diabo (1Jo 2:16-17). A tentação testa, purifica e ilumina a alma.

A tentação testa a alma, porque nossa fé, atacada pelas tempestades da adversidade, firma suas raízes mais profundamente na rocha de nossa salvação, espalha seus ramos

em boas obras e cresce na esperança da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Quando Abraão, ordenado por Deus a oferecer seu filho em sacrifício, deu plena prova de sua obediência pronta e alegre, o anjo do Senhor lhe apareceu, dizendo: *“Agora sei que tu temes a Deus, pois não me negaste o teu filho, o teu único filho”* (Gn 22:12). Assim, se, em tuas tentações, ofereceres a Deus, em sacrifício, a tua própria vontade e desejos, serás contado como aquele que teme a Deus e ouvirás em teu coração a palavra divina de aprovação. Assim como o fogo prova o ouro, a tentação prova a tua fé. A batalha revela o temperamento do soldado, assim a tentação revela a força de tua fé. Quando os ventos impetuosos bateram contra o barco que carregava Cristo e as ondas espumantes se lançaram sobre ele, apareceu a pequena fé de Seus discípulos. Quando o Senhor ordenou que os israelitas vencessem os midianitas, foram levados primeiro à água e ali testados (Jz 7:4); assim também somos testados nas águas da tribulação e da tentação, antes que, com todos os nossos inimigos derrotados diante de nós, sejamos conduzidos triunfantemente à nossa pátria celestial. Quaisquer adversidades e tentações que a alma fiel sofra aqui devem ser vistas não como um sinal de repreensão pelos nossos pecados, mas como um meio pelo qual Ele prova a nossa fé.

A tentação também purifica nossas almas. Nosso grande Médico, Cristo, emprega muitos remédios amargos para expulsar as malignas doenças espirituais do amor próprio e do amor ao mundo. A tribulação nos incita a um exame cuidadoso de nossa consciência e frequentemente nos faz lembrar vividamente dos pecados de nossas vidas passadas. Mais ainda, muitas vezes nos preserva da prática do pecado, assim como certos remédios

agem como preventivos de doenças contagiosas no corpo. Estamos propensos a cair em pecado o tempo todo, especialmente em tempos de prosperidade, mais do que em tempos de adversidade. Para muitos, as riquezas são como espinhos (Mt 13:22) que brotam e sufocam a boa semente plantada em seus corações. Deus, portanto, as retira para que não destruam a alma. Uma multidão de preocupações mundanas impede muitos de prestarem a devida obediência a Deus, e assim Ele, muitas vezes, os coloca em uma cama de enfermo, para que tenham tempo de voltar-se para si mesmos e começar a morrer para o mundo, para viver para Ele. Para muitos, tem sido uma grande bênção cair de uma elevada posição de riqueza ou honra para a relativa tranquilidade de uma condição mais obscura na vida. A honra mundana incha muitos com orgulho, e assim Deus frequentemente envia o opróbrio e retira o que alimenta esse orgulho.

Finalmente, a tentação ilumina a alma. Somente em tempos de tentação reconhecemos o quão imperfeita e inútil é toda consolação mundana. Enquanto Estêvão estava sendo apedrejado até a morte, viu a glória de Cristo (At 7:55), e assim Cristo se revela à alma verdadeiramente contrita na hora de sua maior aflição. Somente quando Deus habita em nós podemos ter uma verdadeira e duradoura alegria, e Deus habita com quem tem espírito contrito e humilde (Is 57:15). A aflição, como severo teste da nossa fé, serve para tornar nossos espíritos humildes e contritos, para que as almas dos aflitos possam se regozijar grandemente em todas as suas aflições. Através da tentação, chegamos a conhecer a Deus mais verdadeiramente e intimamente, pois o Senhor diz: *“Estarei com ele na tribulação;*

*livrá-lo-ei e o honrarei*” (Sl 91:15). O cego Tobias não via nada acima, abaixo, à frente de si, nem a si mesmo; mas, iluminado por Deus através do anjo Rafael, viu claramente todas aquelas coisas que antes não podia ver, usando nenhum outro remédio senão a bÍlis de um peixe, ensinando-nos que nossos olhos devem ser ungidos e iluminados pela bÍlis da amargura antes que possamos alcançar um verdadeiro conhecimento de nós mesmos e do mundo. Por que diz o Apóstolo: *“Agora vemos como em um espelho, obscuramente”* (1Co 13:12)? Porque na tentação e na provação aprendemos que Deus traz alegria aos corações de Seus filhos eleitos de uma maneira que parece indicar apenas tristeza; que Ele os torna espiritualmente vivos, aparentemente colocando-os à morte; que Ele os cura espiritualmente permitindo que sejam sujeitos a várias doenças, e os torna ricos em espírito, mantendo-os pobres nas riquezas deste mundo. Por isso, devemos aceitar alegremente a cruz e a tentação, em agradecimento pelo amor de Cristo, que foi tentado, provado e sofreu na cruz por nós.

Ó bendito Jesus, permite-me passar por provas ardentes aqui; permite-me ser amargamente perseguido, mesmo neste mundo, se Tu apenas me poupares no mundo que há de vir. Ó bendito Jesus, que frequentemente nos poupas ao aparentemente nos lançar para longe de Ti, concede que, pelas Tuas misericordiosas feridas sobre nós, possamos ser novamente trazidos a Ti. Aflige e castiga o homem exterior, se o quiseres, mas que o homem interior cresça em força e poder. Ó misericordioso Jesus, sê Tu comigo para me ajudar em todos os meus conflitos comigo mesmo; orienta-me nas minhas lutas e coroa-me com gloriosa vitória. Quaisquer adversidades que eu possa sofrer nesta vida,

que sirvam para despertar e aumentar minha fé. Fortalece a minha fé fraca, ó bendito Jesus, pois assim Tu prometeste fazer pelo Teu santo profeta: *“Como uma mãe consola seus filhos, assim Eu vos consolarei”* (Is 66:13). Assim como uma mãe cuida e nutre com mais terno e ansioso cuidado o seu recém-nascido por causa de sua própria impotência, assim, ó misericordioso Jesus, encoraja e fortalece minha alma pela fraqueza e debilidade de minha fé. Concede que as consolações interiores da Tua graça tenham mais influência e poder sobre mim do que todas as contradições dos homens ímpios e do próprio diabo. Ó Jesus, faze Tu, que és de fato o Bom Samaritano, derramar nas grandes feridas dos meus pecados o vinho pungente de Tuas justas correções, mas ao mesmo tempo, também, adiciona o óleo suave de Tuas divinas consolações. Aumenta o fardo da cruz que já carrego, se o quiseres, mas concede-me também a força para carregá-la.

# MEDITAÇÃO XLI. OS PRINCÍPIOS DA PACIÊNCIA CRISTÃ.

*A paciência, finalmente, triunfará.*

Repouse no Senhor, ó alma devota, e suporte com paciência a cruz imposta sobre ti por Deus. Medite sobre a terrível paixão de Cristo, teu Esposo espiritual. Ele sofreu por todos, sofreu nas mãos de todos, sofreu em todas as coisas. Ele sofreu por todos, até mesmo por aqueles que desprezaram Sua santa paixão e pisaram aos pés o sangue da aliança, considerando-o impuro (Hb 10:29). Ele sofreu pelas mãos de todos. Ele foi entregue (Rm 8:32), foi ferido (Is 53:4-5), foi abandonado (Mt 27:46) por Seu Pai Celestial, foi desamparado pelos discípulos que Ele amava (Mt 26:56), foi rejeitado pelos judeus, Seu próprio povo (Mt 27:21-22), que escolheu o ladrão Barrabás em vez Dele. Ele foi crucificado pelos gentios. Ele carregou os pecados de toda a humanidade, e, assim, toda a raça humana esteve envolvida na culpa de Sua morte. Ele sofreu também de todas as formas concebíveis. Sua alma ficou sobremaneira triste até a morte (Mt 26:38); e, sobrecarregado com o peso do julgamento divino, Ele exclamou na cruz que foi abandonado por Deus (Mt 27:46). Seu corpo suou como gotas de sangue (Lc 22:44); Sua cabeça foi coroada de espinhos; Seus lábios provaram a amarga mirra; Suas mãos e Seus pés foram perfurados por pregos (Sl 22:17); Seu lado foi aberto pela lança; Seu corpo todo foi açoitado e estendido na cruz. Ah! Ele sofreu fome, sede, frio, desprezo,

pobreza, insultos, feridas e a terrível morte na cruz. Mas, ó, quão indecoroso seria que o Senhor sofresse assim, enquanto o servo vivesse em alegria ininterrupta! Ó, quão indecoroso seria que nosso Salvador fosse severamente castigado por nossos pecados, e nós continuássemos a nos deleitar neles! Quão injusto seria que a cabeça do corpo fosse afligida e o restante dos membros não sofresse com ela! Não, pelo contrário, assim como convinha a Cristo sofrer, e assim entrar em Sua glória celestial (Lc 24:26), assim também nós devemos, por meio de muitas tribulações, entrar no reino de Deus (At 14:22).

Pense na recompensa inconcebível que te é oferecida: *“Porque considero que os sofrimentos do tempo presente não são para ser comparados com a glória que em nós há de ser revelada”* (Rm 8:18). Seja qual for o nosso sofrimento aqui, ele é apenas por um tempo — às vezes, por apenas um dia — mas a glória que nos espera é para sempre. Deus conhece perfeitamente todas as nossas adversidades e, um dia, as trará todas a julgamento (Ec 12:14). Oh, quão angustiante será para nós aparecer naquele augusto encontro de todo o universo sem os adornos da cruz e dos nossos sofrimentos por Cristo! *“E Deus mesmo enxugará de seus olhos toda lágrima”* (Is 25:8; Ap 7:17; 21:4). Ó lágrimas felizes, que tal mão de tal Senhor enxugará! Ó bendita cruz, que será no céu trocada por tão grande recompensa! Apenas dez anos o rei Davi passou no exílio, mas por quarenta governou em seu reino (2Sm 5:5). Aqui vemos prefigurada a brevidade da nossa vida de sofrimento e a glória sem fim que a seguirá. Afinal, é apenas um pequeno ponto no tempo em que os santos de Deus, frequentemente objetos da

piedade do mundo, sofrem as dificuldades da cruz; pois *“o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã”* (Sl 30:5).

Considere, além disso, a tribulação que os santos do passado suportaram. Veja o patriarca Jó, *“como se assentou sobre as cinzas”* para chorar (Jó 2:8); João Batista jejuando no deserto (Lc 3:2); Pedro estendido sobre a cruz e Tiago decapitado pela espada de Herodes (At 12:2). Pense em Maria, a bendita mãe de nosso Salvador, de pé com o coração transpassado sob a cruz (Jo 19:25), que, de certa forma, se torna um tipo da Igreja de Cristo, a mãe espiritual dos fiéis. *“Bem-aventurados sois vós”*, diz Cristo, *“quando vos perseguirem, e disserem todo mal contra vós falsamente, por minha causa, porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós”* (Mt 5:11-12). Ó gloriosas perseguições, que nos ligam aos apóstolos, profetas e a todos os santos — sim, ao próprio Cristo! Suportemos, então, pacientemente com os santos de Deus que sofreram por Sua causa; alegremo-nos até em ser crucificados com aqueles que foram crucificados, para que, ao final, sejamos glorificados com aqueles que foram glorificados. Se somos realmente filhos de Deus, não nos recusemos a compartilhar da porção dos demais filhos Dele. Se desejamos ser herdeiros de Deus, aceitemos com alegria tudo o que a herança envolve. Mas lembremos que, como filhos de Deus, somos herdeiros não apenas da alegria e da glória da vida futura, mas também da dor e do sofrimento da vida presente, pois *“Deus corrige todo filho a quem recebe”* (Hb 12:6). Ele pune nossos pecados aqui para nos poupar do castigo no dia do julgamento. Ele coloca tribulação sobre tribulação sobre nós aqui, para que lá nos conceda um peso eterno de glória. De fato,



a recompensa excede, em proporção, as perseguições que sofremos aqui.

Mas considere as benditas vantagens da cruz. Ela destrói as raízes do amor mundano em nós e implanta o amor de Deus em nosso coração. A cruz gera em nós um ódio pelo mundo e eleva nossas mentes à contemplação das coisas celestiais e divinas. Se mortificarmos as obras da carne, o Espírito Santo habitará em nós; e, à medida que o mundo se torna amargo para nossas almas, Cristo se torna cada vez mais doce. De fato, maiores são as misteriosas influências e bênçãos da cruz, pois por meio dela Deus nos chama à contrição por nossos pecados, a um verdadeiro e santo temor Dele e ao exercício da paciência. Quando o Senhor bater à porta do nosso coração, abramos para Ele e ouçamos o que Ele falará em nossas almas. Oh, o mundo e o homem carnal podem olhar com desprezo para a cruz, mas, para Deus e para os olhos do homem espiritual, ela é gloriosa. O que poderia ser mais abjeto e desprezível do que a paixão de Cristo, nosso Salvador, aos olhos dos judeus? E, no entanto, o que poderia ser mais glorioso e precioso do que essa mesma paixão aos olhos de Deus? Pois este é o preço que Ele pagou pela expiação dos pecados de todo o mundo (1Jo 2:2). E assim o homem justo é afligido: *“O justo perece, e ninguém põe isso no coração”* (Is 57:1); mas quão preciosa é a cruz — *“preciosa aos olhos do Senhor é a morte de Seus santos”* (Sl 116:15). A Igreja, a noiva de Cristo, é negra por fora (Ct 1:5), por causa de suas aflições e perseguições; mas, por dentro, é formosa e bela, porque desfruta das consolações do Espírito divino. A Igreja é como um jardim fechado (Ct 4:12), e assim é toda alma fiel, pois ninguém conhece sua beleza, a não ser aquele que está dentro

dela. E nunca conheceremos plenamente e perfeitamente as consolações do Espírito de Deus a menos que o poder da carne sobre nós seja destruído pela aflição. Se o amor do mundo enche nossos corações, o amor de Deus não pode encontrar entrada neles. Um vaso já cheio não pode ser preenchido com um novo líquido, a menos que seja primeiro esvaziado. Esvaziemos, portanto, nossos corações do amor ao mundo, para que possamos preenchê-los com o amor de Deus. Assim, Deus, ao enviar a cruz, busca destruir o amor ao mundo em nós, para que o amor divino possa encontrar lugar em nosso coração. A cruz, além disso, nos conduz à oração e se torna a ocasião para o exercício das virtudes cristãs em nós. Quando o vento norte sopra sobre o jardim, seus temperos se derramam (Ct 4:16); e quando as perseguições varrem a Igreja, então se desenvolvem aquelas graças e virtudes peculiares que tanto agradam a Deus. O amado Esposo da alma é branco e ruborizado (Ct 5:10); branco em Sua santa inocência, ruborizado nas marcas de Seu sangue da paixão. E, para que a amada esposa de Cristo seja purificada e branca em suas virtudes, ela é feita ruborizada por seus sofrimentos por Seu nome. Da pedra mais dura de nossas aflições, a graça divina pode produzir azeite e mel, e da raiz amarga do sofrimento presente, o fruto mais doce da glória eterna.

E para essa glória eterna, ó Senhor Jesus, conduze-nos e, finalmente, traz-nos ao gozo dela! Amém.

# **MEDITAÇÃO XLII.**

## **PERSEVERANÇA EM SUPERAR A TENTAÇÃO.**

*Uma esperança alicerçada em Deus jamais nos  
decepcionará.*

Ó Santo Senhor Jesus, bendito Esposo da minha alma, quando me conduzirás às solenidades das Tuas núpcias, o banquete do Cordeiro (Ap 19:7)? Sou um peregrino na terra e estou exilado de Ti, mas creio firmemente, sem qualquer dúvida, que, em breve, liberto dos grilhões do corpo, aparecerei diante do Teu rosto (Sl 17:15). *“Temor e tremor vieram sobre mim”* (Sl 55:6), porque carrego meu tesouro em vasos de barro (2Co 4:7). Minha mente é inclinada ao erro, minha vontade ao pecado, de modo que nem mesmo posso dizer que o espírito está sempre disposto (Mt 26:41), embora a carne seja sempre fraca. O pecado me tomou cativo, e a lei dos meus membros luta contra a lei da minha mente (Rm 7:23). Temor e tremor vieram sobre mim porque Satanás continuamente conspira contra o meu tesouro; ele combina astúcia extrema com intenso desejo de me arruinar, além de grande poder. Ele enganou Adão no paraíso (Gn 3); Judas, sob a instrução do próprio Salvador (Jo 13:27); como posso eu, um pobre pecador miserável, esperar estar seguro contra suas artimanhas? Temor e tremor vieram sobre mim

porque ainda estou neste mundo, e “*o mundo inteiro jaz no maligno*” (1Jo 5:19). As delícias do mundo me tentam, as dificuldades no caminho do Senhor me aterrorizam, os encantos do mundo me atraem, e todo o mundo está cheio de armadilhas para enredar meus pés desprevenidos. Homem infeliz que sou, como poderei escapar? Até mesmo minhas alegrias disputam meu progresso na vida cristã; as tristezas opõem-se ao meu caminho. Ó homem miserável que sou, como conseguirei resistir? Temor e tremor vieram sobre mim porque é Deus quem opera em mim tanto o querer quanto o realizar (Fp 2:13). Temo que minha negligência pecaminosa e descuido levem Deus, em Sua santa indignação, a retirar Sua boa vontade que Ele me deu. Uso tão indignamente a remissão dos pecados que Ele me concedeu e trato tão desdenhosamente as Suas primeiras ofertas de graça, que temo muito que, por um julgamento secreto e justo de Deus, eu seja justamente privado daquilo que usei tão indignamente. Tremo ao pensar que posso ser abandonado por Ele, a quem, vez após vez, desde minha conversão, abandonei tão vergonhosamente. Que angústia me traz o pensamento de que um julgamento mais severo possa seguir-se a esses grandes benefícios que o Senhor me conferiu, caso se mostre que abusei deles! E, no entanto, sou consolado pelo pensamento da infinita misericórdia de Deus, que, assim como me deu o poder de querer, também me dará o poder de realizar, pois Ele é um Deus que não muda (Ml 3:6). “*Sua misericórdia é grande para conosco, e a verdade do Senhor dura para sempre*” (Sl 117:2). “*O fundamento do Senhor permanece firme*” (2Tm 2:19). Certamente, ele permanece firme porque está em Deus mesmo, no qual não há mudança; porque é confirmado pelo sangue de Cristo, que sempre fala com voz eloquente diante do trono de

Deus (Hb 12:24), e porque está seguramente selado para nós nos santos sacramentos que Ele instituiu.

Se eu buscasse algum fundamento para a salvação, por menor que fosse, em mim mesmo, certamente seria obrigado a duvidar dela. Mas, como sou justificado unicamente por causa de Cristo, minha esperança de salvação está firmada somente n'Ele. Se eu tivesse agarrado a Cristo como meu Salvador por um exercício livre de minha própria vontade, sem a assistência da graça divina, teria grande motivo de temer que, pela mudança de minha vontade volúvel, também pudesse perdê-Lo. Mas, como Cristo foi encontrado por mim, mesmo quando não O procurava, certamente, depois de assim encontrá-Lo, Ele não se retirará de mim. Aquele que me conduziu da sombra da morte (Lc 1:79) para Sua luz e liberdade maravilhosas não permitirá que eu volte às terríveis trevas que antes envolviam minha alma. “*Os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis*” (Rm 11:29), no que diz respeito à vontade de Deus. Oh, como gostaria de ser igualmente inabalável em meus desejos e propósitos santos! O tesouro da graça e da bênção divinas está sempre à disposição, mas, oh, como a mão da fé se torna muitas vezes fraca e lânguida para receber seus dons! Entretanto, poderei apreender plenamente a Cristo, pois sei que, uma vez que Ele se revelou a mim em Sua palavra e promessas, certamente me concederá a graça de descansar confiantemente nelas. Guardarei minha fé por meio de todas as ajudas, consolações e defesas da oração fervorosa, e, como Jacó de outrora (Gn 32:26), não deixarei o Senhor até que Ele me abençoe com Sua salvação. Pelo poder de Deus, é possível ser guardado para a salvação eterna (1Pe 1:5). Esse

poder alegre e conforta minha alma, enquanto a consciência de minha fraqueza me oprime e entristece. “*A força do Senhor se aperfeiçoará na minha fraqueza*” (2Co 12:9); ah, Ele me fortalecerá, pois d’Ele somente vem toda a força da fé. A graça de Deus alegra meu coração, enquanto minha indignidade diante d’Ele me aterroriza. Contudo, se eu fosse digno em mim mesmo, minha salvação não seria pela graça, mas por mérito (Rm 11:6). E, se fosse por obras, certamente não seria pela graça, pois graça não é graça de fato, a menos que seja completamente gratuita. Portanto, não olho para minhas obras como fundamento de salvação. O que nelas está errado, Deus corrigirá; o que falta, Ele suprirá graciosamente; o que é pecaminoso, Ele apagará misericordiosamente. O que Ele não imputar a mim será como se nunca tivesse existido. Assim, somente porque minha salvação é de Deus, ela é segura e imutável.

# **MEDITAÇÃO XLIII. A CONSIDERAÇÃO DIÁRIA DA MORTE.**

*Meditar sobre a morte é viver.*

Ó alma fiel, esteja pronta para a chegada da morte a qualquer momento, pois, a cada hora, ela está à tua espreita. Pela manhã, ao te levatares de tua cama, pensa que este pode ser, porventura, o último dia de tua vida; e, à noite, ao te deitares para dormir, considera que esta pode ser tua última noite sobre a terra. Seja o que for que faças ou o que planejes fazer, reflete sempre antecipadamente se o farias caso soubesses que, neste exato momento, deverias morrer e ser chamado ao tribunal de Deus. Achas que, simplesmente porque não estás sempre atento à morte, ela deixa de se aproximar de ti a cada instante? Ou imaginas que pensar nela fará com que chegue mais cedo? Quer a penses ou não, quer fales dela ou não, a morte está sempre à tua espreita. A vida não nos foi dada como uma posse absoluta, mas como um empréstimo em confiança; assim como vieste ao mundo, dele sairás; nu vieste, nu partirás (Jó 1:21). A vida é uma peregrinação e, após vagar aqui e acolá neste mundo por um tempo, deves enfim retornar a Deus. Habitas neste mundo apenas como inquilino, um peregrino, e não como senhor em posse perpétua. A cada hora, considere para onde você está, momento a momento, apressando-se tão rapidamente.

Enganamo-nos tristemente se pensamos que a morte ocorre apenas com o último suspiro aqui; ao contrário, dia após dia, hora após hora, momento a momento, estamos morrendo. Passo a passo, o futuro da vida se aproxima de nós e, ao mesmo tempo, a morte avança em nossa direção. Cada momento adicionado à vida é, simultaneamente, um momento subtraído dela. A morte nunca chega de repente; sempre nos aproximamos dela gradualmente, passo a passo. Esta vida é um caminho que percorremos; a cada dia completamos uma parte dele. Vida e morte parecem distantes uma da outra, mas, na verdade, estão tão próximas quanto possível. A vida escorre constantemente, como se tivesse asas rápidas, enquanto a morte sempre paira perto, pronta para nos derrubar. Como viajantes no oceano, que se aproximam cada vez mais do porto, embora, sendo levados rapidamente pelo navio, muitas vezes não percebam ou pensem nisso, assim também, na jornada da vida, qualquer que seja nossa ocupação — seja comendo, bebendo ou dormindo — estamos sempre nos aproximando da morte. Muitos passaram pela vida buscando apenas os meios e recursos para sustentá-la.

Ninguém pode encontrar a morte alegremente, a menos que tenha, por longo tempo, olhado para ela com calma e serenidade. Morre diariamente para ti mesmo enquanto vives, para que, ao morreres, possas viver com Deus. Antes de morrer, que teus pecados morram em ti; que em tua vida o velho Adão morra em ti, para que em tua morte Cristo viva em ti; que em tua vida o homem exterior pereça dia após dia, para que em tua morte o homem interior seja renovado em ti. A morte simplesmente nos



transfere do tempo para a eternidade tal como estamos, pois *“onde a árvore cair, ali permanecerá”* (Ec 11:3). Quão ansiosamente, então, devemos considerar a hora da morte! O tempo está passando rapidamente, e os infinitos alcances das eras eternas se estendem diante de nós; no tempo, então, prepara-te para a eternidade! O que será nossa porção na eternidade — a bem-aventurança dos redimidos ou os tormentos dos perdidos — é determinado naquela única hora da morte; sim, naquele único momento, a felicidade eterna é conquistada ou perdida. Que cuidadosa e ansiosa preparação, ó alma fiel, debes fazer para a hora de tua morte! Não será difícil pensar com leveza em todas estas coisas terrenas perecíveis, se estiveres constantemente atento à tua mortalidade. Pensa em teus olhos se obscurecendo na escuridão da morte, e facilmente *“os desviarás de contemplar a vaidade”* (Sl 119:37); pensa em teus ouvidos se tornando surdos na morte, e será fácil para ti fechá-los para palavras ímpias e impuras; pensa em tua língua se endurecendo na morte, e certamente serás mais cuidadoso com tua conversa vã. Considera as lutas e agonias da hora da morte, e facilmente desprezarás os deleites mundanos; considera como todos os que partem devem deixar para trás todos os seus bens, e então a pobreza aqui não te parecerá tão grave. Pensa em como todo o corpo se torna pálido e horrendo no abraço da morte, e então os esplendores e glórias deste mundo não te atrairão tanto. Contempla com pesar e lamentação como a alma é arrancada de seu lar no corpo, e mais facilmente evitarás a culpa do pecado. Pensa em como teu pobre corpo cederá à corrupção no túmulo, e não será difícil humilhar a disposição ao orgulho tão manifesta em tua carne. Na morte, serás deixado sozinho, desprovido de todos os confortos e companhias das

criaturas; considera isso, e então poderás facilmente voltar teu amor para o Criador. Pensa em como a morte te vigiará ansiosamente, para que não tragas nada desta vida contigo, e facilmente desprezarás as riquezas deste mundo. Aquele que, nesta vida, morre diariamente no pecado, passará pela morte para o terrível castigo da morte eterna; e ninguém entrará na vida eterna se não começar aqui a viver em Cristo Jesus. Para que, ao chegares a morrer, possas viver, implanta-te agora em Cristo por uma fé viva.

Como então tu és sensível ao fato de que a morte pode ser esperada a qualquer momento, deixe que isso esteja constantemente em tua mente. Sempre carregamos conosco nossos pecados; por que, então, não carregar constantemente o pensamento da morte, pois *“o salário do pecado é a morte”* (Rm 6:23)? Se desejas escapar da amargura da morte, observa as palavras de Cristo (Jo 8:51). A fé nos une a Cristo e, se estamos em Cristo, não morreremos, pois o próprio Cristo é nossa vida. *“Aquele que se une ao Senhor é um só espírito com Ele”* (1Co 6:17), e assim a alma fiel não morrerá eternamente, porque o Deus eterno é sua vida. Os filhos de Israel passaram com segurança pelo Mar Vermelho para a Terra Prometida, enquanto Faraó e seu exército foram afogados em suas profundezas (Êx 14). Assim, para os piedosos, a morte é realmente o início de sua verdadeira vida e a porta aberta para as glórias do Paraíso. Mas, para os ímpios, a morte não é o fim de seus males; é simplesmente uma transição dos males sofridos aqui para os maiores que se seguirão após a morte; uma passagem da primeira morte para o maior horror da segunda morte (Ap 20:14).

Tão íntima e estreita é a união entre Cristo e os crentes que a morte não pode dissolvê-la (Rm 8:38-39); mas, nas terríveis sombras da morte, a graça divina os acompanha, iluminando o caminho para a glória. Para aquela hora difícil, o próprio Cristo envia comboios de anjos para acompanhar e proteger os Seus amados. Os corpos dos santos são templos do Espírito Santo (1Co 6:19), e o Espírito Santo nunca permitirá que esses templos sejam completamente destruídos pela morte. A Palavra de Deus é uma semente incorruptível (1Pe 1:23); a morte não destrói essa semente, mas ela permanece escondida nos corações do povo de Deus e, no tempo certo, Ele a fará germinar em nova vida.

# MEDITAÇÃO XLIV. CONSOLAÇÃO NA MORTE DOS AMIGOS.

*Morrer é ganho.*

Alma devota, mantém Cristo, teu abençoado Salvador, sempre em mente, e não temerás a morte. Se te afliges ao pensar nas agonias da morte, consola-te ao contemplar o grandioso poder de Cristo, teu Senhor. Os israelitas não podiam beber as águas de Mara devido à sua amargura, até que o Senhor mostrou a Moisés uma árvore *“a qual ele lançou nas águas, e as águas se tornaram doces”* (Êx 15:25). E, se temes a amargura da morte, não temas, pois Deus te mostra uma árvore que transformará essa amargura em doçura: o Renovo que brotou da raiz de Jessé (Is 11:1). Esse Renovo é Cristo, que disse: *“Se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte”* (Jo 8:51). Nossa vida aqui é repleta de fardos; é uma bênção encontrar conforto e alívio em meio às suas misérias. Afinal, não é o cristão que morre, mas apenas seus sofrimentos. Essa partida da alma, que chamamos de morte, não é uma saída, mas uma transição. Não perdemos os nossos entes queridos, apenas os enviamos à nossa frente; eles não morrem, mas se elevam a uma vida superior; não nos abandonam nem se separam de nós para sempre, apenas nos precedem no mundo de glória. Eles não estão perdidos para nós, mas separados de nós por um tempo. Quando o homem bom morre, ele passa a viver uma nova vida; e, enquanto depositamos

seu corpo em lágrimas, ele se regozija nos indizíveis ganhos do mundo da glória.

Nossos amigos morrem, mas isso significa que deixam de pecar, e suas inquietudes, lutas e misérias também cessam. Eles morrem na fé; isso significa que, daquilo que é apenas a sombra de uma vida aqui, passam para a verdadeira vida além; das trevas e mistérios deste mundo, são transferidos para a gloriosa luz do céu; de peregrinos entre os homens, partem para habitar para sempre com Deus. A vida é uma viagem por um mar tempestuoso; a morte é o porto seguro para onde nos dirigimos. Não devemos lamentar que nossos queridos tenham morrido, mas nos alegrar porque, do mar tempestuoso da vida, eles passaram com segurança ao porto do descanso eterno. Esta vida é um longo e cansativo cárcere, e a morte é uma gloriosa liberdade; por isso, o velho Simeão, às portas da morte, exclamou: *“Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo”* (Lc 2:29). Ele desejava partir, como alguém confinado em uma prisão. Alegremo-nos, então, porque nossos entes queridos foram libertos deste cárcere e agora alcançaram perfeita liberdade. Assim, o Apóstolo tinha o desejo de partir e estar com Cristo (Fp 1:23), como se sentisse que, enquanto estivesse no corpo, estava miseravelmente preso. Devemos lamentar e entristecer porque nossos amigos se livraram dessas algemas corporais e agora se alegram na verdadeira liberdade? Devemos vestir trajes de luto por eles, quando eles vestem as vestes brancas dos redimidos? Pois está escrito que aos eleitos foram dadas vestes brancas, como símbolo de sua inocência, e palmas em suas mãos, como emblemas de vitória (Ap 7:9). Devemos nos

atormantar com lágrimas e gemidos, quando “*Deus enxugará dos seus olhos toda lágrima*” (Ap 7:17; Is 25:8)? Devemos lamentar por nossos amados, aumentando nossas cargas, enquanto eles estão no lugar de bem-aventurança, onde não há dor, nem choro, nem sofrimento (Ap 21:4), e onde descansam de seus trabalhos (Ap 14:13)? Devemos nos afundar em tristeza com sua partida, enquanto eles, na companhia dos anjos de Deus, exultam em verdadeira e eterna alegria?

Como é bendito partir deste mundo, Cristo indicou claramente quando respondeu aos seus discípulos, cujos corações estavam cheios de tristeza porque Ele lhes dissera que iria partir: “*Se me amásseis, alegrar-vos-íeis, porque eu disse: Vou para o Pai; pois meu Pai é maior do que eu*” (Jo 14:28). Suponha que estivesse em uma tempestade furiosa no mar, com ondas violentamente agitadas ameaçando engolir teu navio; não buscarias o porto mais próximo com toda urgência? Vê, o mundo está ruindo, mostrando sinais de que “*o fim de todas as coisas está próximo*”; e não darás graças a Deus, nem parabenizarás teus entes queridos que partiram, porque agora, seguros com Deus, escaparam da ruína iminente, do terrível naufrágio e das pragas horríveis que ameaçam este mundo? Nas mãos de quem a salvação dos teus amados está mais segura do que nas mãos de Cristo? Onde suas almas podem habitar mais seguramente do que no reino celestial? Ouve as palavras do santo Apóstolo: “*Morrer é ganho.*” Ah! É grande o ganho de escapar do crescente fardo do pecado aqui; é um ganho fugir dos males aflitivos deste mundo; é um ganho entrar na posse das melhores coisas que Deus preparou para aqueles que o amam. Se aqueles que

perdeste eram muito queridos para ti, que Deus agora seja ainda mais querido, porque foi do agrado d'Ele levá-los para a glória. Não censure o Senhor, pois Ele não tirou nada além do que Ele mesmo deu; Ele apenas tomou o que é d'Ele, não teu (Jó 1:21). Não te irrites porque o Senhor escolheu retomar o que apenas te havia emprestado. O Senhor vê os males que estão por vir e, em Seu amor, retirou teus queridos das calamidades que Ele viu se aproximando.

Aqueles que morrem no Senhor descansam de seus labores, enquanto os que deixaram neste mundo sofrem graves aflições e tormentos, mesmo em circunstâncias de conforto material e grandeza, como nos palácios dos reis. Se perdeste entes queridos pela morte, convence-te de que em breve estarás novamente com eles, e então serão mais caros a ti do que jamais foram; estão separados de ti por um breve tempo, mas, por uma eternidade bem-aventurada e sem fim, estarás reunido a eles. Pois nutrimos a certeza e a bendita esperança de que logo partiremos daqui, como alguns de nossos queridos já o fizeram, e que nos dirigiremos àquela vida onde, ao conhecermos melhor nossos amados, os amaremos mais profundamente do que jamais os amamos aqui, sem qualquer temor de algo que possa manchar nosso amor perfeito. Não importa quantos serão ou quantos já foram: aquela grande assembleia no mundo celestial acolherá nossas almas com seu abraço jubiloso. Lá, com alegria indizível, reconheceremos os rostos de nossos amados perdidos e teremos doces conversas com eles através das eras eternas. Lá, a irmã andarà de mãos dadas com o irmão, e os filhos com seus pais; e nenhuma noite jamais interromperá as alegres

festividades daquele dia eterno. Não te detenhas, portanto, tanto sobre a hora triste em que teus amigos te deixaram, mas sobre o tempo jubiloso em que te serão restaurados na manhã da ressurreição. Quando nossa fé na ressurreição é forte e firme, a morte perde muito de seu terror; encaramo-la antes como um sono tranquilo. Podemos encontrar indícios da ressurreição em toda a natureza ao nosso redor. O sol se põe diariamente para inaugurar o esplendor de um novo dia. A planta que jaz morta durante o longo inverno renasce com a chegada da primavera. A lendária fênix, mesmo na morte, se reproduz. À medida que as estações terminam, começam novamente, continuando em sucessão constante. O fruto chega à maturidade e morre para gerar outros frutos a partir de sua semente. A menos que a semente decaia e morra, não brotará em frutificação. Assim, na natureza, todas as coisas perpetuam-se por meio da morte; e da morte sempre surge uma nova vida. Suponhamos, então, que Deus colocou diante de nós tais tipos na natureza sem propósito? Atribuiremos mais poder à natureza em suas ressurreições naturais do que a Deus, que promete ressuscitar nossos corpos no último dia? Aquele que dá vida a sementes mortas e apodrecidas (1Co 15:37), de modo que forneçam sustento para tua vida aqui, muito mais ressuscitará do morto teu próprio corpo e os corpos de teus amigos, e com eles viverás eternamente. Deus chamou teus amados para seus próprios leitos (Is 57:2); não lhes negues, rogo-te, o santo descanso que lá desfrutam; será apenas por um breve momento, e eles ressuscitarão novamente.



Talvez esperasses que teus amados fossem membros úteis da Igreja militante aqui na terra, mas aprouve a Deus transferi-los para a Igreja triunfante acima; e, como aprouve a Deus, que te agrade também. Talvez esperasses que adquirissem vastos tesouros de sabedoria terrena, mas aprouve a Deus que antes aprendessem a verdadeira sabedoria na escola celestial; e, como aprouve a Deus, que te agrade também. Talvez fosse a doce esperança de teu coração que teus amados ressuscitados *“fossem retirados do pó e postos entre príncipes”* (Sl 113:8), mas aprouve a Deus exaltá-los à companhia dos príncipes do céu, até mesmo os santos anjos; e, como aprouve a Deus, que te agrade também. Talvez esperasses que acumulassem grandes riquezas na terra, mas aprouve a Deus que, em vez disso, entrassem na posse das inconcebíveis delícias do reino celestial; e, como aprouve a Deus, que te agrade também.

Ó Deus justo, Tu deste; Tu tomaste; bendito seja o Teu santo nome para todo o sempre (Jó 1:21).

# MEDITAÇÃO XLV. O JUÍZO FINAL.

*Considera com santo temor o tribunal de Cristo.*

*“O Pai a ninguém julga, mas confiou todo o julgamento ao Filho” (Jo 5:22). Sei, ó Senhor Jesus, que, ao vires como o justo Juiz de toda a terra, revelarás os atos secretos, palavras e pensamentos de todos os homens (1Co 4:5). Naquele terrível dia, sobre nós estará nosso temível Juiz; sob nós, um inferno voraz; dentro de nós, uma consciência acusadora; e fora de nós, um fogo ameaçador. À direita, nossos pecados se erguerão para nos acusar; à esquerda, os demônios do inferno para nos amedrontar. Os anjos bons estarão ali para barrar o caminho ao céu, e os anjos maus para apressar nossa queda ao mais profundo inferno. Ó bendito Senhor Jesus, a quem recorrerei em tal estado miserável? Como disse Jó (Jó 9:28): “Temo todas as minhas dores”, sabendo que não podes poupar justamente nenhum pecador culpado. Ali estarei entre o tempo e a eternidade; o tempo rapidamente se esvai, enquanto as eras infinitas da eternidade me aguardam. Nesse terrível julgamento, os espíritos malignos reivindicarão todas as suas obras, e os atos perversos que me persuadiram a praticar serão apresentados para minha condenação, para que arrastem minha alma miserável com eles ao inferno. “E todo o exército dos céus será dissolvido, e os céus se enrolarão como um livro; e todo o seu exército cairá, como cai a folha da videira e como cai o figo da figueira” (Is 34:4). “Então, a lua se envergonhará, e o sol se*

*confundirá” (Is 24:23). E se essas obras de Tuas mãos, ó Deus, que nunca praticaram o mal, fugirão da Tua presença, como poderei eu, um pecador miserável, esperar aparecer diante de Ti? “Sim, até os céus não são puros aos Seus olhos. Quanto mais abominável e imundo é o homem, que bebe iniquidade como água!” (Jó 15:15-16). “E se o justo dificilmente se salva, onde aparecerá o ímpio e o pecador?” (1Pe 4:18). Para onde, então, fugirei? Para quem me voltarei senão para Ti, ó Senhor? Tu serás o Juiz de meus pecados, mas também morreste por eles! “Pois o Pai a ninguém julga, mas confiou todo o julgamento ao Filho” (Jo 5:22). Sim, o Pai confiou todo julgamento ao Filho, mas, por outro lado, o Filho foi entregue por nossos pecados (Rm 4:25). “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito” (Jo 3:16), não para julgar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele. Como, então, me julgarás, ó Senhor Jesus, se o Pai Te enviou para que, por Ti, eu fosse salvo? Terminaste perfeitamente a vontade do Pai em todas as coisas; como falharás em fazê-lo ao salvar um pecador tão miserável como eu?*

*“Não é da vontade de vosso Pai, que está nos céus, que um destes pequeninos se perca” (Mt 18:14). Verdadeiramente sou um destes pequeninos aos Teus olhos e aos meus; pois o que sou senão pó e cinza? (Gn 18:27). Não só sou pó e cinza aos Teus olhos, mas, em relação ao crescimento na piedade, sou muito pequeno e insignificante. Portanto, ó Senhor Jesus, cumpre em mim, um de Teus pequeninos, a vontade de Teu Pai que está nos céus.*

Tu vieste ao mundo, ó Senhor Jesus, *“para salvar o que estava perdido”* (Mt 18:11); como, então, julgarás quem ardentemente deseja ser salvo por Ti? Sei que meus pecados se levantarão em julgamento contra mim, clamando vingança, mas, ó bendito Jesus, transferiste meus pecados para Ti. Tu és *“o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”* (Jo 1:29), e por que não os meus também? Como me condenarás por meus pecados se morreste por eles? Tu morreste pelos pecados de todo o mundo (1Jo 2:2), por que não também pelos meus? Ó bendito Senhor Jesus, se desejavas julgar tão severamente, por que foste constrangido a deixar Teu lar celestial, tornar-Te homem e obediente até à morte, e morte de cruz? Os demônios me acusarão, requerendo de minha alma os atos malignos que me persuadiram a praticar. Mas *“o príncipe deste mundo está julgado”* (Jo 16:11), e *“o príncipe deste mundo vem, e nada tem em Mim”* (Jo 14:30). E se ele nada tem em Ti, certamente nada terá em mim; pois eu creio em Ti, ó Senhor Jesus, e por isso Tu habitas em mim e eu em Ti (Jo 14:23). Se, então, Satanás me acusar, ele acusará Teu amigo; se ele me acusar, ele acusará Teu irmão; se ele me acusar, ele acusará o bem-amado Filho do eterno Pai. E como julgarás severamente Teu amigo, Teu irmão, Teu filho? A lei de Moisés me julgará naquele dia e pronunciará maldição contra mim: *“Maldito aquele que não confirmar todas as palavras desta lei para as cumprir”* (Dt 27:26). Mas Tu, ó Cristo, *“me resgataste da maldição da lei, fazendo-Te maldição por mim”* (Gl 3:13). A lei de Moisés pode pronunciar uma maldição sobre mim por causa de meus pecados, mas Tu pronunciarás uma bênção, pois anseio ouvir Tua voz dizendo: *“Vinde, benditos de Meu Pai, herdai o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo”* (Mt 25:34). A lei pode me acusar, mas Tu

nunca o farás; antes, intercederás por mim (Rm 8:34). Não temo a maldição da lei, pois *“apagaste o escrito de dívida que era contra nós”* (Cl 2:14). As almas perdidas se levantarão e me condenarão naquele dia, declarando que mereço a mesma condenação que elas. Livrementemente confesso, ó Senhor Jesus, que por meu pecado e culpa não mereço melhor destino do que o delas. Contudo, minha humilde confissão e meu conhecimento salvador de Ti fazem-me diferente delas. *“Aquele que ouve a Minha palavra, e crê n’Aquele que Me enviou, tem a vida eterna e não entrará em condenação”* (Jo 5:24). Ouço Tua palavra, ó Senhor Jesus, e creio em Ti, embora minha fé seja fraca. *“Senhor, eu creio; ajuda a minha incredulidade”* (Mc 9:24). *“Senhor, eu creio, mas aumenta minha fé”* (Lc 17:5). Ainda que eu não esteja livre dos pecados dos condenados, da incredulidade Tu me libertarás, ó Senhor.

Todos esses meus acusadores encham meu coração de terror, mas pensar em Ti, ó meu justo Juiz, dá nova coragem à minha alma. O Pai Te entregou todo o julgamento (Jo 5:22); confiou todas as coisas às Tuas mãos (Mt 11:27); e, ainda assim, entregou-Te por nós todos (Rm 8:32). Mais ainda, Tu mesmo Te entregaste pela Igreja, para santificá-la e purificá-la pela lavagem da água, pela palavra (Ef 5:26). Como julgarás severamente aqueles por quem Te entregaste à morte, e morte de cruz (Fp 2:8)? *“Ninguém jamais odiou a sua própria carne; antes, a nutre e cuida dela, como também Cristo à Igreja; porque somos membros do Seu corpo, da Sua carne, e dos Seus ossos”* (Ef 5:29-30).

# MEDITAÇÃO XLVI. O DESEJO DA VIDA ETERNA.

*Sempre olhe para cima, ó minha alma.*

Ó alma devota, não deves fixar o teu coração nesta vida passageira, mas naquela que perdurará para sempre. Que os teus desejos subam até aquele lugar abençoado, onde há juventude perpétua sem as enfermidades da velhice; onde a vida nunca mais será seguida pela morte; onde a alegria abençoada não se mistura com a tristeza e onde há um reino imutável e eterno. Se a beleza aqui tem algum encanto para ti, lembra-te de que *“os justos brilharão como o sol no reino de seu Pai”* (Mt 13:43). Se a atividade e a força te encantam, lembra-te de que os eleitos *“são como os anjos de Deus no céu”* (Mt 22:30). Se uma vida longa e saudável te parece especialmente desejável, lá tu te alegrarás em saúde eterna. Se anseias por plena satisfação aqui, alegra-te, pois os eleitos serão saciados quando acordarem com a semelhança do Senhor (Sl 17:15). Se a música te encanta, lá o coro angelical cantará os louvores de Deus para todo o sempre. Se o teu coração se volta para prazeres puros e santos, lá Deus te fará beber do rio de Seus prazeres (Sl 36:8). Se a sabedoria te atrai, lá a infinita sabedoria de Deus será revelada a ti. Se a amizade é deliciosa para ti aqui, lá tu amarás a Deus muito mais do que a ti mesmo, e Deus te amará mais do que tu te amas. Se a comunhão cristã e a concórdia te agradam, lá, entre todos os

exércitos do céu, haverá apenas um coração e uma mente. Se o poder te atrai, lá todas as coisas serão fáceis para ti, pois compartilharás do próprio poder de Deus, desejando apenas o que está em perfeita harmonia com a santa vontade d'Ele. Se a honra e as riquezas têm atrativos para ti, lá Deus fará Seus fiéis servos governantes sobre muitas coisas (Mt 25:23). Se anseias por verdadeira segurança, consola-te, pois no céu é certo que a felicidade eterna nunca te faltará. Ela não poderá ser perdida por tua própria vontade, nem Deus, teu Pai celestial, te privará dela, nem haverá qualquer poder no universo capaz de te separar d'Ele. Tudo o que os eleitos possam desejar, lá o encontrarão para sua infinita satisfação, pois verão face a face Aquele que é tudo em todos (1Co 13:12). As bênçãos que desfrutarás lá serão imensuráveis, incontáveis e inconcebivelmente preciosas. Lá nos alegraremos com a saúde eterna do corpo, a pureza da alma, as riquezas da glória divina e a companhia perpétua dos anjos e santos, enquanto nossos corpos brilharão no esplendor da glória de Deus. Oh! Como os redimidos se alegrarão nos deleites de sua morada celestial, na abençoada sociedade daquele reino e na glorificação de seus corpos! Oh! Como exultarão ao pensar no mundo que, por amor a Cristo, desprezaram, e nas terríveis tormentas do inferno que escaparam! A coroa mais insignificante da vida eterna será infinitamente preferível a mil mundos, porque ela é infinita, enquanto estes são apenas finitos. Não precisamos temer que diferentes graus de glória no céu causem inveja nos corações dos redimidos, pois a unidade do amor reinará em todos. E, por causa desse amor supremo, a alegria de um será a alegria de todos. Não há bem maior no céu ou na terra do que Deus. E, assim, não pode haver maior nem mais perfeita alegria do que ver Deus e possuí-Lo. Deliciar os olhos em Deus, ainda

que por apenas um momento, superará todas as alegrias da terra, pois O veremos como Ele é, e Deus estará em nós e nós em Deus.

Nesta jornada da vida, temos Cristo constantemente conosco, porém velado aos nossos olhos sob a Palavra e os Sacramentos. Aqui, não podemos conhecê-Lo pela visão ou pelo toque direto de Seu bendito corpo; mas, na vida futura, O veremos face a face, quando, à Sua mesa no reino celestial, Ele nos distribuir aquele pão da vida que satisfará plenamente nossas almas famintas — assim como os dois discípulos O reconheceram, não pelo caminho, mas enquanto Ele Se assentava à mesa e partia o pão com eles (Lc 24:31). A cidade celestial, a santa Jerusalém, não possui templo feito por mãos humanas, nem necessita do sol ou da lua, *“porque o Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro são o templo dela”* (Ap 21:22), *“e a glória do Senhor a ilumina, e o Cordeiro é a sua luz”* (Ap 21:23). Ali, a visão gloriosa sucederá à fé; o desfrute real, à esperança; e a fruição perfeita, ao amor. Na construção do templo de Salomão, *“não se ouviu martelo, nem machado, nem qualquer instrumento de ferro”* (1Rs 6:7); assim também, na Jerusalém celestial, não haverá dor nem tribulação, porque os materiais deste templo — isto é, suas pedras espirituais (1Pe 2:5) — já foram preparados de antemão neste mundo, por meio da dor e tribulação. A visita da rainha de Sabá a Salomão (1Rs 10:1-2) pode representar uma alma redimida apressando-se em direção a Cristo na Jerusalém celestial; ela vem com um grande cortejo de santos anjos, trazendo diversas virtudes como seus dons de ouro e pedras preciosas.



Admira-se da sabedoria de Cristo, o Rei; das fileiras de Seus servos, ou seja, os anjos e os santos redimidos; do alimento de Sua mesa, que é a abundância do eterno banquete que Ele lhes prepara; de suas vestes gloriosas, que representam a beleza e graça de seus corpos glorificados; do esplendor de Sua casa, que simboliza a magnitude e magnificência do palácio celestial; e dos sacrifícios oferecidos continuamente, isto é, os incessantes louvores que se elevam a Ele. E, em espanto, a alma confessará que jamais poderia ter acreditado como possível aquilo que agora seus olhos contemplam.

Toma coragem, ó alma fiel, e volta teus pensamentos para os bens celestiais que te estão reservados; teu espírito deve, desde já, direcionar-se para onde em breve habitarás. Devemos, no tempo presente, esforçar-nos em direção ao lugar onde permaneceremos por toda a eternidade. Esteja certo: aquele que não deseja a glória do Senhor não entrará nela. Esperas um dia estar na presença de Deus; então, busca a santidade, pois Ele mesmo é santo (Lv 11:45). Anseias pela companhia dos anjos no céu; cuida, então, para não repelir agora seus suaves ministérios com teus pecados. Almejas a bem-aventurança eterna; por que, então, desejas tão ardentemente os bens desta vida? Procuras a cidadania nos céus; por que, então, desejas tão intensamente *“uma cidade permanente aqui”* (Hb 13:14)? Anseias ver teu Salvador, Cristo; por que, então, temes a morte? Teme, com razão, a morte quem teme entrar na presença de Cristo. Estás destinado a entrar na Jerusalém celestial; oh, por que, então, te contamina tanto com o pecado, quando está claramente escrito

que *“nela não entrará coisa alguma impura”* (Ap 21:27)? Desejas comer do fruto da árvore da vida (Ap 22:2); mas deves primeiro abraçar Cristo, a verdadeira árvore da vida, nesta vida, pois está escrito: *“Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestes e as tornam brancas no sangue do Cordeiro”* (Ap 7:14), para que tenham direito à árvore da vida e entrem na cidade pelas portas (Ap 22:14). *“Fora estão os cães e os feiticeiros”* (Ap 22:15); guarda-te, pois, da impureza e da luxúria. Fora estão *“os homicidas”*; guarda-te da ira excessiva. Fora estão *“os idólatras”*; guarda-te da avareza e de fazer ídolos de objetos mundanos. Fora estão *“os mentirosos”*; guarda-te de todo artifício astuto do pecado e de tudo o que exale falsidade. Se desejas ser admitido às bodas do Cordeiro, deseja também a vinda de Cristo, teu Esposo. *“O Espírito e a Esposa dizem: Vem!”* (Ap 22:17). Mas, se não possuis o penhor do Espírito, pelo qual clamar: *“O Senhor vem!”*, Cristo, o Esposo, jamais te admitirá às Suas núpcias celestiais. Não és uma verdadeira noiva se não desejas a vinda de teu Esposo. Queres um nome e um lugar no novo céu e na nova terra (Ap 21:1); por que, então, fixas teu coração nos bens perecíveis desta vida? Queres ser participante da natureza divina; por que, então, te agarras tão obstinadamente a esses vãos confortos terrenos? Ansiando por aquela *“edificação de Deus, casa não feita por mãos, eterna nos céus”* (2Co 5:1), por que não desejas que esta morada terrestre seja dissolvida? Desejas ser *“revestido de tua habitação celestial”* (2Co 5:2); por que, então, não te preparas para isso, para que não sejas encontrado nu?

Se a adorável Trindade não habitar em teu coração pela fé nesta vida, nunca, na vida futura, essa Trindade habitará em ti para tua inefável glória. Se não desfrutas aqui os primórdios da vida eterna em tua alma, jamais te regozijarás em sua plena fruição lá.

# MEDITAÇÃO XLVII. A VISÃO BEATÍFICA DE DEUS NO CÉU.

*O céu é nossa pátria.*

*“Na casa de meu Pai há muitas moradas”, disse nosso Salvador (Jo 14:2). Oh! Como anseio ver esse lugar, ó Senhor, onde preparaste uma mansão eterna para mim! “Pois sou um estrangeiro contigo e peregrino, como todos os meus pais o foram” (Sl 39:12). “Poucos e maus foram os dias dos anos da minha peregrinação” (Gn 47:9); e nesta vida de exílio, anseio por meu lar celestial, “porque a nossa cidadania está nos céus” (Fp 3:20). Anseio contemplar “a bondade do Senhor na terra dos viventes” (Sl 27:13). Nossa vida aqui é como uma sombra vã: “meus dias são como um palmo, e a minha idade é como nada diante de Ti” (Sl 39:5-6). “E agora, Senhor, que espero eu? Não é por Ti?” (Sl 39:7). Ó Senhor Jesus, “quando virei e me apresentarei diante de Ti?” (Sl 42:2). “Assim como o cervo brama pelas correntes das águas, assim a minha alma suspira por Ti, ó Deus” (Sl 42:1). Ó verdadeira, perfeita e ilimitada alegria! Ó alegria sobre alegria! Ó alegria que supera toda alegria, sem a qual não há alegria! Oh, quando entrarei nesse lugar abençoado de alegria, e ali contemplarei meu Deus? “Quanto a mim, contemplarei a Tua face em justiça” (Sl 17:15). “À Tua direita há delícias perpetuamente” (Sl 16:11). “Ficarei satisfeito com a*

*gordura da Tua casa, e me farás beber do rio das Tuas delícias; pois contigo está o manancial da vida” (Sl 36:8-9).*

Ó vida tão aguardada! Ó bem-aventurança inefável daquele tempo, quando a Adorável Trindade será a plenitude de todos os nossos desejos, a quem contemplaremos para sempre, a quem nunca cessaremos de amar e a quem louvaremos incessantemente por todos os séculos. Ver a Deus – ah, isso superará todas as alegrias da terra! Contemplar o rosto de Cristo, viver com Cristo, ouvir a voz de Cristo, excederá de longe os desejos mais ardentes de nossos corações. Ó Senhor Jesus, benditíssimo Esposo da minha alma, quando levarás minha alma ao Teu palácio real como Tua esposa honrada? O que me faltará ali que Tu não proverás? O que mais poderemos desejar ou esperar, quando o próprio Deus será tudo em todos (1Co 15:28)? Oh, Ele será como beleza para meus olhos, mel para meu paladar, música para meus ouvidos, bálsamo para minhas narinas e uma flor para meu toque. Deus será então tudo em todos, distribuindo as bênçãos de Seu reino a cada um conforme o desejo de seu coração. Se desejas vida, saúde, paz ou honra, ali Deus será tudo em todos para tua alma! O que aqui é obscuro e misterioso, mesmo para os mais sábios da Igreja, será então claro e evidente, até mesmo para as menores crianças. Cristo, em Sua humanidade glorificada e bendita, estará presente conosco, e com suavíssima voz revelará os mistérios ocultos de nossa salvação. Doce será Sua voz, e amável o Seu semblante (Ct 2:14); a graça está derramada em Seus lábios (Sl 45:2); e Ele está coroado de glória e honra (Sl 8:5).

E se Deus for tudo em todos, certamente Ele nos concederá a plenitude do conhecimento, a perfeição da paz e o poder contínuo da memória por toda a eternidade. Deus Filho satisfará nossos intelectos com o mais pleno conhecimento; Deus Espírito Santo satisfará nossas vontades com o amor mais santo; e Deus Pai gravará em nossas memórias a lembrança infalível de ambos. Tu, ó Deus, és a Luz; *“na Tua luz veremos a luz”* (Sl 36:9), isto é, veremos a Ti mesmo, na glória de Tua face, quando Te contemplarmos face a face. Não apenas Te veremos, mas também viveremos Contigo; não apenas isso, mas também Te louvaremos; e, mais ainda, seremos partícipes de Tua alegria; e, além disso, seremos como os anjos de Deus (Mt 22:30), sim, como o próprio Deus, que é bendito para todo o sempre (1Jo 3:2).

Ó alma fiel, em admiração e espanto, adora a maravilhosa compaixão de teu Salvador. Não apenas Ele nos recebe, inimigos que éramos, em Sua graça, mas também perdoa nossos pecados, nos justifica gratuitamente, nos faz herdeiros da herança celestial, nos torna semelhantes aos santos anjos, sim, até mesmo semelhantes a Ele próprio. Ó bendita cidadania dos santos! Ó Jerusalém celestial! Ó santa morada da santíssima Trindade, quando entrarei nos átrios sagrados de Teu templo? O templo dessa Jerusalém celestial é o Cordeiro (Ap 21:22), sim, o *“Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo”* (Jo 1:29), o Cordeiro imolado desde a fundação do mundo (Ap 13:8). Oh, quando adorarei meu Deus nesse templo santo, isto é, Deus em Deus? Quando raiará para mim aquele sol celestial (Ap 21:23) que ilumina todos esses átrios sagrados? Exilado ainda estou de

minha pátria celestial, mas uma bela herança está reservada para mim (Sl 16:6). Aos que creem em Seu nome é dado o poder de se tornarem filhos de Deus (Jo 1:12). E, se filhos, *“também herdeiros; herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo”* (Rm 8:17).

Consola-te, ó minha alma, e que tuas aspirações se elevem cada vez mais em direção à herança celestial! *“O Senhor é a porção da minha herança”* (Sl 16:5), *“e meu grandíssimo galardão”* (Gn 15:1). Que mais poderia o compassivo amor de Deus conceder? Ele nos dá a vida; Ele nos dá Seu Filho unigênito; Ele nos dá a Si mesmo. E, se houvesse algo maior no céu ou na terra, Ele também nos teria dado. Em Deus vivemos (At 17:28), somos o templo de Deus (1Co 3:16), possuímos Deus aqui em espírito e mistério, mas lá em realidade e verdade. Lá, nossas esperanças se tornarão bem-aventurada realidade. Lá, não seremos apenas peregrinos, mas habitaremos em uma morada segura para todo o sempre!

# MEDITAÇÃO XLVIII. A BENDITA COMPANHIA DOS ANJOS NO CÉU.

*O céu é o nosso lar!*

*“Na ressurreição, nem se casam, nem se dão em casamento, mas são como os anjos de Deus no céu”* (Mt 22:30). Quem pode descrever adequadamente o estado bem-aventurado dos redimidos no céu? Qual coração humano já concebeu as coisas que Deus preparou para aqueles que o amam (1Co 2:9)? Os eleitos de Deus, com corpos glorificados na ressurreição, sem mais temor da morte e sem nenhuma mancha ou corrupção, desfrutam da visão beatífica de Deus no céu. *“Vi Deus face a face, e a minha vida foi preservada”* (Gn 32:30), exclamou o piedoso patriarca Jacó. Se uma visão momentânea de Deus pôde produzir tamanha alegria, o que será a visão eterna de Deus? Se um breve vislumbre de Deus, como Ele apareceu em forma humana, trouxe vida e salvação à alma de Jacó, certamente, quando virmos Deus face a face no céu, isso trará vida eterna e bem-aventurança infinita às nossas almas. O que mais poderia ser acrescentado para encher a taça da bem-aventurança no céu? O que mais, além dessa visão beatífica de Deus, os redimidos poderiam desejar? Contudo, além disso, desfrutarão da doce e bendita companhia dos anjos de Deus; e mais, eles mesmos serão como os anjos, na atividade de seus corpos celestes, em seu esplendor e em sua



imortalidade. Revestir-nos-emos das mesmas vestes de santidade e, diante do trono do Cordeiro, vestidos com roupas brancas, cantaremos eternos hinos de louvor ao Senhor nosso Deus (Ap 7:9). Coroas de glória, semelhantes às dos anjos, adornarão nossas cabeças, e, nas mesmas bênçãos daquele estado imortal, também nos regozijaremos. *“Certamente morreremos, porque vimos Deus”*, exclamou Manoá (Jz 13:22). Mas, ali, veremos *“milhares de milhares, e dez mil vezes dez mil”* (Dn 7:10) anjos e viveremos para sempre.

E, se havemos de ser como os anjos no céu, não precisamos mais temer que, naquele lugar santo, possamos, pelo pecado, nos tornar diferentes deles. Despojaremos as vestes imundas de nossas naturezas pecaminosas e seremos revestidos com as vestes da salvação, com a túnica branca da santa inocência (Is 61:10). Naquela morada abençoada, as tribulações não mais nos oprimirão, paixões iradas não mais nos angustiarão, inveja e ódio não mais nos perturbarão, desejos insensatos não mais nos inquietarão e ambições nocivas não mais nos inflamarão. Este peso do pecado não mais nos sobrecarregará, nem seremos obrigados a lamentar as manchas do pecado com lágrimas de arrependimento, nem viveremos em constante temor de suas feridas mortais para nossas almas. Pois *“o Leão da tribo de Judá”* (Ap 5:5) venceu o pecado e Satanás, e, em Sua força, todos nós triunfaremos.

E, se seremos como os anjos, então, de fato, não mais teremos fome nem sede. Deus será o alimento de nossas almas,

e n'Ele seremos plenamente satisfeitos, nem jamais nos faltará provisão de amor e graça. Está escrito sobre os redimidos: *“Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calor algum cairá sobre eles. Porque o Cordeiro, que está no meio do trono, os apascentará e os conduzirá às fontes das águas da vida”* (Ap 7:16-17), e deles fluirão rios de água viva (Jo 7:38); e será preparado um banquete com manjares gordurosos e vinho envelhecido (Is 25:6). Enquanto participarmos desse festim celestial, exultaremos com grande alegria em nossos corações. Ó bendito Senhor Jesus, que todas essas alegrias que prometeste se cumpram em nós, em espírito e em verdade. Do fruto da vide beberemos no reino de Teu Pai (Mt 26:29), mas em espírito e em verdade. As palavras que nos disseste são espírito e vida (Jo 6:63); e, assim, na linguagem deste mundo, Tu nos revelas as alegrias que nos aguardam no mundo vindouro.

E, se seremos como os anjos, certamente não mais temeremos a morte; *“a morte foi tragada na vitória”* (1Co 15:54); a morte será destruída para sempre, e *“o Senhor Deus enxugará as lágrimas de todos os rostos”* (Is 25:8). Ali haverá alegria sem tristeza, saúde sem dor, vida sem fadiga, luz sem trevas; ali, nosso amor nunca se esfriará, nossa alegria nunca diminuirá, gemidos de dor jamais serão ouvidos, tristeza jamais será experimentada, e a eterna felicidade será nossa posse infalível. Ali teremos segurança certa, tranquilidade segura, deleite tranquilo, felicidade deleitosa, uma eternidade feliz, uma bem-aventurança eterna, a bendita Trindade, a unidade triúna, a unidade da Divindade e a visão beatífica de Deus. Consola-te, ó minha alma, e eleva-te a uma apreciação cada vez maior da

honra que Cristo te concedeu! Unir-nos-emos à gloriosa companhia de anjos e arcanjos e nos associaremos com fileiras e fileiras de inteligências celestes: tronos, dominações, principados e potestades (Cl 1:16). E não apenas isso, mas seremos também semelhantes a eles. Ali conheceremos nosso anjo da guarda nesta vida e não ficaremos sem o seu santo ministério, mas nos alegraremos com sua bendita companhia. Não precisaremos mais de seus cuidados protetores, mas sua sociedade será fonte constante de alegria, e contemplaremos com visão purificada o seu esplendor celestial.

E, se seremos como os anjos, então esses corpos frágeis, fracos e mortais serão transformados e se tornarão corpos espirituais, ativos como os anjos e imortais. Eles brilharão com o próprio esplendor da glória divina, devido à sua proximidade com Deus, que habita em uma *“luz inacessível”* (1Tm 6:16) e que *“Se cobre de luz como de um manto”* (Sl 104:2); e serão incorruptíveis, porque serão como os anjos, ou melhor, porque serão transformados à semelhança do corpo glorificado de Cristo (Fp 3:21). São semeados aqui em corrupção, mas ressuscitarão em incorrupção; são semeados em desonra, mas ressuscitarão em glória; são semeados em fraqueza, mas ressuscitarão em poder; é semeado corpo natural, mas ressuscitará corpo espiritual (1Co 15:42-44); brilhará como o fulgor do firmamento para sempre (Dn 12:3). Vem, ó bendito Senhor Jesus, ó vem e faze-nos participantes de Tua glória celestial.

# MEDITAÇÃO XLIX. A SEVERIDADE DA PUNIÇÃO FUTURA.

*Tenha sempre em mente os tormentos do inferno!*

Medita, ó alma devota, sobre a gravidade da punição futura, e facilmente vencerás todo desejo vil e pecaminoso. O tormento futuro significará a presença de tudo o que é vil e pecaminoso, e a total ausência de tudo o que é bom. Que mal imaginável pode faltar àqueles que estão sendo punidos pelo pecado, o maior de todos os males? E que bem possível podem desfrutar os que estão banidos da presença de Deus, o bem mais elevado? Ali, naquele mundo de sofrimento, haverá o calor do fogo e o rigor do frio; trevas perpétuas, e a fumaça do tormento subindo para sempre. Lá, as lágrimas escaldantes da dor fluirão incessantemente; a visão horrível dos demônios do inferno aterrorizará as almas dos perdidos. Ali haverá choro e ranger de dentes para sempre; o tormento de uma sede perpétua e inextinguível, vapores sulfurosos, o verme que não morre, um medo horrível, dores indescritíveis, e vergonha e confusão de rosto, enquanto se deparam com o registro negro de seus pecados desdobrado diante deles. Inveja, ódio, tristeza e a exclusão eterna da visão beatífica de Deus assolarão as almas, sem um raio de esperança que alivie a terrível escuridão daquele lugar de tormento eterno. A luz daquele fogo, pelo poder de Deus, será separada de seu poder de queimar: sua luz será fonte

de alegria eterna para os santos de Deus, mas seu poder ardente contribuirá para o tormento eterno dos condenados. Aos perdidos, sua luz jamais trará consolação, nem apresentará qualquer objeto de prazer, mas servirá para aumentar o sofrimento, revelando horrores sempre novos. Seus olhos jamais verão a luz do sol, da lua ou das estrelas, nem os santos redimidos ou o Salvador glorificado, mas sim os demônios do inferno e toda a hoste dos condenados. Seus gritos de desespero ressoarão incessantemente, e *“a fumaça de seu tormento subirá para todo o sempre.”* Seus ouvidos serão continuamente afligidos pelos gritos desesperados e blasfêmias incessantes dos demônios. Seus paladares sofrerão com uma sede inextinguível e uma fome insaciável, e ainda assim serão privados de toda capacidade de desfrutar de comida e bebida. Seu olfato será torturado pelos horríveis odores das chamas sulfurosas. O tato, por sua vez, experimentará, por dentro e por fora, a mais extrema agonia das chamas ardentes daquele fogo infernal, que penetrará até a medula dos seus ossos!

Os corpos dos condenados serão horivelmente deformados, lentos e desajeitados. A memória os torturará com o registro de seus pecados, e o fardo de sua tristeza não será o terrível pecado, mas a perda das antigas alegrias desta vida. Uma faísca do fogo do inferno causará mais angústia horrível aos pecadores perdidos do que se as dores do parto se prolongassem por mil anos; *“haverá choro e ranger de dentes”* (Mt 22:13), *“porque o seu verme não morrerá, nem o seu fogo se apagará”* (Is 66:24). Cada pecado cometido no corpo terá, ali, sua punição peculiar. Assim como a alma redimida não terá desejo no reino de Deus

que não seja satisfeito, a alma perdida nos reinos do desespero não terá sequer um desejo satisfeito. Não servirá de nada aos perdidos o fato de que, nesta vida, desfrutaram as coisas boas do mundo em grande profusão; ao contrário, a simples lembrança delas aumentará seu tormento horrível. Não lhes servirá de nada o fato de que viveram em festas e embriaguez, pois ali não poderão obter sequer uma gota de água para refrescar suas línguas ressecadas. Não lhes valerá de nada o fato de se terem vestido com roupas luxuosas, pois ali serão vestidos de vergonha e confusão, e seus corpos miseráveis estarão cobertos de ignomínia. De que adiantará para eles os honrados títulos terrenos, pois no inferno não haverá honra, mas dor contínua e gemidos de desespero? De que adiantarão os montes de riquezas que acumularam nesta vida, se ali todos serão igualmente pobres? Longe estarão da visão beatífica de Deus! E não ver a Deus superará todos os outros castigos do inferno. Ah, se essas almas perdidas, encerradas na terrível prisão do inferno, pudessem olhar para o rosto de seu Deus, isso dissiparia todo o sentido de punição, dor e tristeza. A terrível ira de Deus elas sofrerão, mas jamais, jamais, verão Seu rosto abençoado! Experimentarão o banimento de Sua face, mas nunca olharão para esse rosto santo. A santa ira de Deus manterá acesas as chamas da condenação eterna. E sua punição não será apenas a remoção da contemplação abençoada de Deus, mas serão atormentados pela visão perpétua dos demônios, cujos escravos voluntários foram nesta vida. Se a visão de um espectro suposto aqui causa tal terror na alma que quase a priva da vida, como suportarão a horrível visão dos demônios para sempre? Não apenas os perdidos serão forçados a conviver eternamente com esses demônios do inferno, mas isso acrescentará à sua terrível

miséria o fato de que, por toda a eternidade, serão atormentados e torturados por esses mesmos espíritos malignos.

Se o diabo aflige os justos de maneira tão severa nesta vida, com permissão de Deus, para seu benefício, oh, como ele torturará de forma temível os perdidos que são entregues ao seu poder para sempre! E não apenas serão atormentados por Satanás exteriormente, mas também por uma consciência acusadora interior, como um verme que não morre; a consciência formará diante de seus olhos uma visão sombria de todos os pecados que cometeram. E seu tormento será ainda mais severo, pois não haverá mais espaço para arrependimento. Quando as virgens prudentes entraram com o Noivo, imediatamente a porta foi fechada; isto é, a porta da graça divina, a porta da misericórdia, a porta do consolo, a porta da esperança, a porta da conversão santa. Então os perdidos clamarão e dirão às montanhas e às rochas: *“Caíam sobre nós e nos escondam da face d'Aquele que está sentado no trono e da ira do Cordeiro”* (Ap 6:16); mas que clamor vago, pois os céus e a terra fugirão da Sua ira, como está escrito: *“Toda ilha fugiu, e os montes não foram encontrados”* (Ap 16:20). Cada circunstância ou presente que acrescenta à bem-aventurança e glória dos redimidos, só acrescentará à miséria e tormento dos perdidos. Haverá, de fato, graus de punição, mas isso não trará consolo, nem mesmo para aquele que sofrer a menor das aflições eternas; enquanto aquele que sofrer os maiores tormentos invejará aquele que sofrer menos. Não será atenuação das suas terríveis misérias saber que alguns de seus parentes e amigos foram admitidos na morada celestial, assim como os redimidos não sentirão tristeza

por saber que alguns de seus amigos passaram para o lugar de tormento eterno. Tão horrível será sua dor e tormento que tudo o mais será excluído de suas mentes.

Os condenados carregarão um ódio amargo contra todas as criaturas de Deus; odiarão a si mesmos, os santos anjos, os eleitos de Deus, e até o próprio Deus, não por causa de algo em Sua santa natureza, mas por causa de Sua justa punição de seus pecados. Os males desta vida vêm, em grande parte, isoladamente. Um é afligido pela pobreza, outro sofre com uma doença grave, outro é oprimido por uma dura servidão, e outro é sobrecarregado com um fardo de insultos e afrontas. Mas naquele mundo de miséria, uma infinidade de males torturará cada alma perdida; cada faculdade, cada membro do corpo sofrerá a terrível pena do pecado. Nesta vida, a esperança serve para aliviar todo fardo, mas ali a esperança terá desaparecido para sempre de seus corações; as punições do inferno não durarão apenas para sempre, mas durarão sem um único momento de interrupção ou alívio. E assim, se fosse possível que todos os homens nascidos de Adão até os dias de hoje, e os que ainda nascerão, compartilhassem igualmente a punição que será justamente infligida à alma perdida no inferno por apenas um pecado, a tortura que cada um sofreria superaria todos os tormentos já sofridos pelos malfeitores neste mundo.

Ó, querido Senhor, ajuda-nos a manter em mente esta punição eterna, para que, por Tua graça, possamos ser preservados de sofrer seus horríveis tormentos!



# MEDITAÇÃO L. A ETERNIDADE DO CASTIGO FUTURO.

*O Castigo do Pecado é Eterno.*

Medite por um tempo, ó alma devota, sobre a eternidade da punição futura, e perceberás mais claramente sua terrível severidade. As chamas do inferno ardem e queimam sem fim, para sempre e sempre. A vida dos perdidos é morrer eternamente; sua morte é viver em tormento eterno. O diabo nunca se cansa de atormentar os perdidos, nem a morte jamais virá em seu auxílio. O fogo consome sempre, para que sempre se mantenha vivo; esses tormentos estão sempre aumentando, para que sempre se renovem; os perdidos estão sempre morrendo, para que sempre vivam; e vivem sempre, para que sempre continuem morrendo! Aquele que será atormentado para sempre, sem qualquer cessação, afundará a alma no desespero mais profundo. O que pode ser mais intolerável do que desejar sempre algo que nunca pode ser realizado, e desejar que algo termine que nunca pode terminar? Nesse mundo eterno, os perdidos nunca obterão o que tanto desejam, e, ainda assim, o que mais abominam, isso serão obrigados a sofrer para sempre. Quando a ira santa de Deus contra o pecado cessar, cessará a punição dos condenados; mas essa ira é eterna, e assim será a punição deles. Quando os perdidos exercitarem verdadeira penitência, então poderão ser libertados de seus pecados; mas o

tempo para o arrependimento passou, e não resta mais esperança de perdão divino. Quando os demônios cessarem de atormentar, os perdidos cessarão de ser atormentados; mas a raiva infernal do diabo jamais cessará, e nem então cessarão os tormentos dos perdidos. Quando a justiça eterna de Deus mudar, a punição dos condenados cessará; mas Deus nunca poderá deixar de ser justo, e assim seus tormentos continuarão para sempre. É apenas justiça estrita que aqueles que nunca deixaram de pecar nesta vida nunca deixarão de sofrer por isso naquela. É justo que a vingança nunca termine sobre aquela alma que, enquanto pôde, nunca desejou terminar sua carreira de pecado. Os condenados passaram sua própria eternidade, ou seja, esta vida terrena, em pecado persistente; e é justo e correto que passem a eternidade de Deus sofrendo por seu pecado. Eles cessaram de pecar porque cessaram de viver; e não teriam demonstrado desejo algum de cessar de pecar se tivessem podido prolongar suas vidas eternamente, para que pudessem pecar eternamente.

O combustível das chamas do inferno, ou seja, as manchas e sujeiras do pecado, é eterno; e, assim, sua punição será justamente eterna. Os olhos de Deus nunca se fecharão para a terrível gravidade do pecado na alma condenada; como então a temível penalidade pronunciada contra o pecado poderia ser relaxada? O pecado é uma ofensa infinita, porque é cometido contra um Deus infinito; e Cristo pagou por sua satisfação um preço infinito, sendo justo, portanto, que aqueles que voluntariamente morrem em pecado sofram uma pena infinita por isso. O homem, por seu pecado, destruiu o bem eterno que havia

nele; e, assim, pelo justo e imparcial julgamento de Deus, sofre o mal eterno. Deus, no princípio, criou o homem à Sua própria imagem para que vivesse em bem-aventurança com Ele para sempre; e o renovou, após sua queda no pecado, à imagem de Cristo. Ele preparou para todos os meios de salvação eterna e ofereceu a todos suas grandes recompensas; não é mais do que justo que aqueles que desprezaram essas recompensas assim oferecidas sejam submetidos a uma punição eterna. A vontade de fazer o mal nunca será tirada dos perdidos, nem a punição dessa vontade jamais cessará. Eles, de maneira tola, preferiram os prazeres passageiros e os bens efêmeros deste mundo a Deus, o Bem infinito; suas aspirações eram todas pelos deleites desta vida breve e transitória, em vez dos inefáveis tesouros da vida eterna; e é justo que sofram as punições do destino eterno.

Ó eternidade sem limites! Ó eternidade imensurável! Ó eternidade que confunde a compreensão da mente finita; como tuas idades ilimitadas aumentarão os tormentos dos condenados! Após o transcurso de eras incontáveis, o pensamento ainda virá com força esmagadora: este é apenas o início de seu tormento eterno. Que grande aflição consideramos ser, aqui na terra, o fato de um enfermo permanecer deitado, incapaz de se mover, mesmo sobre o mais macio dos leitos, por um breve período de trinta anos! Mas, oh, o que será arder naquele *“lago que queima com fogo e enxofre”* por trinta mil milhares de anos? Ó eternidade, eternidade, como apenas tu aumentas, de forma imensurável, os tormentos dos condenados! Severo, de fato, é o castigo deles por causa da amarga dor dos tormentos que sofrerão; mais severo ainda é pela diversidade desses tormentos;

mas o pensamento de que eles durarão para sempre, sem diminuição, sem cessação, é o pior de tudo. Será morte sem morte, fim sem fim, perecer sem perecer; pois essa morte é uma morte eternamente viva; esse fim é um começo incessante; e esse perecer não conhece fim. Essas pobres almas perdidas buscarão a vida e não a encontrarão; *“desejarão morrer, e a morte fugirá delas”* (Ap 9:6); e após cem mil, mil, mil anos, simplesmente sofrerão tormentos renovados, sem fim! O próprio pensamento da interminabilidade de sua dor os atormentará mais do que o senso da dor eterna em si. O que pode ser concebido como mais intolerável do que morrer estando sempre vivendo, e viver estando sempre morrendo? Essa vida será sem vida, e essa morte será sem morte! Se és vida, por que morres, e se és morte, como suportas para sempre?

Nossas mentes não podem compreender a ideia de eternidade; assim como ela não pode ser delimitada por nenhuma medida de tempo, também não pode ser compreendida por nenhuma mente finita. Se desejares obter alguma noção da duração eterna, pensa no tempo antes da criação do mundo. Se puderes encontrar um ponto no tempo em que Deus teve um começo, então também poderás determinar quando os sofrimentos dos condenados terminarão. Imagina uma montanha cuja altura ultrapassa a distância entre a terra e o céu; supõe que uma águia carregue dessa montanha um único grão da mais fina areia a cada mil anos. Poderíamos conceber que, após um incompreensivelmente longo período de eras, essa tarefa poderia ser concluída e a montanha inteiramente removida; e, ainda assim, não podemos esperar que as chamas do inferno sejam

algum dia extintas. As recompensas dos salvos jamais terão fim, e os castigos dos condenados também não; pois, assim como a misericórdia de Deus para com os eleitos é infinita, igualmente será Sua justiça para com os réprobos. Supõe que os tormentos dos condenados sejam, em sua espécie, tão numerosos quanto as gotas do oceano. Agora imagina que, ao final de cada mil anos, um pequeno pássaro desça e beba uma minúscula gota de água desse vasto oceano. Poderíamos esperar que, com o tempo, as águas desse oceano se esgotassem; mas não podemos esperar que os tormentos dos condenados algum dia, algum dia, cheguem ao fim.

Ó alma devota, que a eternidade do castigo futuro esteja sempre diante de tua mente; lembrar-se do inferno assim pode prevenir que acabes nele no final. Cuida para que te arrependas enquanto ainda perdura o tempo do perdão! O que consumirá aquele fogo, senão teus pecados? E quanto mais acumulares iniquidades, mais combustível estarás preparando para essas chamas eternas.

Ó bendito Senhor Jesus, que ofereceste plena satisfação por nossos pecados por meio de Tua amarga paixão, guarda-nos da condenação eterna no fim! Amém.

# **MEDITAÇÃO LI. A RESSURREIÇÃO ESPIRITUAL DOS JUSTOS.**

*Ressuscitar com Cristo é Vida.*

A ressurreição de Cristo não te é útil, a menos que Cristo também ressuscite em tua alma. Assim como Cristo deve ser concebido em ti, nascido em ti e viver em ti, da mesma forma Ele deve ressuscitar em ti. A morte precede toda ressurreição, pois não pode ressuscitar quem não morreu primeiro; assim é em relação à nossa ressurreição espiritual. Cristo não ressuscitará em ti, a menos que o velho Adão primeiro morra em ti; o homem interior do Espírito não ressuscita até que o homem exterior da carne esteja morto e sepultado; a novidade do Espírito não aparecerá até que a velhice da carne desapareça. E não basta que Cristo ressuscite em tua alma apenas uma vez, pois o velho Adão não pode ser destruído em um único momento. A velha natureza pecaminosa luta diariamente para viver novamente em ti; e diariamente deves destruí-la para que Cristo possa começar a viver em ti. Cristo não ascendeu ao céu nem entrou em Sua glória, até depois de Sua ressurreição da morte (Lc 24:26); e assim não entrarás na glória celestial até que Cristo primeiro ressuscite e viva em ti. Se Cristo não viver em ti, não és parte de Seu corpo místico; e se não és parte de Seu corpo na Igreja militante na terra, Ele não te conduzirá vitoriosamente para Sua

Igreja triunfante no céu. O noivado sempre precede o casamento, e se tua alma não foi noivada com Cristo pela fé (Os 2:19), e selada com a promessa do Espírito Santo, nunca aparecerá no casamento do Cordeiro (Ap 19:7). Portanto, deixe Cristo ressuscitar e viver em ti, para que possas viver eternamente com Ele no céu. Esta é a primeira ressurreição. *“Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes a segunda morte não tem poder”* (Ap 20: 5, 6). Se desejas aparecer nessa ressurreição para a vida eterna, Cristo deve ressuscitar diariamente em tua alma nesta vida.

Cristo ressuscitou dos mortos *“ao nascer do sol”* (Mc 16:2), e assim, se Cristo ressuscitar em ti, a luz do conhecimento salvífico de Deus surgirá em tua alma. Mas como pode haver tal luz onde ainda reina a grossa escuridão do pecado? *“O temor do Senhor é o princípio da sabedoria”* (Sl 111:10); mas como pode haver sabedoria celestial onde o favor do Senhor não tem lugar? E se alguém estiver completamente destituído da luz do conhecimento de Deus nesta vida, como poderá ser partícipe da luz eterna de Deus na vida que há de vir? Os filhos da luz apenas passam para as glórias da luz eterna, enquanto os filhos das trevas passam para a escuridão terrível da escuridão eterna. Cristo, em Sua ressurreição, triunfou sobre a morte, e assim, a alma em quem Cristo ressuscita espiritualmente passará da morte para a vida (Jo 5:24); nem poderá ser vencida pela morte, pois Cristo, a Morte da morte, vive nela. Cristo, pela Sua ressurreição, trouxe a *“justiça eterna”* (Dn 9:24); *“Ele foi entregue por nossas ofensas, e ressuscitou para nossa justificação”* (Rm 4:25), e igualmente é justificado do pecado aquele em quem Cristo ressuscita

espiritualmente, pois como pode o pecado encontrar lugar onde a perfeita justiça de Cristo floresce na vida? Mas essa justiça se torna nossa por meio da fé. Nosso Senhor Jesus Cristo, por Sua gloriosa ressurreição, roubou de Satanás sua vitória sobre nós, pois, com Sua descida ao inferno, Cristo destruiu seu reino, despojou *“o palácio do homem forte e despedaçou as armas nas quais ele confiava”* (Lucas 11:22), e assim Satanás nunca mais poderá prevalecer sobre aquele em quem Cristo ressuscita espiritualmente, pois não pode ser conquistado por Satanás aquele em quem o Vencedor de Satanás vive.

Na ressurreição de Cristo houve um grande terremoto (Mt 28:2), e assim é que, quando uma alma ressuscita com Cristo para uma nova vida, é acompanhada por sérias comoções e verdadeira contrição de coração. O velho Adão não será vencido em nós sem intensas lutas e grande resistência. Portanto, a ressurreição espiritual de Cristo em nossas almas será acompanhada por grande comoção interna, por agitação séria e profunda do coração; o pecado deve ser destruído primeiro, e isso não pode ocorrer sem um reconhecimento penitente do pecado, com séria e sincera contrição por ele. Esta contrição interna do coração precede qualquer ressurreição espiritual com Cristo. O profeta Isaías disse: *“Como um leão Ele quebrou todos os meus ossos”* (Is 38:13). Vejam quão grande é a comoção aqui! Mas ele imediatamente acrescenta: *“Ó Senhor, por estas coisas os homens vivem, e em todas estas coisas está a vida do meu espírito, assim Tu me recuperarás e me farás viver; Tu lançaste todos os meus pecados atrás das Tuas costas”* (Is 38:16-17). Eis aqui uma ressurreição espiritual do pecado.



Quando Cristo ressuscitou dos mortos, um anjo do Senhor desceu do céu e se assentou sobre o sepulcro (Mt 28:2); assim, se Cristo ressuscitar espiritualmente em ti, alegrar-te-ás na companhia dos anjos. Onde o velho Adão ainda vive e reina, Satanás se regozija em habitar, mas onde Cristo vive e reina, os anjos amam habitar. Pois está escrito que *“há alegria na presença dos anjos de Deus sobre um pecador que se arrepende”* (Lc 15:10). E na alma de tal pessoa Cristo ressuscitou espiritualmente. A alma que ainda não experimentou essa ressurreição espiritual de Cristo está sem a graça de Deus, e, portanto, privada da guarda dos santos anjos; ainda está sob o domínio da velha natureza não renovada do pecado e do diabo; e que possível comunhão pode haver entre os santos anjos e o diabo?

Após Sua ressurreição, Cristo apareceu a Seus discípulos e mostrou-Se vivo a eles (Lc 24:15); assim, se tu te tornaste participante de Sua ressurreição pela fé, mostra-te um membro vivo de Seu corpo por meio das tuas obras de amor e caridade. Um homem não pode ser considerado vivo se não manifestar os sinais e as obras da vida. Quando a alma é possuída por Cristo, o Espírito Santo ali habitará e conduzirá a alma a todo o bem; pois *“os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus”* (Rm 8:14). *“Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito”* (Gl 5:25). O sol espalha o brilho de seus raios por todos os lados, e a luz da fé se difunde por todos os lados em obras ardentes de amor. Retira a luz do sol, e então poderias separar as obras de amor para com os nossos semelhantes da fé

em Deus. Nossos pecados são obras mortas (Hb 9:14); e se caminhares em obras mortas, como poderás viver em Cristo e Cristo em ti? O pecado pertence e é uma manifestação daquela velha natureza não renovada dentro de nós, e se o velho Adão ainda reina em ti, como pode Cristo ter ressuscitado espiritualmente em tua alma? O pecado pertence à velha carne, e se caminhares nisso, como pode o novo homem viver em ti?

Ergue-nos, ó bendito Jesus, da terrível morte do pecado, para que possamos daqui em diante andar em novidade de vida contigo. Que a Tua morte, ó Cristo, mate o velho Adão em nós, e que a Tua ressurreição chame à nova vida o nosso homem interior! Que o Teu precioso sangue nos purifique de todos os nossos pecados, e que a Tua ressurreição nos vista como com uma vestidura de justiça! Pois a Ti, ó Tu, Verdadeira Vida, ardentemente desejamos nós que estivemos mortos em pecado; a Ti, ó Tu, Verdadeira e Única Justiça, voltamo-nos com corações ansiosos nós que tão tolos nos afastamos de Ti pelos nossos pecados; a Ti, ó Tu, Verdadeira Salvação, olhamos com corações cheios de desejo, nós que fomos condenados à morte eterna por nossos pecados. Ó, vivifica-nos pelo Teu Espírito! Justifica-nos pela Tua graça! E salva-nos por causa da Tua misericórdia! Amém.